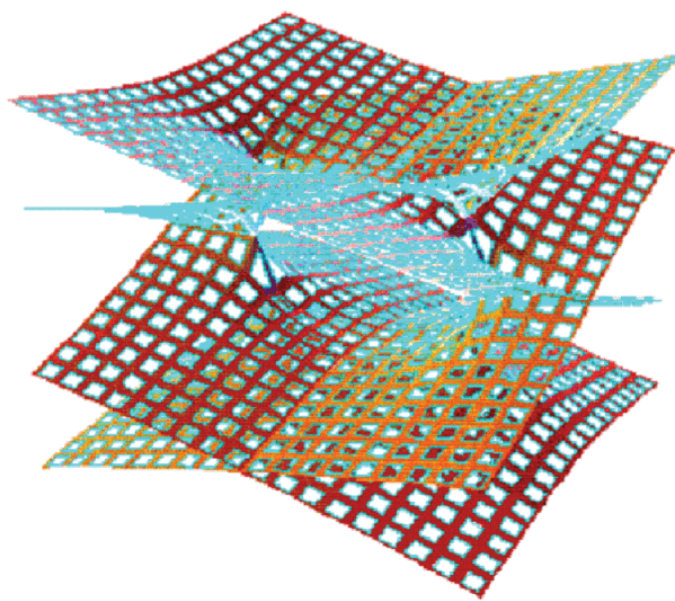
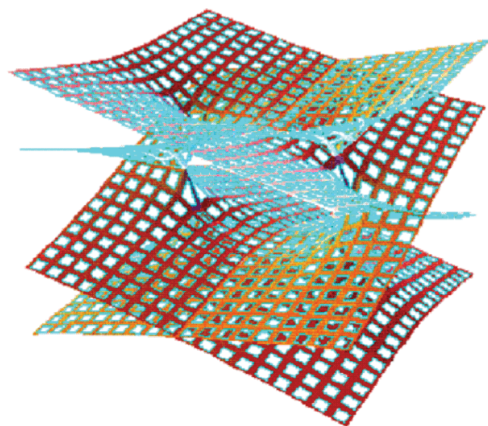




WUNSCH 25

BOLETIM INTERNACIONAL
DA ESCOLA DE PSICOANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

Março 2025



WUNSCH

Número 25, março 2025

CONTRIBUIÇÕES DOS MEMBROS DO CIG 2023-2024

“SABER E IGNORÂNCIA NA
PASSAGEM À ANALISTA”
VIII^o ENCONTRO INTERNACIONAL DE
ESCOLA
2 de maio de 2024, Paris

EDITORIAL

Wunsch 25! O nosso “desejo” de Escola tem, portanto, um quarto de século!

De um texto a outro, este número 25 do Boletim da EPFCL ecoa esse desejo de uma “Escola em provação” entre as 28 contribuições que o compõem. Esperamos que essas vozes cruzadas atravessassem as fronteiras linguísticas e geográficas da IF-EPFCL e que Wunsch 25 transporte para lá o que constitui a orientação e a inquietação necessárias para uma comunidade de Escola “*in progress*”.

“A Escola ou a provação.”¹ lançou Lacan em 1967 na primeira versão da Proposição.

As interrogações dos membros do CIG 2023-2024 sobre sua experiência nos cartéis do passe, bem como as apresentações feitas durante o VIII Encontro da Escola *Saber e Ignorância na Passagem à Analista*, todas passaram pela provação do dizer. Um pouco mais maldizer, um pouco melhor bem dito o que está nesta passagem, nesta conexão, “aquela em que o psicanalista passa ao psicanalista”²

Assim, quase todos os textos publicados nesta Wunsch 25 evocam o paradoxo fundamental que articula a função da fala e o ato de enunciação, a transferência e o ato do psicanalista, o impossível e o contingente. Cada um à sua maneira avança e se interroga sobre o que há nesse ponto radical, arcaico, ousou Lacan, aquilo “que devemos absolutamente supor na origem do inconsciente, isto é, desse algo pelo qual, na medida em que o sujeito fala, ele só pode avançar cada vez mais na cadeia, no desenrolar dos enunciados, mas que, caminhando em direção aos enunciados, por esse mesmo fato, na enunciação ele elide algo que é propriamente aquilo que ele não pode conhecer, a saber, o nome do que ele é como sujeito da enunciação.”³

Este ponto inefável, é preciso dizê-lo: é a aposta da experiência do passe, do dispositivo que o acolhe e das pessoas que se comprometem a apoiar esta “comunidade de experiência”.

¹ Lacan, J. Primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola” Outros Escritos, (SEUIL 586)

² “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” SEUIL 252

³ Lacan, J. O seminário IX A Identificação, inédito, lição do dia 10 de janeiro de 1962.

Nosso desejo por uma Escola envolve uma escolha radical: ousar “pontos de dizer”⁴ para que a doxa não confunda ainda mais a “sombra espessa” que logicamente tende a cobrir esta passagem.

É preciso dizer: Também nos agrada que a publicação de Wunsch 25, que celebra um quarto de século do "espírito dos Fóruns" desta Escola, seja contemporânea da reedição em francês de "A Psicanálise, não um pensamento único"⁵ e de sua publicação quase simultânea em espanhol e português.

Esperamos, portanto, que o Simpósio Interamericano de Buenos Aires e a Convenção Europeia de Veneza, ambos em julho de 2025, façam ressoar aqui e ali os vários acentos do desejo pela psicanálise.

Dominique Touchon Fingermann
Secretária do CIG 2023-2024
pela Europa

⁴ Soler C. Ponto de vista, Wunsch 25, p.

⁵ Soler C., Soler L., Adam J., Silvestre D. Psicanálise, não o pensamento único. Ed.: história de uma crise singular -Fórum do Campo Lacaniano São Paulo. – São Paulo: FCL-SP, 2024.

CONTRIBUIÇÕES
DOS MEMBROS
DO CIG
2023-2024

A PRÁTICA ANALÍTICA DO PASSANTE

Carolina Zaffore
Secretária do CIG pelas Américas
Buenos Aires, Argentina

“Não vou considerá-lo no nível, onde eu esperava há dois anos,
poder fechar o circuito, --- que ficou interrompido--- do ato em que se fundamenta,
em que se institui como tal o psicanalista.
Vou considerá-lo no nível das intervenções do analista,
uma vez instituída a experiência em seus limites precisos” (Lacan 1969)¹.

Da raiz de um dos passes que escutei e que resultou em nomeação, recorto um fragmento do testemunho que localizava o decisivo que foi, em termos da autorização como analista, o contexto em que a passante apresentou sua renúncia a um trabalho assistencial, institucional, sustentado durante anos, para voltar-se mais decididamente para a prática analítica. Na cadência do texto que no procedimento do passe é sempre a várias vozes vimos que tal decisão esteve envolvida nos movimentos psicanalíticos da época, que pulverizavam um gozo persistente no sintoma principal. Encontrei aí um efeito ao mesmo tempo didático e clínico que me leva hoje a escrever estas linhas para dividir com vocês uma pergunta que o procedimento do passe pode apontar. Como se conectam logicamente o ato inaugural em que se funda um psicanalista com seu fazer cotidiano? Como se articula esse momento da fase final de uma análise com o início e sustentação das análises que alguém conduz?

Destaco com a citação do epígrafo os dois planos presentes em toda a interrogação do ato analítico. Se no seminário 15 está acentuada a perspectiva da autorização inaugural de alguém que está transitando na fase final de sua análise, no seminário 17 Lacan desenvolverá o assunto sob outro ângulo, o das intervenções. Um primeiro plano destaca a lógica do momento do passe de analisante a analista, enquanto que o segundo plano destaca melhor seu lado pragmático. Essa segunda perspectiva do ato analítico se pesquisa não tanto no momento fundante próprio da fase final da análise do analista mas em sua prática ao longo do tempo.

Encontro nessa expressão circunstancial de Lacan *se passa passando o passe* um modo de destacar, através do tempo verbal formal, a importância da variável temporal na hora de distinguir a assunção do ato analítico de suas consequências a desdobrar-se na diacronia do fazer de um analista com seus analisantes. Dito de outra maneira, o passe cotidiano de sujeito a objeto que encarnamos como analistas tem como condição aquele momento instituinte do passe propriamente dito que é logicamente anterior, como ressaltou Lacan. Claro que nos resta pensar como, em que contextos, sob que modalidade, poderíamos continuar nos interrogando sobre essa articulação em condições atuais. O que sabemos é que a ética do ato analítico sem comparações ou semelhanças e nem normas predeterminadas, rege a política de uma cura e que dentro dos diversos modos de verificação contamos com o procedimento do passe, que foi variando e tendo suas vicissitudes desde sua invenção até a data de hoje.

Então, a partir desse duplo plano do ato analítico e de minha primeira participação nos cartéis do passe, extraio dois fatos a pôr em consideração:

- 1- a baixa proporção de nomeações em relação aos passes escutados
- 2- a alta proporção de passantes cuja prática como analistas estava instalada muito tempo antes de sua demanda de passe.

¹ Lacan, J. (1969-1970). Seminário 17: o avesso da psicanálise.

Por trás desses dois fatos acrescento a inquietude que me cerca: não poderíamos aproveitar melhor o potencial epistêmico do procedimento se conseguirmos naturalizar um pouco mais as nomeações? Francamente não tenho total clareza do que seria “naturalizar as nomeações”, porém me expresso assim porque me inclino a pensar que um número mais alto de AEs é o que permitiria realizar um trabalho de Escola regular que propiciaria um espectro didático e clínico mais amplo e efetivo em termos de transmissão.

Os vinte e tantos passes escutados em ambos os lados do Atlântico, salvo exceções, concerniam a psicanalistas que trabalhavam em seus consultórios bastante tempo antes do pedido de passe à Escola. E entendo que esse fator temporal tem certa relevância para observar e seguir lendo. Nosso contexto do passe é bem diferente da incipiente experiência que Lacan propôs com a pretensão de capturar esse momento decisivo inaugural da auto autorização. Assim, se a lógica do desejo do analista como operador vale tanto no passe inaugural como na prática cotidiana, como fazer gravitar a nível da Escola a importância do testemunho sobre a prática analítica dos passantes? Como acoplar as referências-chaves do passe de analisante a analista ao exercício de seu *metier*? É claro e explícito o esforço de Lacan por separar o plano da lógica do “ato” e o “exercício” no seminário 15, porém creio também que há uma preocupação por enlaçar-los do seminário 17 em diante.

O procedimento do passe tentou relevar a chamada “análise didática” tentando um modo novo de investigar a incidência da análise pessoal na autorização própria de alguém como analista. Assim mesmo se há um valor didático no passe é porque envolve uma razão epistêmica que transcende os efeitos pessoais que atam as partes implicadas. O passante *hystoriza* sua análise (e não exatamente sua vida) em função dessa *conversão ética radical* que deriva do passe. Cabe uma pergunta nodal implícita, que de algum modo o procedimento enquanto tal se faz a cada passante.: como incidiu sua análise para tornar-se analista? O que de sua própria análise habilitou sua auto autorização, mais além das eventualidades da vida e as múltiplas determinações do desejo? Está nítido, dadas as escassas nomeações em relação a quantidade de passes, que não é nem um pouco simples verificar essas coordenadas. Ainda quando nos cartéis do passe há uma nítida intenção coletiva para situar a lógica do passe de analisante a analista.

Me pergunto então, como ir dando mais destaque e colocar em valor o que um analista pode contar à comunidade de como se autorizou na impossibilidade de saber a que conduz uma análise, que mudança em seu modo de intervir, como se faz para *histerizar* discursos e operar para produzir analisantes desde certo momento de seu percurso analítico. Ou, em outros termos, ressaltaria que o que pode captar-se da prática analítica do passante é um índice determinante para o cartel do passe.

Creio que temos uma visada razoável em não aspirar a falar do ato analítico na primeira pessoa porque seria impróprio, quando não diretamente errado. Porém penso também que um cuidado excessivo para não falar da própria prática poderia explicar ao menos em parte, alguns testemunhos que me pareceram demasiado longe do modo como alguém começa a analisar a outros e operar de um modo mais livre ou simplesmente menos condicionado pelos sintomas, fantasias ou delírios. Evidentemente não podemos pretender que alguém testemunhe diretamente sobre sua prática, dedução que eventualmente se incube o cartel do passe. Em rigor—não se pode pretender nada de antemão sobre um testemunho - Porém esse princípio elementar não nos exime de interrogar os usos do passe e pensar em conjunto como obter e estender um valor didático, palpável e transmissível. Tenho a impressão que explorar e acentuar uma perspectiva fatural – que não se confunde com empírica--poderia facilitar nomeações, confiando em que a estrutura mesma do procedimento evita qualquer atalho de si mesmo que possa tirar a legitimidade do texto.

Ao menos no passe a que me referi no início dessas linhas, o relato da passante sob sua própria prática foi importante na hora da definição. Nem o relato em primeira pessoa, nem o peneirado pelos passadores tirou o ápice de autenticidade do relato e a força da enunciação em jogo. Creio que sintonizar nossa escuta e debates a essa precisa conexão entre a análise pessoal e as variações na prática que pode oferecer um testemunho, é uma via válida e talvez menos exigente para todos na hora de nomear um AE.

Finalmente, que alternativas encontramos para preparar um trabalho mais habitual e fecundo com os testemunhos em nossa Escola?

Tradução: Elizabeth da Rocha Miran

A POSTERIORI: A PROVAÇÃO DO TESTEMUNHO

Dominique Touchon Fingermann
Secretária do CIG pela Europa
Nîmes, França

É o passante que inicia o jogo, arriscando esse passe de mágica: transformar todas as voltas e reviravoltas de sua análise naquilo que possa romper o encadeamento da sua narrativa. Tendo chegado ao ponto em que seu discurso analisante esbarrou num sem-saída (“*sans issue*”), ele está sozinho para fazer valer o “*sens-issu*”, o sentido enfim sacado desta análise, que geralmente consiste em pouquíssimas palavras. Mas, para dar prova dessa passagem, ele precisa desenrolar os fios trançados de sua *hystorização* na escrita reduzida e fragmentária dessa provação, que, em sua pressa, precisa acertar na mosca e tocar o passador. O testemunho de sua passagem à analista não consiste em prolongar sua análise ou reproduzir sua narrativa *in extenso*. A tomada de palavra do passante sustenta agora outro desafio: demonstrar o entrelaçamento da tessitura e da trama de sua lógica subjetiva, destacando seus cruzamentos por baixo e por cima, a ponto de deixar transpassar o brilho da solidão, aquela que nos permite manter o rumo sobre o horror do ato (Cap au Pire, como diria Beckett). As exposições atuais em Paris, de Olga de Amaral² e Chiharu Shiota³, nos mostraram como as brechas e os pontos de fuga dos fios esticados, emaranhados e atados deixam passar uma certa luz, se vistos de uma determinada perspectiva.

Parece, no entanto, que alguns passantes negligenciam a súbita urgência que os levou a embarcar no procedimento: o Dizer sutil à não esquecer. A menos que sejam os passadores que, muito embrenhados na sombra espessa da verdade, não sejam suficientemente sensíveis aos respingos em que se suspeita o real.

Eis então a vez dos passadores à prova do passe. Eles acolhem esse testemunho, e cada um, por sua vez, é responsável por fazer ricochetear o estilhaço dessa experiência de encontro, diante do júri que nossa Escola chama de cartel, porque sua lógica inclui o real.

Há um momento de suspensão. O cartel está suspenso no que cada passador pode transmitir de inaudito, não sem uma certa esperança de que sua “performance” confirme a “competência” que o analista, que o designou como capaz de sustentar o que está em jogo, foi capaz de distinguir. Portanto, há de fato uma expectativa de qualidades lógicas, éticas e poéticas que manifestam de várias maneiras a relação do passador com o real, mas também com a verdade, advertido pela experiência de seu valor como ficção, engodo, mentira.

O cartel no desafio do testemunho: chegou a hora! É nossa vez de “comunicar” o didático da experiência: esta experiência única de cada passe ouvido, mas também a experiência incomparável da série de passes que nosso Colegiado acolheu ao longo desses dois anos de exercício de sua responsabilidade.

Como o passante e os passadores, devemos agora reduzir a experiência a alguns enunciados, apostando além do mal-entendido, ou seja, no efeito do Dizer que ainda busca suas palavras. Assim, mais uma vez, desde o início da experiência do passe, e apesar da “aporia de sua demonstração”⁴, vamos “correr o risco

¹ Lacan J. Discurso à Escola Freudiana de Paris – Zahar, Rio de Janeiro, p.270. Em francês esta na p. 266 “sens-issu” que équivoca com “sans issue” = sem saída. “sens-issu” remete ao sentido -real extraído da via sem saída do Sujeito-suposto-Saber

² Olga de Amaral : artista colombiana expondo na Fondation Cartier pour l’Art Contemporain – Paris -12 octobre 2024-16 mars 2025

³ Chiharu Shiota artista japonesa Grand Palais – Paris -11 décembre 2024-19 mars 2025

⁴ Lacan J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, Outros escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p 268.

de falar disso”⁵, sem nos contentarmos com os “testemunhos de perplexidade e constrangimento”⁶ que Lacan observou quando falou no Congresso de Grande Motte em 1973. Antes de mais nada, há um afeto de fim de percurso: algo semelhante a uma decepção com as conclusões e as poucas nomeações efetivadas. Um efeito “ao-depois”, sem dúvida um efeito rebote do entusiasmo dos projetos e canteiros de obra compartilhados nessa Escola ao trabalho, orquestrados pelos Colegiados de garantia, de animação e orientação. Decepção? Expectativa frustrada? Mas o que esperam os Cartéis do Passe, que por definição esperam o inesperado: a inaudita passagem secreta entre as voltas da verdade e o real flagrado pelo ato do psicanalista?

Encontros

O cartel marca hora com os passadores, mas o encontro não tem hora marcada. É imprevisível, embora esperemos que os passadores e o cartel tenham uma certa disposição para o *kairos* do encontro. De que tipo de disposição/posição estamos falando? Com relação ao que o analista acolhe e recolhe, Lacan, em 1948, em “Agressividade em Psicanálise”, fala de “fraternidade discreta”⁷. Para que haja encontro, essa “fraternidade” é necessária, ou seja, uma certa equivalência de posição em relação ao Outro que falta. Mas entendemos a “discrição” dessa fraternidade no sentido matemático, que se refere à diferença absoluta, não relativa e falicamente mensurável. De fato, discreto, do latim *discretus*, denota aquilo que é “separado”, descontínuo.

Ao longo destes dois anos, integrei dois cartéis e ouvi quatro passes. Tivemos a chance de ouvir os depoimentos de oito passadores, que puderam relatar seus encontros com os passantes na medida dessa “fraternidade discreta”.

As eventuais empatias e identificações não diminuíram, em minha opinião, a seriedade e a discrição. Por sua vez, os cartéis, em princípio efêmeros e formados ao acaso dos passes, das disponibilidades e das “incompatibilidades transferenciais”, estão bem dispostos em relação ao suspense de encontros futuros. Encontrei-me novamente com oito de meus colegas do CIG, que eu conhecia por compartilhar com eles as tarefas de nosso colegiado. O tempo do cartel, no entanto, produz outro efeito de encontro entre todos nós, uma “fraternidade discreta” também, cujo ponto de partida é a nossa ignorância compartilhada e a disponibilidade única do discurso psicanalítico para o ponto de silêncio que sinaliza a presença incomparável de cada Um, apesar do concerto de idiomas e estrangeiridade. Nem sempre é o caso, mas no que diz respeito a esses dois cartéis, ficamos satisfeitos com essa experiência de encontros fora do comum: as pessoas não atrapalharam o funcionamento do trabalho.

Lógica

O que ouvimos dessa boa disposição de todos?

Há uma lógica da cura a ser esperada nos testemunhos. Isso é determinado pela lógica do significante, que fundamentalmente falha no que tem para dizer.

Mas são precisamente essas falhas, esses impasses na função do Sujeito Suposto Saber, que ordenam e pontuam os “momentos de passe”, cujos efeitos esperamos ver.

Não usamos os conceitos fundamentais da psicanálise para medir ou avaliar os passantes e suas análises. Mas como podemos nos orientar sem poder seguir, nos relatos entusiasmados dos passadores, o rastro dos conceitos que orientam a prática clínica psicanalítica: o inconsciente, a repetição, a transferência, a pulsão? Como encontrar algo do psicanalista sem ouvir nos testemunhos do passe a redução do destino e da maldição repetitiva a uma marca singular e ao efeito produzido por ela? Como podemos validar essa passagem sem poder notar a simplificação do trauma à sua chamada *dizimensão traumática*? Como podemos

⁵ Idem.

⁶ Lacan J. Intervention dans la séance de travail « Sur la passe » du samedi 3 novembre parue dans les Lettres de l'École freudienne, 1975, nº 15, pp. 185-193.

⁷ Lacan J. A agressividade em psicanálise, Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998, p. 126.

detectar a nomeação de um AE sem que se sinalize a nova capacidade do signo e do sentido de se enodarem de uma maneira diferente?

Na maioria das vezes, fomos capazes de seguir o fio da *hysterização* dessas histórias que se tomavam por destino, mas raramente fomos capazes de capturar a solução de continuidade e seus desdobramentos sobre a transferência para o sujeito suposto saber e seus efeitos sobre o saber e o gozo.

O que bem se concebe, bem se enuncia dizemos: esses enunciados não puderam ou não souberam nos esclarecer sobre o conceito "de algo psicanalista", que em princípio teria sido colocado à prova no dispositivo, e dado prova da extensão da psicanálise como já indicava Lacan: "A psicanálise, padrão ou não, é a tratamento que se espera do psicanalista"⁸.

O passe põe em questão, coloca na berlinda o que se espera do psicanalista para que "a psicanálise ...volta a ser um ato ainda por vir"⁹.

Escapada

Esperamos, portanto, que o psicanalisante submetido à prova do passe possa demonstrar a lógica da alienação significativa que fazia o sentido de seu destino, e que ele saiba mostrar como escapou pelo vazamento do sentido real. Essa escapada só se revela em seus efeitos, e o cartel pode se ver salpicado por ela, "algo do analista" seria um desses estilhaços.

Os passadores são suficientemente sensíveis e afetados por esses efeitos de separação para produzir o ricochete nos cinco membros do cartel?

É preciso também que os cinco do cartel se escutam o suficiente para fazer com que sua ignorância compartilhada ressoe em prol do saber (do psicanalista). Esse é sempre o caso?

Tradução: Luciana Guarreschi

⁸ Lacan J. Variantes do tratamento-padrão, Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 331.

⁹ Lacan J. Introdução a Scilicet Outros escritos Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed. p.293

CARTEL DE PASSE, A EXPERIÊNCIA DE UM COMPARTILHAMENTO

Anastasia Tzavidopoulou
Paris, França

Haveria uma bússola de orientação para a nomeação de um AE pelo cartel do passe: o passante extrai uma enunciação inédita, um dito que se formaliza, resultado de sua cura e que testemunha da passagem de analisando à analista. Esta bússola é mais fácil de formular teoricamente do que a identificar na escuta para dissipar a "sombra espessa", a primeira dificuldade. Pois, mesmo se a decisão do cartel é colegiada, o que o ouvido retém é uma escuta individual. E o que o ouvido retém tem relação com a análise do sujeito que participa dos cartéis de passe, com o final de sua análise, com a sua conclusão. Ter se confrontado com o ponto final de sua própria análise, mesmo que isso tenha sido feito fora do passe, é indispensável para que o ouvido seja capaz de captar algo da "placa sensível". Esta placa sensível que faz a ponte entre o passante e o cartel e sensibilizará o cartel. Como nós sabemos, há muitos finais, tantos quanto há sujeitos, assim como pontos finais.

Seguindo Lacan, é sempre da "passagem à analista" que se trata. Em seguida à "passagem à analista" nós temos de lidar com uma segunda dificuldade: "o desejo do analista", um desejo inédito. Será que ele pode ser ouvido? Como ele pode ser identificado, se é algo que não pode ser formulado na forma de um sujeito que fala e que diz que...? Uma hipótese à ser considerada: não seria sob a forma de uma falta, de uma incompletude, de algo que escapa, sustentado pelo passador, que o cartel teria que capturar? Foi isso, que os cartéis que chegaram a uma nomeação transmitiram, o que nos conduz à algo que quase não faz sentido: uma sombra que dissiparia uma outra mais espessa. Daí a pergunta descabida quando feita aos passadores: "O que você ouviu sobre o desejo do analista? Isso ultrapassa o "bom passador", o que falamos com frequência em nossas reuniões. Pois, se designar um passador "ruim" pode parecer mais fácil, o oposto não é evidente. Uma questão que, sem dúvida, será perpetuada na próxima CIG, que já foi abordada pelas anteriores e que mantém aberta a porta para a questão da designação de "passadores". Vamos aguardar os próximos passos...

No dispositivo do passe, o cartel que chega a uma nomeação teria algo a compartilhar com o passante, os passadores e também, de forma diferente, com todo o CIG: um bem comum como uma surpresa, uma satisfação, um questionamento, uma perda, um alívio ou até mesmo um impasse, diferentes variantes dessa enunciação singular. Tomo emprestado uma expressão de Pierre Bruno, o "radical de sua singularidade"¹ que esse enunciado carrega. Este compartilhar, que forma uma Escola, me parece essencial e minha experiência durante os dois anos na CIG não me permitiu realizá-lo: não houve nomeações nos cartéis dos quais participei. Houve, é claro, um compartilhamento, mas apenas parcial, que se manifestou nos debates, elaborações e discussões que tivemos uns com os outros. Um compartilhamento da ordem de um bem comum que, mesmo que não tenha sido endereçado a toda a comunidade analítica da Escola, participa de sua vida.

O que seria compartilhar um bem comum? Eu avanço em uma leitura, me apoiando em parte na expressão de Pierre Bruno, o "radical da singularidade" que o passante supostamente extraiu, e em parte em uma citação de Lacan em "Televisão", uma citação que já mencionei no Echos nº 8, e cito: "Felizes os caso de passe fictício para formação inacabada: eles trazem esperança"².

Em uma conversa que tive com Nicolas Bendrihen, ele me chamou a atenção para o lado "fictício", sempre imaginário, dos "passes fictícios", que não nos permitem ouvir esse algo que constituiria, para o

¹ P. Bruno, *Une psychanalyse : du rébus au rebut*, Toulouse, Érès, 2013, p. 314.

² J. Lacan, « Televisão », *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 509.

passante, o que Lacan chamou de "janela para o real". Este imaginário mantém o possível; se trata de uma ficção que não fixa o impossível como o resultado de uma cura, como a conclusão de um percurso analítico. Mas isso, de acordo com Lacan, deixa espaço para a esperança, porque sempre permite elaborações e reflexões que alimentam nosso discurso. A formação só pode continuar e é sobre esse ponto que ocorre um compartilhamento dentro do cartel, na medida em que o ensino continua, ensino clínico e teórico. Assim, a construção do fantasma não é sua travessia, os efeitos terapêuticos nem sempre constituem uma conclusão lógica, afetos como a satisfação, o entusiasmo ou o luto não respondem à "metamorfose" do sujeito e a produção de um saber novo, a queda do sujeito suposto saber não constitui o fim de uma cura... para dar apenas alguns exemplos desse ensino. De certa forma, o dispositivo do passe e mais particularmente o cartel do qual participamos, nos obriga a prolongar nossa formação na medida em que nos leva a nos questionar sobre este saber adquirido pelo passante, saber no limite do bem comum.

Tendo participado do mecanismo de passe como passante antes de minha experiência no CIG, eu me dou conta desse saber que muda de lugar. Como passante, a pessoa testemunha, com convicção, de um saber. O cartel do passe deve ouvir não a convicção, mas este saber.

Esses passes fictícios, embora didáticos, não tocam no "radical da singularidade. E eu entendo no termo "radical" a conclusão da "impossibilidade lógica (aquela que encarna o real)"³. Radical tal que encarnação de um real que torna a "impotência (que dá razão ao fantasma)"⁴, suportável. A impotência cede seu lugar à impossibilidade que, a partir de então, sustenta o lugar do analista. Pois é essa impossibilidade como "poder"⁵ que distancia da miragem da verdade e permite, ocasionalmente, analisar⁶. Assim, se há algo impossível de formular como tal em relação ao desejo do analista, o ato se sustenta dessa impossibilidade, metamorfoseada em poder. O sujeito analisado que passa à analista não é ingênuo sobre sua condição de ser um resto, um resíduo do limite do que pode ser dito, o produto de sua metamorfose, para sustentar seu ato.

Temos então uma questão: se nossa comunidade aguarda impacientemente os testemunhos dos AEs, como poderia ser possível de partilhar uma conclusão que se sustenta do impossível, à saber, do real, uma conclusão enquanto bem comum oferecido à Escola, senão que por meio de um chiste, de um Witz como propunha Lacan? É algo da ordem de um Witz que os cartéis que chegam a uma nomeação transmitem para a CIG, com toda a dificuldade que isso implica. Nós lemos na "Proposição" que os resultados desta experiência devem ser comunicados à Escola essencialmente para crítica. Esses resultados, que devem se comunicar e que são propostos para a crítica, constituem o bem comum que fazem Escola, pois se "a psicanálise é intransmissível", trata-se de "reinventá-la a partir do que cada psicanalista conseguiu obter do fato de ter sido analisante por um tempo"⁷. Reinventar o quê? Seria o fato de acreditar no inconsciente⁸? Uma crença a ser sempre reinventada? Se Lacan, tarde em sua carreira, fez algumas afirmações fortes quando disse que não esperava nada dos indivíduos, mas sim funcionamento, podemos reconhecer um fragmento da experiência nos cartéis do passe: não se trata dos membros do cartel, ou dos passadores, porque não se trata de pessoas. O funcionamento e mais precisamente o funcionamento do passe, teria essa propriedade de mobilizar uma lógica colegiada e de estruturar a Escola, isso apesar das diversas interrogações sobre os "bons" ou "maus" passadores e os analistas que terminaram ou não suas análises. Seria o passe uma espécie de sintoma da psicanálise, para assegurar sua continuidade?

Tradução: Sylvana Clastres

³ J. Lacan, *...ou pire*, Paris, Seuil, 2011, p. 243.

⁴ *Ibid.*

⁵ J. Lacan, *L'envers de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1991, p. 217.

⁶ *Ibid.*

⁷ J. Lacan, « 9e Congrès de l'École Freudienne de Paris sur "La transmission" », *Lettres de l'École*, 1979, nº 25, vol. II, pp. 219-220.

⁸ J. Lacan, « Discours à l'EFPP », *Autres écrits*, op. cit., p. 281.

DA IGNORÂNCIA AO INSABIDO?

Anne-Marie Combres
Cahors, França

Durante a jornada de maio de 2024, eu levantava a questão, para cada cartel do passe, de saber, a partir das consequências para o sujeito, se houve passagem – passagem da ignorância ao insabido – ou se não houve? Em vez de se centrar no seu momento.

Em relação ao que Lacan desejava ao estabelecer o procedimento – captar a passagem, o momento “onde o ato poderia ser apreendido no tempo em que se produz”¹ –, observamos que os passantes frequentemente relatam um momento de precipitação que ocorreu muito tempo antes, e às vezes vários anos após o fim de sua análise. Foi o caso da maioria dos testemunhos que escutamos neste Cig, especialmente nos cartéis dos quais participei.

Trata-se, portanto, de uma mudança em relação ao que Lacan inicialmente desejava e, se nosso procedimento permanece orientado por aquele que ele instituiu, distingue-se dele nesse ponto.

No que conduz alguém a dar o passo de encontrar um analista e, depois, o passo seguinte de entrar em análise, a ignorância se destaca: sofre-se, e, ainda que por vezes se possa dizer de quê, não se conhece a causa. Lacan insistia nisso no início de seu ensino: “O sujeito que vem à análise se coloca, no entanto, como tal, na posição daquele que ignora. Nenhuma entrada é possível sem essa referência – nunca dizemos isso, nunca pensamos nisso, quando, mesmo sendo fundamental”². Essa ignorância se desloca ao longo do trabalho, e o que o passante pode dizer em seu testemunho é como um saber novo para ele veio pôr fim a isso.

Os cartéis do passe também estão em uma posição de ignorância quanto ao que vão ouvir, mas não da mesma forma: trata-se de deixar de lado o saber referencial para abordar cada caso, mas não esperar nada dos testemunhos parece muito difícil!

Foi necessário, também, que nossos cartéis deixassem ressoar os testemunhos dos passadores, no momento do encontro com eles, deixar ressoar o relato, os ditos do passante que nos foram transmitidos. Mas, além disso, nas sessões de trabalho próprias ao cartel, num só depois, deixar-se trabalhar pelo que havíamos escutado... Posição de “douta ignorância? E a necessidade de tentar inferir o dizer singular deste ou daquele passante que poderia conduzir a uma nomeação.

Esse trabalho de elaboração nos cartéis dos quais participei também foi marcado pelo problema das traduções: nem todos falávamos a língua dos passadores ou do passante, e tivemos que “jogar” com as passagens de uma língua a outra. Mas, poderia dizer curiosamente, e justamente porque os membros dos cartéis também foram curiosos da *lalangue* do passante – estrangeira não apenas no plano linguístico, mas porque a *lalangue* do outro nos é sempre estrangeira – essa curiosidade nos serviu em nossos intercâmbios para circunscrever o mais de perto possível o real em jogo nos testemunhos.

Importa também notar uma particularidade dos cartéis do passe: o produto não é próprio a cada um, mas coletivo; trata-se de se pronunciar sobre a decisão concernente a uma nomeação ou a uma não nomeação...

O que orienta a decisão do cartel? Mais do que os critérios que poderíamos ter em mente, é a convicção suscitada pelo testemunho transmitido pelos passadores.

¹ Lacan J., Discours à l'EFP, Silicet 2-3, Paris, seuil 1970, p. 15

² Lacan J., Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud, Paris, Seuil, 1975, p. 298.

É claro que há uma aposta na nomeação, uma vez que se imputa aos passantes nomeados AE serem “daqueles que podem testemunhar sobre os problemas cruciais nos pontos vivos em que estão para a psicanálise”. Colette Soler destacava recentemente um aspecto essencial em Lacan sobre a questão do insabido/ não sabido: “O passe é esse ponto em que, tendo chegado ao fim de sua psicanálise, a posição que o psicanalista ocupou em seu percurso, alguém dá o passo de tomá-la. Entendam bem: para operar aí como aquele que a ocupa, enquanto dessa operação ele nada sabe, exceto a que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante.”³ Ela sublinhava essa dimensão do não saber da operação e, portanto do insabido/não sabido que, para o analisante passado a analista, poderá dar moldura ao saber por vir.

Quando houve nomeação, a satisfação do cartel podia ser ouvida como um reconhecimento, redescobrir que “isso funciona”! Reconhecimento nos dois sentidos do termo: nós o reconhecemos, mas também lhe agradecemos... O que nos deixa com a mesma questão que Lacan se colocava em *L'insu* (O insabido): “Ainda estou a interrogar a psicanálise sobre a maneira como ela funciona. Como se dá que ela se sustente, que constitua uma prática que, às vezes, é até eficaz?”⁴

Traduzido por: Carolina Moreirão

³ Lacan J. Discours à l'EFR, op cit, P 25

⁴ Lacan J. *L'insu*, 17 mai 1977

O TESTEMUNHO : ENTRE VERDADE E ATO

Didier Castanet
Toulouse, França

Podemos imediatamente nos fazer várias questões ao nos interrogarmos sobre o testemunho no contexto do passe.

O testemunho é um ato?

Esperamos uma verdade do testemunho?

Como a verdade do inconsciente fala, ou toma a palavra?

A questão do testemunho se encontra perfeitamente descrita no livro de Giorgio Agamben¹ que reli recentemente. Repito que ninguém sai ileso dessa leitura.

O grande mérito de Agamben é o de refutar que Auschwitz permaneça no indizível, uma vertente de adoração negra. Ele tenta “escutar a testemunha »< dar voz a essas expressões de dor que não estão em nenhuma língua. Este livro é uma cartográfica étnica do testemunho. É importante para Agamben destacar o « significado ético e político do extermínio” denunciando a confusão das categorias de direito e ética, de julgamento e verdade, que, na minha opinião, acabam por velar o significado sem o nosso conhecimento. A questão do testemunho esbarra em uma concepção irrepresentável da verdade, em “fatos tão reais que nada é verdadeiro em comparação.” Tal é a aporia de Auschwitz: os fatos, historicamente determinados, não coincidem mais com uma verdade que os supere.

Alguns ex-deportados, como Primo Levi, testemunharam o que os próprios atores não conseguiram testemunhar, pois se tratava justamente de despojá-los dessa capacidade humana de testemunho.

Então qual é o crime específico de Auschwitz? É o que nos diz Agamben sobre ter criado “um lugar onde o estado de exceção coincide perfeitamente com a regra, onde a situação extrema se torna o próprio paradigma da vida cotidiana”.²

Então, ele continua, “Auschwitz constitui, nessa perspectiva, o momento de um desastre histórico desses procedimentos, a experiência traumática onde o impossível foi introduzido à força no real. É a existência do impossível, a negação mais radical da contingência – portanto, a necessidade mais absoluta.”³

No entanto, a respeito deste real, nem as regras do direito, nem a moral (isto é, o sentimento de culpa, ou vergonha), nem as referências culturais, como as da tragédia grega ou sua transcendência nietzschiana, conseguirão dizer o que está além de todo testemunho, quando o único que poderia falar, aquele a quem foi retirada a dignidade da própria morte, o “muçulmano”, aquele que é “o encarregado de administrar os crematórios e as câmaras de gás”, não pode mais fazê-lo.⁴

Na parte 4 do livro, intitulada “O Arquivo e o Testemunho”⁵, Agamben parte do método de Foucault na Arqueologia do Saber, modificando a perspectiva para reexaminar a questão do testemunho. Ele nos dirá: “Não se trata, é claro, de retornar ao velho problema que Foucault pretendia liquidar: ‘como pode a liberdade de um sujeito abrir caminho nas regras de uma língua’, mas sim de situar o sujeito na lacuna entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer, perguntando: “Como pode algo como uma enunciação ser produzido no nível da língua? »

¹ Giorgio Agamben, *Ce qui reste d'Auschwitz*, Paris, Editions Payot et Rivages, 1999

² Idem, p.59.

³ Idem, p.194.

⁴ Idem, p.10 e 28-29.

⁵ *L'archive et le témoin*, ed. Rivage, p.190.

Em outras palavras, não se trata mais de identificar, como ele nos diz⁶, “a margem obscura inscrita em todo discurso, que cerca e limita todo falar concreto”, nem de observar o desaparecimento do sujeito no murmúrio anônimo de “qualquer um que fale”, mas de mostrar como o sujeito se constrói a partir de sua “contingência”, isto é, da possibilidade que ele tinha, “de ter ou não ter a língua”. Falar é escolher a língua a cada momento, com base nessa contingência. Se a impossibilidade é forçada ali por algum sistema, então a contingência é negada, assim como a possibilidade de qualquer testemunho.

Recolocar em jogo a verdade para um sujeito, isto é, essa relação com a realidade que o faz falar, é a questão que a psicanálise reabre a cada vez e tenta manter em aberto. Ele convida, assim, aqueles que se comprometem a não mais tomar como evidentes os hábitos de seu gozo e a linguagem que os comanda.

A questão da verdade é para Lacan uma questão maior da psicanálise, um das principais questões.

Lembramos que em determinado período Lacan atribuiu à psicanálise o fato de ser um “amor à verdade”. Na sessão de 14 de janeiro de 1970 de seu seminário XVII, “O avesso da psicanálise”, ele declara: “O amor à verdade é o amor à fraqueza cujo véu levantamos, é o amor àquilo que a verdade esconde e que se chama castração.”⁷

A verdade não é toda dita e dará lugar ao “eu a verdade falo”. Esta fórmula pressupõe a primazia do ato de enunciação sobre o enunciado, ou seja, que a ênfase não está no que é dito – e se o que é dito é verdadeiro ou falso – mas no “eu” que fala. Lacan insiste no fato de que a verdade não necessariamente diz a verdade, mas que o que a torna verdadeira é apenas o fato de ela falar. Em outras palavras, a verdade não é a verdade do enunciado, mas a verdade da enunciação no sentido de que ele convoca um verdadeiro sujeito da palavra.

Num segundo tempo da elaboração lacaniana, se o “eu, a verdade Eu falo” não foi abandonado, deixa-se mais espaço para o que a verdade não diz, não pode dizer e, portanto, para um dizer que contém a sua própria impossibilidade.

A questão do testemunho é deslocada porque se coloca o problema de saber como atestar uma verdade que é impossível dizer e que Lacan nomeia de “real”. Isso nos leva de volta ao Seminário XX⁸ e à Televisão⁹, quando Lacan afirma que “a verdade não pode ser dita toda”.

Há um ponto de disjunção entre verdade e saber, ou melhor, entre verdade e discurso, no sentido de que a verdade é um real que é reencontrado, mas que não se sabe. Ela se prova, mas as palavras falham em dizê-la, ou mais precisamente, o que é dito só consegue evocar algo impossível de dizer.

Então como uma verdade pode ser digna de ser ouvida e acolhida?

E, testemunhar a verdade não-toda? O testemunho de uma verdade “não-toda” é aquele a quem a verdade faz falar. Ele é aquele que fala em função de uma verdade que não cessa de faltar, mesmo sendo movido pela necessidade imperiosa de dizê-la. É sua relação com a incompletude da verdade que faz dele uma testemunha autêntica, enquanto a testemunha falsa é aquela que paradoxalmente afirma dizer toda a verdade.

No passe há algo de incômodo no testemunho que o passante faz e ele deseja que de alguma forma seja feita uma retransmissão, na forma de uma resposta. Mas não pode ser qualquer resposta. Deve ser, na medida do possível, homogênea ao. O testemunho é um dom, mas um dom particular, o de um saber desconhecido, que limita o sentido. A resposta, portanto, não deve ser plena de sentido. Ela simplesmente tem que dizer “sim” ou “não” o que você nos deu de seu saber foi passado. Essa resposta deve tender para um certo vazio de significação.

⁶ Idem, p.189.

⁷ Lacan, J. Seminário XVII: o avesso da psicanálise. Ed. Seuil, p.58.

⁸ Lacan, J. Seminário XX: mais ainda. Ed Seuil.

⁹ Lacan, J. Televisão. Outros Escritos. Ed. Seuil

Os testemunhos são assim provas do efeito da psicanálise sobre o ser falante que esteve tão longe quanto possível de ir sem elucidação do que falar quer dizer, para um ser que não pode se resignar a tratar informações, mas que goza dos efeitos do significante.

Mais precisamente, esses testemunhos do passe nos falam da relação de um sujeito com aquilo que falha e que continuará de alguma forma a falhar. Em 1976, no "Prefácio à edição inglesa do Seminário XI", Lacan passou a associar verdade e mentira de forma diferente do que havia feito quando enfatizou, de maneira muito freudiana, que a verdade reprimida fala de seu reverso. Ele fala de uma verdade que sempre deixamos passar ao tentar contá-la e de uma verdade que mente. "Resta que eu diga uma verdade. Não é o caso: eu falho. Não há verdade que, quando passada pela atenção, não minta. O que não nos impede de correr atrás dela."¹⁰ «Prefácio à edição inglesa do Seminário XI» em *Outros Escritos*, p.571.

E o que essa verdade promete? Talvez algo que ela não consiga esconder seja contar toda a verdade. É o que nos diz Lacan em seu Seminário *De um Outro a Outro*, em 1969, na sessão de 12 de fevereiro de 1969¹¹: "Em outro desses artigos, chamado *A Coisa Freudiana*, escrevi sobre o que está envolvido na verdade, algo que poderia ser entendido como isto, que sua propriedade é que ela fala (...) Então, vocês dirão, obviamente, a verdade fala, certamente. É o que vocês diriam se não entendessem nada do que estou dizendo, o que não está totalmente fora de questão. Eu nunca disse isso. Eu fiz a verdade falar – Eu, a verdade, falo. Mas eu não a fiz dizer, por exemplo: Eu, a verdade, falo para me dizer como verdade, nem para te dizer a verdade. Só porque ela fala não significa que ela esteja dizendo a verdade. É a verdade e ela fala. Quanto ao que ela diz, cabe a vocês se virarem com isso. »

Tradução: Glaucia Nagem de Souza

¹⁰ Prefácio à Edição inglesa do Seminário XI, *Outros Escritos*, Seuil, p.571.

¹¹ Lacan, J. *Seminário 16: de um Outro ao outro*, ed Seuil. p.171.

O PASSE NA ESCOLA DE LACAN E NA NOSSA

Glaucia Nagem de Souza
São Paulo, Brasil

*Há uma coisa que chamei o passe,
que se pratica em minha escola. (Lacan)¹*

Na criação de sua primeira Escola, Lacan constitui dois dispositivos de base: em 1964, no ato de fundação, o Cartel que se institui para a “execução do trabalho”²; e em 1967 o Passe para recolher os “testemunhos dos problemas cruciais, nos pontos nodais em que se acham eles próprios”³, investidos nessa tarefa ou, pelo menos, sempre em vias de resolvê-los. Esse lugar implica que se queira ocupá-lo: só se pode estar nele por tê-lo demandado de fato, senão formalmente”⁴.

O funcionamento desses dispositivos pressupõe a participação de alguns e a extração de um saber ao seu término. Dos cartéis se espera algo do que se estudou ou das crises enfrentadas dentro deles. Proponho pensarmos o Passe nessa dupla vertente: de um lado, quando há uma nomeação, aqueles que participam do dispositivo (os cartelizantes dos cartéis do passe, os passadores e o passante nominado AE) podem produzir a partir do saber que se transmitiu na escuta do testemunho do passante através dos passadores. Mas também, como no cartel, não podemos pensar nas crises enfrentadas em seu funcionamento?

A minha experiência neste CIG me ensinou o que Lacan designa como o passe sendo um “salto”⁵ na hiância produzida no fim de uma análise. Isso é audível no cartel do passe quando o passante, que transmite esse salto, não estando “nem como psicanalisante nem como psicanalisado”⁶, testemunha desse entre e do salto feito em direção ao desejo do analista. Outro fator que experienciei nos cartéis de que participei onde houve nomeação é que a resposta do cartel não é do lugar de um “eu sei porque sei”, que poderia levar à ideia de um tipo de “telepatia”. Os cartéis chegaram à resposta de modo “tateante”, no escuro. Um misto de saber o que se está fazendo sem saber o que se está vendo.⁷

Chegar à nomeação nos cartéis de que participei não foi uma ação impensada nem mesmo impulsiva. Exigiu de nós discutir, pensar, parar, sair para almoçar e voltar a conversar, parar de novo e mesmo nos encontrarmos por Zoom antes de decidir. Não é fácil nem óbvio decidir sobre as nomeações. Não é do campo da emoção, do sentir, mas, como Lacan marca várias vezes em suas falas e em seus escritos sobre o passe, é do campo do saber. O saber que não se baseia no quanto de estudos cada um tenha feito sobre o tema. Um saber que vem pela escuta, por alguns detalhes que escapam no testemunho do passador e, sobretudo, pelo debate entre os membros do cartel que leva à conclusão da nomeação.

O Passe também pode fazer ecoar o lugar do que Lacan indica sobre os cartéis tratarem das crises em seu funcionamento. Vale deixar claro que não é o Passe que fica na berlinda, mas a Escola e seu funcionamento, pois é da Escola que o Passe traz os ecos. Repetimos sempre que “o passador é o passe”, mas como os passadores chegam no passe? Como o passante chega no passe? O Passe parece ocupar um lugar central em nossa Escola na medida em que ele não permite que se conceba “A” Escola, mas que tenhamos contato com o fato de a escola ser estruturalmente furada.

¹ Lacan, J. Seminário 19: ... ou pior. Ed. Zahar. p. 50.

² Lacan, J. Ato de Fundação. Outros Escritos, Zahar, p.235.

³ Lacan J. Os Analista da Escola. Revista Letra Freudiana.

⁴ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos, p. 249.

⁵ Lacan, J. Seminário 15: o ato analítico. Ed. Não comercial, p.146.

⁶ Lacan, J. Alocução sobre o ensino, Outros Escritos, ed. Zahar. p.310.

⁷ Lacan, J. Aula de 15 de fevereiro do seminário 24 – Staferla, p.54.

Nossa Escola inventou um mecanismo próprio para o funcionamento do passe que não é o mesmo da Escola de Lacan. Mantemos a base conceitual, a estrutura e orientação, mas mudamos vários elementos. Destaco alguns pontos: na Escola de Lacan não se tratava de um “cartel do passe”, mas de um “júri de aceitação”; poderiam participar desse júri os membros da escola que os Analistas da Escola (AE) decidissem; eles eram designados para a função, enquanto, em nossa Escola, quem participa são os Analistas Membros da Escola (AME) votados para participar do Colegiado Internacional da Garantia (CIG); eram três passadores para participar da escuta de um passe e, em nossa Escola, optamos por dois; os passadores seriam indicados pelos AEs, enquanto, em nossa Escola, são indicados pelos AMEs.⁸

Fiquemos apenas com essas primeiras indicações. Até o fim da vida, Lacan a modificará, mas o interessante é que ele contava que houvesse em sua Escola um número de AEs suficiente para que eles não apenas fossem “produzidos” a partir do dispositivo do passe, como também sustentassem o próprio dispositivo. No decorrer do tempo, o próprio Lacan se dá conta de que não tinha um número de AEs suficiente para sustentar o dispositivo. Isso não parece ser um problema do dispositivo nem mesmo um fato que o desabone. Apenas um passo que faz Lacan repensar e rearranjar seu dispositivo, e que nos fez optar para que os AMEs entrassem nessa função. Vale lembrar que sua Escola não se pretendia Internacional, o que não colocava qualquer questão linguística que em nosso dispositivo nos faz pensar e articular de modo a termos nos cartéis do passe cartelizantes que representem as nossas cinco zonas linguísticas.

A Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano se constituiu como uma Escola Internacional e Plurilíngua e sem uma sede fixa. Optamos por uma Escola que se sustenta em instâncias bienais sem a figura de UM(a) diretor(a). A Escola é dos Fóruns na medida em que se espera que eles se dirijam à Escola e a sustentem a partir dos Membros de Escola que deles façam parte. Para constituir as instâncias para sustentar a Escola, instituímos que em cada local se reunissem em fóruns e que se organizassem conforme os seus membros decidissem. A partir do número de 30 membros de Escola se constitui um Dispositivo de Escola Local (DEL) Epistêmico e de Acolhimento, e a partir de 50 membros de Escola constitui um (DEL) de Garantia. É desse DEL de Garantia que começa o trabalho do dispositivo do Passe. Isso é importante para acompanharmos a diferença entre nossa Escola e a Escola de Lacan no tratamento do Passe. Ter essa orientação nos adverte dos efeitos para a Escola e consequentemente para o Passe quando os fóruns, em suas diversas configurações, não mantêm essas quantidades de membros de escola. Os efeitos chegam ao passe na medida em que, sem a constituição de um DEL com 50 membros, não é possível que os AMEs participem do dispositivos indicando passadores nem participando do secretariado do passe e do CIG.

Ora, sendo nossa Escola de âmbito Internacional, como criamos as possibilidades para o dispositivo do passe? Consideramos assim, para promover melhor as trocas entre os membros dessa Escola, que são cinco as línguas a serem trabalhadas: Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Português. Temos membros que moram em países onde se fala outros idiomas, mas, para que pudéssemos manter nossos documentos traduzidos, escolhemos essas cinco línguas. Talvez Lacan se interessasse pelo funcionamento que inventamos, pois nele fazemos operar o que ele insiste que “só podemos falar de uma língua em uma outra língua”.⁹ O plurilinguismo e internacionalismo de nossa Escola ecoa as reflexões tardias de Lacan sobre a língua em sua relação com o Real.

Em nossa Escola, fica sob a responsabilidade dos AMEs a indicação dos passadores. Nisso vale pensar que, fazendo valer a proposição de que “o passador é o passe”, em nossa Escola o peso está na designação dos passadores pelos AMEs. Esse é um tema recorrente nas discussões de nossa Escola. Os AMEs hoje são indicados pelos membros da Escola que, no tempo determinado pelo CIG, podem enviar suas recomendações junto com, pelo menos, mais um colega. No nosso CIG, dentro da Comissão Internacional de Designação, que se responsabiliza pelas nomeações dos novos AMEs, montamos um documento com algumas recomendações para orientar essas indicações. Isso é de extrema importância,

⁸ Um procedimento para o passe. In: Documentos para uma Escola II – Lacan e o passe. Letra Freudiana. p.21-22.

⁹ Lacan, J. Seminário 24: l'insu que saît de l'une-bévues'aile à mourre, Staferla, p. 73.

pois as indicações precisam estar alinhadas à orientação da nossa Escola. Não pode entrar no lugar da política da amizade nem mesmo no mau uso das transferências. As recomendações que se agregaram aos nossos documentos têm como objetivo manter a nossa orientação de base.

Se na Escola de Lacan havia uma aposta na sustentação do dispositivo do passe pelos AEs nominados, a nossa aposta que a responsabilidade está com os AMEs. Qual o momento para indicar um passador? O que se espera de um passador? Qual o papel do AME no trabalho do CIG? E ainda, qual o lugar e papel do secretariado do passe dentro dos DELs? Essas são perguntas que percorreram as discussões em nosso CIG a partir das escuta dos passes. Que não haja uma nomeação porque não foi possível transmitir ao cartel do passe o que do testemunho do passante constitui a possibilidade de um AE não é um problema. Isso é estrutural. No entanto, como pensar os casos em que o passador chega afetado por sua própria história? Ou então, tão transferenciado à teoria ou ao analista que atua mais a teoria e sua transferência do que transmite sua escuta? Ou ainda, quando os problemas dos laços transferenciais locais interferem no relato do passador?

Se a afirmação de que o passador é o passe trazia a responsabilidade dos AEs na estrutura do passe da Escola de Lacan, na nossa a responsabilidade está com os AMEs. Tivemos pouquíssimas respostas à pergunta que o CIG enviou para os AMEs sobre como cada um pensa a indicação de passadores para o passe. Não seria um bom momento para insistir com essa pergunta? E nos Espaços Escola deixarmos circular um pouco mais esse lugar tão central para o passe que é aquele do AME?

E os passantes? O que orienta cada um deles a se dirigir ao passe? A não nomeação não indica que o sujeito que se dirigiu estava enganado sobre seu movimento. No entanto, em algumas situações, nos fez perguntar o que está sendo transmitido em nossa Escola sobre o que é o Passe e o que é se apresentar ao passe. Lacan repete várias vezes que o Passe pode ser o vetor para indicar o avanço da psicanálise e colocar em questão como se chega ao fim de uma análise.¹⁰ E ainda traz a questão: como alguém que fez uma análise quer ser psicanalista? Já que seria a-normal que alguém que fez análise quisesse ser um analista!

O Passe em nossa Escola presentifica a dimensão plurilinguística como também as questões dos manejos e laços nos vários locais que a sustentam. Nesse dispositivo, podemos escutar os ecos das questões que têm estremecido o lugar da psicanálise e dos psicanalistas tanto em nossa Escola como, ousar dizer, no mundo. Aprendi e saio tocada com a importância de mantermos uma discussão sobre a responsabilidade dos membros da escola na transmissão da psicanálise e na indicação dos novos AMEs. E consequentemente, a responsabilidade dos AMEs de nossa Escola na manutenção da Psicanálise e na sustentação do dispositivo do Passe. Constituímos essa Escola na contraexperiência ao mau uso do Um, repetimos sempre essa definição. A repetição se faz necessária, pois o Um está sempre à espreita no anseio humano de ter um Um para lhe dizer e o que fazer e de alguns que se deixam enfeitiçar com esse lugar. Daí a importância do Passe e do Cartel na construção de nossa Escola!

¹⁰ Lacan, J. Seminário 25: momento de Concluir. Tradução de Jairo Gerbassi. p.33

SABER E IGNORÂNCIA DOS CARTÉIS DO PASSE

Martine Menès
Paris, França

O cartel do passe, assim como o psicanalista, não deve ignorar que ele ignora.

Isso não basta mas é um começo. A ignorância é uma das condições de sua tarefa. O cartel se coloca em posição de ser surpreendido e não de escutar o que ele deveria escutar segundo a doxa corrente (que muda) mas sempre de acordo com as indicações de Lacan. Como discernir a possibilidade para um sujeito de passar ao ato analítico? O aparecimento de um desejo inédito? O eco da travessia da fantasia suficiente para deixá-lo para trás sem, todavia, ignorá-lo? Como escutar para além disso?

A montagem instituída por Lacan para o passe é única: escutar as palavras de um (passante) através de outros, (passadores). Escutar a história singular sem passar por uma anamnese histórica. Escutar ou não, um novo saber sobre o antigo páthos, aliviando sem alívio.

Já se trata, quase a priori, de distinguir um fim de análise, que o cartel do passe tem o testemunho mais frequente, da passagem a analista carregado de um desejo inédito. Tão frágil quanto um relâmpago que já desapareceu assim que o vemos.

A priori, o cartel não sabe nada da posição do passante. Permanece desse nada após os testemunhos dos passadores, cujos relatos são às vezes tão diferentes que sua escuta particular não encontrou o mesmo saber singular, o mesmo tratamento do real, da fantasia, dos sintomas no passante. No entanto pode se tirar conjunturas idênticas, mesmo faladas de maneira muito diferente. Na ausência disso, o cartel poderia ficar muito constrangido de ter que se deixar escutar dois relatos diferentes. Lacan preveniu: "Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem cultivar"¹. O cartel do passe acolhe essa impossibilidade que deixa lugar ao impossível de transmitir.

Não há passe assegurada. É uma aposta de lidar com a parte de ignorância. Será que a convicção íntima compartilhada com os membros do cartel pode servir como saber decisivo? Será que reconhecer (ou acreditar reconhecer) a passagem a analista poderia levar o cartel ao entusiasmo? Ora o entusiasmo é como os outros afetos (exceto a angústia) um afeto enganador. Quanto à redução do analista do passante, à sua queda enquanto Sujeito-suposto-saber, ela poder ser situada e considerada por um membro do cartel como efetiva e dando lugar ao desejo do analista, ou então, o oposto, como impossível para o mesmo passante que ficaria colado à uma imagem ideal, encarnação viva do Outro. Trata-se, portanto, para o cartel de cernir também que não se trata de um desejo assegurado, mas da persistência de uma demanda (se tornar analista) que mantém no lugar a fantasia de um Outro.

Mas o cartel não está sozinho, ele é um cartel da Escola, é o vetor da intensão da psicanálise. Ele não tem todo o poder, é delegado pela Escola que diz o que espera de um psicanalista. As discussões densas dentro do cartel testemunham disso e levam isso em conta.

Mas será que nomear um A.E. seria uma das missões impossíveis reveladas por Freud? Michel Silvestre em Delenda 5 observava "que se trata de saber se psicanalista é um predicado possível". O cartel do passe é, portanto, sempre uma aposta de confirmar ou não a auto designação que o passante faz dele mesmo. Com efeito, o analista só se autoriza de si mesmo, mas também de alguns outros, acrescenta Lacan, e mais ainda, ele não está sozinho para decidir ². E o título de AE não é um rótulo, é um convite a

¹ Lacan, J. – « Da psicanálise em suas relações com a realidade » in *Outros escritos*, Zahar, RJ, p. 358

² Lacan, J. Os não tolos erram, Lição de 9 de abril de 1974, inédito.

testemunhar durante uma duração limitada dos pontos obscuros da teoria se dirigindo à Escola. Psicanálise em intensão por excelência. .

O cartel reconhece assim, ou não, o analista também como analista da Escola. É uma aposta, mantida ou não, que a sequência vai demonstrar no ensino desses “ensinados” da passagem a analista.

O passe então consistiria, como diz Lacan na lição de 15 de fevereiro de 1977 do “*L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*”³ a se reconhecer entre si, ou seja, entre saberes, aquilo que vai resultar numa nomeação de AE. Um reconhecimento que se demonstra na sequência pela/s transferência/s de trabalho. Se reconhecer entre s(ab)e/r³, que mais ainda está no escuro, acrescenta Lacan, supõe levar em conta o invisível.

Assim o relâmpago poderia se converter em luz/es, clareando em compensação de um saber novo a ignorância do cartel.

Tradução: Gláucia Nagem de Souza

³ Lacan, J. *L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*, Lição de 15 de fevereiro de 1977,, seminário inédito

NÃO HÁ AMOR FELIZ, NÃO HÁ PASSE PERFEITO¹

Mireile Schemama
Charenton-le-Pont, França

O trabalho dos secretariados do passe

O secretariado do passe pertence ao dispositivo do passe. É o primeiro elo a acolher a demanda do passante nesta lógica coletiva, esse balé a três. É a parte interessada desse dispositivo. Qual a sua função? Ele recolhe a demanda daquele ou daquela que deseja entrar no dispositivo do passe. Toda a dificuldade é de recolher a demanda, interrogá-la sem, no entanto, substituir o cartel do passe.

Tarefa difícil de recolher a demanda do passante, de pesá-la. Há alguma coisa a apreender. Podemos defini-la? (antes que o ChatGPT a faça em nosso lugar). O que há a apreender? O que impulsiona a demandar o passe? A experiência dos cartéis do CIG, que participei, notou em alguns passantes uma demanda de passe como garantia do fim da análise bem longe do desejo de analista. Decepção para o passante pois a não-nominação não responde a esta questão da garantia do fim da análise. Esse ponto poderia ser percebido no secretariado?

O passe “visa não assegurar que houve uma análise, mas autenticar o ser transformado do analista”². Sair de sua neurose não é suficiente. O desejo do analista, “desejo inédito”, não pode se reduzir à uma finalidade terapêutica.

Ao receber a demanda “desse bom momento” e, no fundo, o que poderia definir “o bom momento”. Não há resposta universal. O “bom momento” é diferente para cada passante. O momento da virada na cura não corresponde necessariamente à demanda do passe. A demanda de passe pode ser motivada por um impasse. Indico-lhes o artigo de Colette Soler na *Wunsch* 10, intitulado “Por que o passe”.

Neste lugar, (CAG)³, há alguns anos, eu me lembro de ter insistido sobre o que me parecem ser as questões de base para os futuros passantes: o que motivaria a demanda deles e porque naquele momento. Para um tinha sido um sonho que precipitara a demanda de passe e então sua análise tinha chegado ao seu ponto de finitude depois de muitos anos. Vale notar que muitos passantes tomam os sonhos para se orientar nesta experiência. Esse sonho interpretado pelo passante como efeito da verdade foi suficiente para permitir a este sujeito entrar no dispositivo do passe. Ele foi nomeado AE. Para um outro a decisão de se apresentava como uma evidência, vista como uma certeza. As precisões demandadas não eram conclusivas a partir do que, junto com os outros membros do CAG, decidimos não deixar este sujeito entrar no processo. Este sujeito reiterou sua demanda para o CAG seguinte, entrando no processo sem ter sido nomeado. Uma outra demanda foi efetuada entrando no processo sem ser nomeado. Se um sujeito pode, é claro, fazer várias demandas, nosso CIG lamentou a falta de transmissão da singularidade desta situação.

O objetivo do cartel do passe é o de nomear os AEs quando se lê nos textos dos passadores isso que é do desejo do analista do passante. Há uma responsabilidade na nomeação ou não-nomeação. Isso já foi evocado.

O cartel é um lugar de elaboração, de produção do saber. A decisão de nomeação surge como produto de elaboração comum do cartel. Nos cartéis do passe há também as modalidades do impasse. Um impasse do passador pode ser o impedimento para a transmissão. Carmen Gallano mencionou o fato que não ter sabido interrogar os passantes era uma modalidade de impasse. Em um dos cartéis no qual eu estive neste

¹ Este texto foi apresentado no Simpósio do Passe de 2024.

² Colette Soler : « Styles de passes », WUNSH Nº 10

³ CAG é o Dispositivo de Escola Local da França equivalente à CLEAG da EPFCL-Brasil.

ano, um dos passadores, que não tinha questionado o passante, tinha escutado alguma coisa do desejo do analista que o cartel não escutou, nem extraiu e que fora confirmado pelo segundo passador. Escutamos testemunhos de passe sob a forma de narrativa *biográfica*.

Elisabete Thamer mencionou na *Wunsch 10*, antes do primeiro encontro internacional de Escola em Buenos Aires, que “a questão do passe, disso que esperamos encontrar nos testemunhos de fim de análise, não se faz por unanimidade”⁴. Avançamos sobre isso que esperamos e no fundo o que esperamos? Nós temos como base as coordenadas teóricas de Lacan na “Proposição” de 67 e no “Prefácio à edição inglesa do seminário XI” de 1976. Cada experiência é particular. Anastasia Tzavidopoulou⁵ fez uma precisão sobre esse ponto na *Wunsch 23*: “no fim do percurso há do psicanalista”⁶, produto de sua própria experiência e o artigo “do” reflete o particular, o próprio de cada sujeito analisado em sua singularidade... No dispositivo estamos confrontados com o Um da experiência pois somos obrigados a assumir algo que escapa do saber do psicanalista”.

Quando isso não passa, além da decepção sempre presente mesmo para os membros do cartel, a elaboração é as vezes muito delicada: no cartel onde estive houve sempre a unanimidade quando isso não se passou. Testemunho da ordem de uma narrativa de vida... o desejo do analista no testemunho pode também ser objeto de um debate.

Qual ensino o cartel pode tirar de sua experiência e como a transmitir? Marie-José Latour na *Wunsch 23* propõe nomear “clínica do passe” isso que orienta as discussões.

O passe é uma experiência singular e única de uma verdade particular.

Não há passe perfeito.

Tradutora: Gláucia Nagem de Souza

Revisora: Viviana Venosa

⁴ Elisabete Thamer, « La passe pas toute : l'épreuve du passeur » Wunsch nº10

⁵ Anastasia Tzavidopoulou : Promotion d'une déchéance, Wunsch 23

⁶ Jacques Lacan : « Du sujet enfin en question », Ecrits, opus cité p.236

POR QUE O PASSE?

Pedro Pablo Arévalo
Barcelona, Espanha

A partir de uma perspectiva individual, quais podem ser os motivos pelos quais um sujeito, analisante ou analisado, demande o passe? O dispositivo foi concebido para tentar esclarecer o que acontece na passagem de analisante a analista. No entanto, como o próprio Lacan se pergunta no “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”, o que poderia motivar alguém a solicitá-lo?¹

Tomei conhecimento de vários motivos em minha experiência como membro do CIG 2023-2024, assim como através de artigos de membros do CIG anteriores, e em vários casos de passantes que conheci pessoalmente, vários deles nomeados AE. Os motivos nem sempre são explícitos, mas podem ser deduzidos dos testemunhos.

Entre as diversas razões, atribuo a maior importância à profunda transformação vivida pelo analisante com o término da análise e a passagem de analisante a analista, e a consequente necessidade de transmitir aos outros o que foi experimentado, como se fosse um grande peso a ser compartilhado. Mais do que uma decisão do Eu, é algo que vem de dentro, poderíamos dizer do Isso, e que se impõe ao sujeito. É aqui que coloco todos os casos de nomeações que conheci.

Mas há outras razões possíveis para essa demanda. Uma delas é submeter-se ao passe, buscando provas de que se está apto para exercer como psicanalista: uma busca de autorização pelo Outro. Em alguns casos, a demanda pode ser uma tentativa de se separar do analista. Ao contrário, às vezes são expressas as maravilhas da análise e o amor pelo analista. Em alguns casos, o testemunho do passe gera entusiasmo e compromisso em alguns analisantes. Da mesma forma, às vezes o passe é entendido como uma forma de compromisso com a Escola ou de entrar nela. Outros esperam uma resposta final que confirme ou verifique que sua análise terminou, de modo que o passe marque seu fim. As vezes, busca-se no passe um sentido retroativo para a análise, ou seja, o passe como um saber ao qual os S1s da análise se articulem. Por último, ocasionalmente, percebe-se uma aspiração de concluir no passe algo que não foi resolvido na análise. Diante dessa variedade de razões, podemos nos sentir tentados a classificá-las como “válidas” e “inválidas”. Não tenho tanta certeza de sua conveniência, tendo em mente que somos uma Escola do Passe.

Isso nos leva da perspectiva individual ao nível da Escola. Nesse sentido, por que continuamos a sustentar o dispositivo do passe? Por que o compromisso não se esgotou? Por que, apesar de tão poucas nomeações, continuam havendo numerosas demandas de passe?

As poucas nomeações são algo observado desde o nascimento do dispositivo. Em algumas ocasiões, isso deu origem a um mal-estar individual, com algum eco institucional. Até agora, a Escola soube assimilar esses desencontros e, após mais de vinte anos de existência, o passe é mais vivo do que nunca. Por exemplo, no CIG 2023-2024, ouvimos vinte e três passes, e mais quatro que o próximo CIG continuará o atendimento. Como se explica essa vitalidade do dispositivo?

Uma razão de ordem simbólica que ajuda a explicar essa vitalidade é que, de acordo com os Princípios Diretivos, nossa instituição é uma Escola do Passe. No que diz respeito ao imaginário, os testemunhos dos AEs e os eventos relacionados ao passe estão na ordem do dia na Escola e geram uma grande expectativa. Com relação ao real, a historicização dá uma certa lógica ao percurso de análise testemunhado, colocando em relevo os encontros com o real. Frequentemente, isso toca algo do real daqueles que ouvem os testemunhos dos AEs. Há sempre algo novo, algo surpreendente, algo

¹ “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, Outros Escritos, Rio de Janeiro: Zahar Ed., p.567. 2003.

comovente, algo que mobiliza os afetos. Isso acaba explicando não apenas a vitalidade e a vigência do passe, mas até mesmo, eu diria, sua não domesticabilidade.

Inclusive em casos de não nomeação, a passagem pelo dispositivo produz mudanças, e não há como voltar. Para todos, há um antes e um depois do passe. É algo da ordem de um ato. E a energia que não será mais direcionada para testemunhar o passe perante a comunidade, agora irá em outras direções. A elaboração continua, como um efeito. Há um desejo palpitante que é canalizado de uma forma ou de outra.

É claro que os efeitos das nomeações e não nomeações atingem a todos de acordo com sua localização institucional. Não é o mesmo estar em um lugar onde se dá importância ao final da análise e ao passe, do que estar em um lugar onde isso é apenas um tema entre muitos outros, ou em um no qual os AME não participam das apresentações do AE, se houver, e raramente ou nunca se designam passadores. Em um ambiente como esse, não é fácil que surjam demandas de passes.

Estar no passe, segundo a fórmula da *Proposição*, designa não apenas um momento clínico, mas também estabelece um vínculo com a Escola, a escolha do analisante de associar sua experiência analítica a uma comunidade analítica. Assim, a experiência do passe produz um vínculo entre o caráter íntimo e singular do passe e o caráter coletivo da comunidade da Escola.

O passe energiza a Escola, fazendo-a sofrer uma comoção. Tanto o sujeito quanto a Escola podem sair fortalecidos. A doutrina que se desenrola sobre o passe torna a psicanálise viva. O dispositivo garante a transferência dos analistas para a psicanálise. Passe e Escola têm um objetivo comum e não podem existir um sem o outro.

Em uma escola que dá importância ao passe, analisa-se de forma diferente do que em outras instituições. Do mesmo modo, analisa-se de forma diferente em um fórum ou colégio clínico no qual se dá importância ao passe e ao fim de análise, do que em um em que isso não acontece.

Para concluir, cito o editorial de Wunsch 4:

«A finalidade principal do passe não é a seleção de novos AEs, mas as consequências propriamente analíticas desse passe para a comunidade de Escola. E aqui, me parece, há atualmente um momento de urgência.

*Não podemos ignorar o momento histórico em que nos encontramos, marcado pelo surgimento de psicoterapias de todos os tipos e as tentativas correlativas de regulamentação. (...) A esse respeito, há diferentes posições (...) sendo que, ou bem os psicanalistas aliam-se entre si e militam para que a psicanálise permaneça fora da regulamentação (...) ou que aceitem e, inclusive, às vezes, peçam para ser incluídos na regulamentação das psicoterapias. Em todos os casos, a especificidade da psicanálise está em questão”.*²

Hoje, dezenove anos depois desse editorial, podemos ver que a psicoterapia tem se estabelecido confortavelmente em certos espaços institucionais. Assim mesmo, em alguns países há movimentos que procuram reconhecer diplomas universitários em psicanálise. Os perigos que entranham essas realidades fazem mais necessária do que nunca a doutrina da Escola do Passe. É outra resposta, neste caso na dimensão política, à pergunta “Por que o passe?”.

Tradução: Pedro Pablo Arévalo

² C. Soler (2006). Wunsch 4, Editorial.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIMPÓSIO DO PASSE REALIZADO EM 2024

Radu Turcanu
Paris, França

1.

Assim como em toda parte, o recalque também apronta em nossas instâncias. É por isso que iniciamos este Simpósio do passe com um lembrete. O CIG, do qual faço parte, assumiu suas funções em janeiro de 2023 e, desde o início de nosso mandato, nós nos colocamos a questão da realização *presencial* dos passes e não mais por *vídeo*, como ocorreu durante a crise da Covid. Após uma verdadeira *disputatio*, cujos argumentos atravessaram o Atlântico, e ao convocar o lugar do *passe* em nossa Escola de Psicanálise, as considerações financeiras e de outras ordens passaram para segundo plano.

De fato, nada se compara à presença dos corpos falantes quando se trata dos encontros entre *passante* e *passador* e entre *passadores* e o cartel do *passe*. Ou do momento de concluir para os cinco prisioneiros-cartelizantes, em um tempo lógico também a ser encarnado.

Quem sabe? Se gostos ou políticas oscilantes vierem a questionar, no futuro, a pertinência dessas *transposições* dos corpos, invocando o desgaste, a duração, os custos, a poluição e tudo o mais que se queira, elas poderão tornar-se caducas. Até essa nova ordem, os encontros por *vídeo* continuam sendo excepcionais.

2.

Durante este *Simpósio do passe*, também abordamos o “caso” dos passadores. Eles não são nomeados, mas designados pelo AME; ou melhor, “denominados”. Assim, voltou-se a discutir a proposta de encontrar um denominador comum para orientar essa designação. Já mencionei esse ponto na *Réplique nº 1* ao *Argument* para a Jornada de Escola da Convenção Europeia (Veneza, julho de 2025 – ver o site da Convenção).

Mas *quid* então de um “*que se dane*” marcando o salto de um *eu penso* para um *eu ajo*, como César diante do Rubicão, tal como mostra Lacan? Se alguém aceita ser passador, faz isso por sua própria conta e risco. E, quando o AME “designa”, ele o faz a partir de sua própria concepção da psicanálise e do *passe*, que sus-tenta qualquer possível enquadramento dos analisantes na classe dos passadores.

A designação do passador não é, portanto, apenas um desafio para o analisante que aceita essa tarefa, mas também revelador da posição do AME dentro da Escola e da lógica de sua própria nomeação como AME. Causou surpresa o número reduzido de AME que designam passadores na Europa, por exemplo.

A discussão derivou para a questão da nomeação dos AME. A prática analítica, bem como o trabalho de elaboração e transmissão da psicanálise – sendo essa inscrição na Escola guiada tanto pela *intencionalidade* quanto pela *extensionalidade* do discurso psicanalítico – costumam orientar essa nomeação. Propôs-se encontrar um denominador comum para a forma de submeter as propostas de AME às instâncias competentes, localmente e internacionalmente. E se, além disso, considerássemos como critério de nomeação a convicção, ou até mesmo a certeza, de que o futuro AME, orientado por sua prática de analista, seja capaz (e tenha o desejo) de designar passadores?

3.

Houve um terceiro ponto submetido à discussão neste *Simpósio*, desta vez sobre o trabalho dos secretariados do *passe* e, mais uma vez, os critérios utilizados para aceitar ou recusar as demandas de *passe*. Foi salientado que, em alguns casos, certas candidaturas não são suficientemente justificadas e, portanto, não deveriam ser aceitas.

De fato, avaliar razoavelmente essas demandas de *passe* continua sendo um *must*. Ao mesmo tempo, como sub-estimar o furo que habita tanto a razão quanto a demanda? Um furo como ponto de indecidibilidade e inconsistência, que faz com que todo *passe*, em sua trajetória, possa encontrar sua resolução, sua resposta para o enigma do desejo. Com um pouco de sorte, será um chiste como *toque* do real.

Também podemos sorrir diante desses furos recorrentes no dispositivo que nos incomodam e, por vezes, nos fazem perder o rumo. Mas a verdadeira direção não deve estar na transmissão do que faz furo? Não é isso que persiste? Mesmo “tocado”, o real nunca abolirá seu escárnio diante das nossas (de)nominações.

Tradução: Eveline Hauck

UM ESTILO DIFERENTE: “A FALHA PELA QUAL TENTEI FAZER PASSAR O MEU PASSE”¹

Rebeca García
Madrid, Espanha

Lacan, na sua intervenção de 3 de Novembro de 1973, “Sobre a experiência do passe”², ao assinalar que as sociedades analíticas se regeram até então pelas leis da concorrência e, portanto, pelas leis de grupo e do Discurso do Mestre, comenta que ele “desejou outro modo de recrutamento”, como “primeiro degrau de um recrutamento de estilo diferente”, com o objetivo de isolar o que diz respeito ao Discurso Analítico.

Esse *estilo diferente* aponta, assim, para outra forma de pensar o laço com a Escola, que coloca à prova todos os seus membros e instâncias.

Trata-se de uma lógica coletiva que aposta *numa experiência radicalmente nova*, pois o passe nada tem a ver com a análise.

Tal como está organizado o dispositivo na nossa Escola, este não poderia funcionar sem uma série de enlaçamentos entre todos os elementos envolvidos: passantes, secretariados do passe, AMEs, passadores e cartéis do passe.

Podemos, assim, pensar num funcionamento “borromeano”: se um dos elementos falha, os outros soltam-se.

“... vou colocá-lo em termos de lógica.

*Por que razão em termos de lógica? Porque a lógica define-se como aquilo que visa reabsorver o problema do sujeito suposto saber.”*³

Depois de dois anos a participar na experiência do CIG (2022-2024), questionei-me em diferentes momentos sobre o fundamento dessa *lógica coletiva*, posta em ato no dispositivo do passe e que mobiliza tantos recursos da Escola.

Lacan, após seis anos de funcionamento do passe, dá algumas orientações que nos permitem pensar certos traços dessa lógica.

Por um lado, não é um funcionamento que ilumina um Universo, nem é de ordem *didática*, do que se ensina ou se aprende — o sujeito *não o aprendeu de todo... isso revelou-se... diante dele, pertence ao domínio da experiência, e a experiência não é didática.*

É outra relação com o saber, que se *revela* não como um saber que viria de fora, mas como algo que surge para o passante, mas também para os passadores e o cartel do passe, quando o véu se levanta.

De que *revelação* se trata na experiência, para não cair na tentação do inefável?

Lacan fala das diferentes posições dos que intervêm no dispositivo:

O que se revelou na experiência analítica transforma o candidato em “cândido”, de modo a que o passante possa transmitir algo desse momento da destituição subjetiva, onde o objeto *a* que *representa um certo número*

¹ Lacan, J. Sobre a experiência do passe - Congresso de la Grande-Motte, 3 de Novembro de 1973, em www.ecole-lacanienne.net / Pas-tout Lacan

² op. cit.

³ Lacan, J. Sem. “O ato analítico” – lição de 21 de Fevereiro de 1968

*de enigmas polarizados*⁴, cai, desimpedindo um lugar vazio que poderia possibilitar a passagem do analisante ao analista, se forem extraídas algumas consequências.

O *cândido* não aposta na ignorância; deixa-se surpreender pelo que encontra, está próximo do *dupe*.⁵

Na *Proposição de 9 de Outubro de 1967*, Lacan vai comentar:

*Assim, o final de análise conserva em si uma ingenuidade, sobre a qual se coloca a questão de saber se deve ser considerada uma garantia na passagem para o desejo de ser psicanalista.*⁶

Quanto ao passador, trata-se de que *não se coloque num pedestal*, nem pretenda fazer-se de analista com o passante, posições que obstaculizam a transmissão de uma experiência “enquanto um dizer que nas suas contingências seja a causa portadora de um desejo”.⁷

O que se espera do cartel do passe? Talvez, neste ponto, o comentário de Lacan sobre o famoso aforismo de Heráclito nos leve a pensar que todos esses *heterogêneos* possam suportar a tentação de construir um universal do saber, que asfixiaria a dimensão própria da experiência, atravessada por um real e que aposta no não-sabido como moldura para o saber. Trata-se de deixar passar aquilo que, em determinado momento dos diversos testemunhos, ilumina e revela algum aspeto do real em jogo.

Lacan fala da *passagem, da falha pela qual tentei fazer passar o meu passe*.

É nessa falha que o cartel e todo o dispositivo trabalham para responder à intransmissibilidade da psicanálise, que leva cada analista a reinventá-lo.⁸ É a falha que organiza paradoxalmente a lógica coletiva que impulsiona o dispositivo.

Sem essa falha, sem essa fissura, não há transmissão de uma experiência; podem circular outras coisas, mas serão da ordem de outros discursos. O que cada analista conseguiu *reinventar* requer a passagem, um corredor que é um lugar aberto, não um lugar para se instalar — permanece aberto, tal como as propostas que Lacan fez ao longo do seu ensino sobre o passe. De facto, neste mesmo texto, fala do passe como um *primeiro degrau*.

A reinvenção de cada analista e o passe seriam a resposta ao intransmissível da psicanálise.⁹

Participar nos cartéis do passe permitiu-me constatar um efeito de entusiasmo e alegria, em todos os participantes, especialmente na maioria dos passadores, mesmo quando não se produziu uma nomeação. Satisfação por terem conseguido pôr à prova essa lógica coletiva, paradoxal e sujeita à contingência?

Por fim, se Lacan fala do passe como “um primeiro degrau de um recrutamento de estilo diferente”, não estaremos todos os membros da Escola, nomeados ou não, convocados a continuar a pensar noutros passos?

Tradução: Pastora Rivera

⁴ Lacan, J. Sobre a experiência do passe

⁵ Lacan, J. Sem. XXI, Les non-dupes errent, em www.ecole-lacanienne.net / Pas-tout Lacan

⁶ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola – Outros Escritos, B. Aires, Paidós, 2012 – p. 273

⁷ Gallano, C. *Subjetividad y lógicas colectivas* – “Políticas de lo real”, VV.AA, Ediciones S&P, Barcelona, 2014

⁸ Lacan, J. Clausura do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre “A transmissão” – em www.ecole-lacanienne.net / Pas-tout Lacan

⁹ Bruno, P. – Final y pase. Ediciones S&P, Barcelona, 2015, p. 12

URGÊNCIAS SUBJETIVAS E FINAL DE ANÁLISE?

Teresa Trias
Barcelona, Espanha

É possível agir com urgência para solicitar a passagem?

O que nos diz Lacan em relação à urgência? São urgências subjetivas ou são outra modalidade de urgências?

Chamou-me a atenção que, ao final do Prefácio da edição inglesa do seminário 11, Lacan nos diz que os casos de urgência o atrapalhavam. E ele diz ainda mais: *“Aponto que, como sempre, os casos de urgência me atrapalhavam.”*¹

E em Outros escritos *“Aponto que, como sempre, os casos de urgência me enredavam enquanto escrevia isso.”*²

Coloco as duas traduções possíveis. A primeira está no diretório 2023-2024 e a segunda em “Outros escritos”. De qualquer forma, os casos de urgência o atrapalhavam ou o enredavam, ressaltando o significante **sempre**. Entendo que o atrapalhavam ou o enredavam no objetivo de conseguir a nomeação de A.E.

Mais acima, no mesmo Prefácio, fala da satisfação do final de análise e ainda que a urgência que preside a análise é conseguir essa satisfação. Ele nos fala da hystorização da análise, de seu percurso e seu deciframento. Fala do final de análise, mas da passagem vai dizer outra coisa: a prova da hystorização. A análise é posta à prova para discernir se houve desejo do analista ou não. Não de “ser analista”, não de exercer o psicanálise, mas se há ou não desejo. Inferindo na falta, no objeto causa do desejo.

Uma análise acabada não é sinônimo de que haja A.E. Lacan ainda resalta que, se não há desejo, que os devolvam aos estudos. Com isso, quer dizer que continuem com o epistêmico? Deixo a interrogação. Pode haver analista, mas não analista da Escola. Embora, os estudos apenas não vão resolver o que não aconteceu na passagem, deveriam ir além em sua análise. Portanto, clínica e epistêmica devem estar entrelaçadas.

Clínica e episteme da psicanálise lacaniana, não de uma terapêutica analítica, já que, em algumas ocasiões, a análise pode se tornar apenas terapêutica. Daí que as urgências o “enredem”.

A urgência dá-se em todos os analisantes e *“para cada um há uma urgência terapêutica que está ali.”*³ Sem dúvida, o terapêutico pode resolver situações anímicas e vitais, mas a análise lacaniana tem um plus, vai além do terapêutico. O benefício terapêutico dar-se-á, em parte, a partir do momento em que o analisante passe a assumir o seu próprio sintoma que lhe faz pergunta. Se lhe faz pergunta, é um começo de análise, já que se torna um sintoma analítico a decifrar, responsabilizando-se pelo mesmo. Um começo de saber o que lhe acontece e por que lhe acontece. O saber produz um benefício que reduz o gozo. *“O sintoma muda de uso, ou seja, troca seu valor de gozo insuficiente por um valor de saber: é a entrada na transferência.”*⁴

Continuemos com a passagem e a prova da hystorização. O que Lacan quer nos dizer com a prova? Na passagem, o passante explica, transmite, no melhor dos casos, ao passador sua própria hystorização. Ele se hystoriza de si mesmo, nos diz no Prefácio mencionado anteriormente. O passante dará sua própria versão de sua análise, os pontos cruciais, os tempos lógicos.

Digo explica, transmite, no melhor dos casos, com toda a intenção. Pois não se trata apenas de explicar, mas de que chegue a quem escuta. Aqui reside a transmissão. Se apenas explica, não haverá a correia de transmissão e será impossível que do passador passe algo para o cartaz do passe. Explicará uma história. Pode ser ou não interessante em termos de história, mas não cumprirá o objetivo do que se busca.

¹ J. Lacan. Prefacio a la edición inglesa del seminario 11. Directorio 2023-2024. Edición española. p. 265

² J. Lacan. Prefacio a la edición inglesa del seminario 11. Página 601. Otros escritos. Ed. Paidós

³ Colette Soler. “¿Urgencias terapéuticas?”. Página 106. Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.

⁴ C. Soler. “Los fines propios del acto analítico”. Página 64. Finales de análisis. Manantial

Para a Real Academia Espanhola, transmitir é “*hacer com que (algo) passe ou se transfira de uma coisa ou de uma pessoa outra.*”⁵ De qualquer forma, pode haver transmissão, algo pode passar, mas não o que precisa ser passado. É preciso que se perceba esse “algo” diferente e inédito.

Antes, eu dizia que uma análise acabada não é sinônimo de que haja A.E. Em alguns passes que ouvi, o analista do passante havia dado por finalizada a análise. Então, o que aconteceu? Houve um empurrão para o passe? Houve urgência? O passante não soube transmitir, o passador não soube escutar e, por sua vez, transmitir, ou o cartaz do passe não soube escutar? Como acabei de dizer, é necessário que haja correia de transmissão.

Como se pode transmitir algo que toca o real? Com a explicação lógica da hystorização. A transmissão ocorre quando algo passa do passante para o passador e deste para o cartaz do passe.

Essa concatenação, essa cadeia de três me lembra a transmissão de uma geração para outra. A transmissão que ocorre de uma geração para outra é porque há desejo, não porque se diga que há desejo, mas porque realmente existe e é transmitido. É algo do inconsciente que se transmite. “*Que o desejo não seja anônimo*”⁶, escrevia Lacan a Jean Aubry em relação à transmissão do desejo dos pais e à constituição subjetiva do infante na neurose.

O desejo do analista se liga ao ato analítico final. É um desejo produzido por ter “aceitado” ser um resíduo ou resto, sem ficar apenas nisso. Podemos entendê-lo como um desejo ligado ao gozo próprio do sujeito. Um gozo que já não mortifica e que transforma o sujeito. A aceitação não significa que se considere um resíduo ou resto, mas sim poder fazer com esse real, poder sair da repetição que produz o gozo, sair disso, aliviando-o. Não é resignar-se a isso, mas ter encontrado uma “brecha” para evitar a repetição, ter encontrado uma saída, uma fresta pela qual se diga, “isso é”, como uma certeza.

Essa transformação do sujeito atuará como suporte para poder se colocar como objeto causa do desejo no dispositivo analítico, assumindo o lugar de analista. Lacan pergunta quem está disposto a ocupar esse lugar de difícil assunção.

Tradução: María Belén Posada

⁵ Real Academia Española.

⁶ J. Lacan “Dos notas sobre el niño”. Página 56. Intervenciones y textos 2. Manantial

HOMENAGEM

RICARDO ROJAS
Membro do CIG 2023-2024

falceu no dia 27 de setembro de 2024,
sentimos falta de “sua querida presença” e publicamos um de seus textos:
“Luto e satisfação no final?”

Agradecemos a nossa colega Beatriz Maya que nos cedeu um texto de Ricardo Rojas, falecido em 27 de setembro de 2024.

O CIG 2023-2024 lhe rende homenagem por seu compromisso e pelo trabalho que pudemos compartilhar

LUTO E SATISFAÇÃO NO FINAL?

Ricardo Rojas
Medellín, Colômbia

... Ao dar-se a convocatória para esta Jornada, renasceu em mim a necessidade de voltar a este tema que teve um interesse particular, e foi a ocasião para perceber o quanto avançaram minhas conceitualizações desde que as fiz públicas em novembro de 2007, em uma Jornada de Medellín, e cujo conteúdo foi publicado há 11 anos na série *O que passa no passe*, da Associação América Latina Norte, reflexões no interior do artigo: *O passe no ensino de Lacan não é sem final*.

Após todo esse tempo, chegou o momento de abordar novamente este tema e de me perguntar o que se mantém e o que se transformou em minha concepção. Ocorreram muitas coisas importantes nesse meio tempo: experimentei o dispositivo do passe apresentando-me como passante no final de 2011; de 2014 a 2016, como Analista Membro de Escola fui eleito pela América Latina para ser membro do Colegiado Internacional de Garantia, no interior do qual participei de vários cartéis do passe, nos quais se deram algumas nomeações. Também, de 2016 a 2018, fui membro do Secretariado do passe da Comissão Local de Garantia para América Latina. Como AME., desde 2006, cinco de meus analisantes propostos como passadores foram sorteados e exerceram sua função, tendo três deles estado em nomeações de AE. Ou seja, participei, desde diferentes pontos de vista, do dispositivo do passe, nos diversos momentos de seu funcionamento. Ou seja, revisei os ecos do dispositivo, tanto dos que receberam a nomeação Analistas de Escola (AE) como os que não. Então, há treze anos e meio eu falava a partir da não experiência, um pouco impulsionado por minha recente designação como Analista Membro de Escola pela Comissão de Habilitação Internacional¹, e tratando de pensar o assunto a partir da teoria proposta por Lacan.

Mas é disso que se trata, que persista algo de entusiasmo por pensar a psicanálise, produzir um saber: “*sem o que* [como assinala Lacan na Nota Italiana] *não há chance de que a análise continue a dar dividendos no mercado*”², daí a necessidade de elaboração teórica que dê conta dos conceitos que subjazem a uma práxis como a psicanálise, elaboração essa com fins éticos. Hoje estamos no mesmo ponto de entusiasmo, participando ativamente da possibilidade de intercambiar, em diversos espaços, com aqueles que têm uma prática ou não, a respeito dos dispositivos de Escola e da psicanálise. Neste momento, isso foi um benefício da pandemia, poder participar de intercâmbios em lugares distantes do planeta, estar aberto à dialética que constitui a formação analítica permanente que proporciona nossa Escola, pois nela todos nos encontramos em formação permanente. Isso permite que muitas das coisas do elaborado em 2007 se tenham modificado e enriquecido. É isso, o “*turbilhão*” de Escola e a possibilidade da transformação contínua.

Precisamente, o tema central do artigo mencionado havia surgido ao constituir-se uma discussão com um colega do outro lado do Atlântico, cuja tese central era *O passe é sem final*, enquanto minha posição era absolutamente contrária. Talvez uma das precisões que eu daria ao meu texto de 2007 em seu título

¹ O nome dessa comissão no Brasil tem sido traduzido como “Comissão Internacional de Designação”.

² Lacan, J. (2003 -1977) Nota italiana, in: Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 314.

seria: *O passe não é sem a satisfação que marca o final*, ou seja, que essa referência ao Lacan do *Prefácio*³ de 1977, utilizada em meu artigo, passaria, de ter sido um simples elemento comum, a ser central no assunto.

Estamos confrontados, então, a um assunto ético que consiste em pensar as finalidades de uma análise, o que a distingue, ou seja, os objetivos próprios da mesma; por isso os fins de análise devem ser pensados com relação às suas finalidades, a seus objetivos e, ao mesmo tempo, as finalidades da análise dependem do fim como final, seja este possível ou não. Por isso em uma Escola de Psicanálise se torna um tema central o Final de análise, conjugado com a formação dos analistas, pois como assinala a *Proposição de 9 de outubro de 1967*: “Isso não impede que a escola garanta que um analista depende de sua formação”⁴ ou “*Que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, portanto, está estabelecido*”⁵. O que compreendo é que as garantias da Escola não são de um indivíduo, mas que ela vem a garantir a formação. As garantias da Escola não são mais um escabelo, que vem a nutrir o narcisismo de um indivíduo. Seria ruim que alguém a exibisse como sua e exigisse as honras. Ao invés disso, um analista é o resultado do que foi dispensado como formação em uma Escola, que parte da oferta do dispositivo da análise, por parte de um analista que, ainda que a sustente na solidão de sua sessão, não a oferece sem a presença de um terceiro, o Outro barrado em que se constitui a Escola. É o que dá suporte político aos analistas que são de sua Escola não por estarem inscritos em um papel como Membros da mesma, mas como participantes de seu “turbilhão”, de suas atividades e dos outros dispositivos que se agregam à sua análise pessoal na formação dispensada pela Escola. O cartel, a supervisão e finalmente o dispositivo do passe que coloca no centro a ética da psicanálise, ou seja, seus fins e finalidades específicos.

É essa intrincada relação do analista com a formação que ela dispensa a única coisa que se pode garantir, analistas sempre em formação e sempre em questão, o que traz novamente a necessidade de que os analistas pensem a psicanálise, pois como dizia Colette Soler em seu Seminário deste ano, não é suficiente que haja quem pratique a psicanálise; para que esta continue com sua presença no discurso social, é necessário que haja quem a continue pensando.

Freud não é o mesmo que Lacan. Em muitos assuntos, há claras diferenças, e com o final de análise temos um exemplo. Com relação ao fim, Freud constatou um duplo obstáculo, um terapêutico e outro epistêmico. O primeiro está relacionado com o protesto e reivindicação, o rechaço do que se descobre em uma análise, ou seja, a castração. O segundo concerne à revelação do inconsciente, ou seja, o plano epistêmico; aqui o impedimento recai sobre a repressão originária, a impossibilidade de levantá-la de uma forma total e poder ter um acesso absoluto ao inconsciente. Dada a situação anterior, não há final de análise para Freud e, portanto, o fato factual de deixar de encontrar-se com o analista marca o final de análise, se avalia em cada caso, ficando à deriva da avaliação subjetiva, e ainda terminando por recomendar que seria conveniente retomá-la periodicamente.

Lacan nunca esteve de acordo com isso; sempre viu a possibilidade de poder identificar um fim e sua teoria do final de análise sempre foi solidária com suas elaborações a respeito da estrutura psíquica. Não é esse o objetivo de meu trabalho, fazer um censo das teorias de Lacan sobre o final ao longo de seu ensino. Abordarei somente o que tem a ver com o luto e a satisfação, dois afetos que ocupam um lugar em suas teorizações sobre o final. Recomendo-lhes a leitura do texto de Colette Soler, *O fim e as finalidades da análise*, que reúne uma série de conferências ditadas em Buenos Aires no final de 2011, publicadas pela Editora Letra Viva. Ali podem encontrar um desenvolvimento mais amplo daquilo que vimos falando.

Desse texto, pode-se extrair que o assunto do luto e da satisfação no final aparecem em dois momentos em Lacan. De um lado, no da *Proposição de 1967* e em seu texto *O aturdido*, e por outro lado, seu último texto escrito sobre o final, em 1977, o *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. Tanto ela como nós poderíamos nos perguntar se essas concepções são diferentes ou complementares, se uma substitui

³ Lacan, J. (2003- 1977) *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, in: *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed..

⁴ Lacan, J. (2003-1967) *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 248.

⁵ *Ibid.*, p. 249.

a outra, ou se uma esclarece algo que não se compreendeu bem na primeira. Esta última possibilidade, eu a estou introduzindo, a partir dessa primeira leitura do assunto, em 2007, e dessa nova releitura em 2021, iluminado também pelo fato de ter assistido ao Curso do Colégio Clínico em Paris, de Colette Soler, 2020-2021, que se chamou *Urgências* e que se espera que seja publicado pelas *Ediciones Hispanohablantes del Campo Lacaniano* no próximo ano. Nesse Seminário, Colette Soler vai e vem várias vezes sobre o texto do *Prefácio* e do assunto da satisfação do final de análise, introduzida por Lacan nesse texto.

Na discussão com Patrick Barrilot, quem sustentava que o passe é sem final, um de seus principais argumentos estava apoiado nas teses apresentadas por Colette Soler em Buenos Aires em 1986, publicadas no artigo *As saídas da cura analítica*, em seu livro *Finais de análise*, da editora Manantial. A tese central era que o momento do passe era seguido de um momento de luto, tempo em que se resolvia a relação do analisante com seu analista em termos de objeto, luto que durava um tempo. O anterior deduzido a partir, primeiro, de duas frases de Lacan na *Proposição* que assinalam que a “*paz não vem prontamente selar essa metamorfose*”⁶; essa paz viria por meio do luto. Em 2007, eu assinalava que o momento do passe não era um processo, mas, como aponta Lacan no Seminário do *Ato psicanalítico*, é um salto, algo da dimensão de um Ato que nada teria a ver com um processo que o faria parecer-se com as teorias kleinianas ou winnicotianas do luto. Colette, em seu Seminário deste ano, vê essa frase de Lacan de uma outra maneira, distinta daquela de 1986. Neste momento, ela assinala que a metamorfose do sujeito é consequência do atravessamento da fantasia, da revelação da falha do *Sujeito-suposto-saber* e do fato de que não haja outra coisa que responda que não o objeto *a*, consequências essas com uma caracterização de menos, o que requer um plus que venha a contrabalançar isso para que se marque o fim, que é o que está assinalado no texto do *Prefácio*, como satisfação do final, e esta seria a “paz”, antecipada no texto da *Proposição*. Eu formulava, em meu texto de 2007:

*A paz não é aqui senão a Befriedigung, a satisfação [remetia em nota de rodapé à lição de 10 de maio de 1967 do Seminário A Lógica do fantasma, onde Lacan diz: “Satisfação, Befriedigung no texto de Freud. A própria palavra introduz a noção de uma paz sobrevinda.”], “a satisfação é reencontrada sem nenhum deslocamento, pressão, defesa ou transformação, por isso caracteriza a sublimação”. E ainda uma afirmação mais forte, a sublimação “que não deixa de ser satisfação da pulsão”. Isso da Proposição é uma antecipação do que mais adiante assinalará no Prefácio de 1976.*⁸

Depois dessa longa auto-citação, percebo uma relação, inclusive muito mais ampla, entre o Final de análise e a Sublimação com a satisfação do final. Adiantava algo em 2007 com relação ao Saber-fazer-aí-com, que prefiro traduzir *se virar com*, e após os desenvolvimentos de Colette Soler em seu Seminário *O outro narciso*⁹, pensaria também nas relações com o Escabelo. Ou seja, se desembaraça ou se abre um caminho a mais uma investigação

5, a qual agora me sinto animado a realizar, e para a qual convocarei um Cartel.

Com a ajuda dos aportes de Colette Soler em seu Seminário deste ano, vou desconstruindo, como fiz com o anterior, este segundo argumento tomado de Lacan por meu interlocutor europeu nesses intercâmbios de 2007:

Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, ainda o é esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto, com isso sabendo, como qualquer outro na função

⁶ Lacan, J. (2003-1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 260.

⁷ Lacan J. (2024-1966-67) O seminário, livro 14: A lógica do fantasma, Rio de Janeiro: Zahar, p. 269.

⁸ Tradução livre.

⁹ Soler, C. Um outro narciso, São Paulo: Aller Editora, 2021.

*didata, que também para eles isso passará. Quem, melhor do que esse psicanalista no passe, poderia autenticar o que ele tem da posição depressiva?*¹⁰

Colette Soler recordou, neste ano, que Lacan teve que esclarecer, no *Discurso na EFP*, que a destituição subjetiva era para o analisante e o des-ser para o analista. Assinalou também que, se se olha o texto de perto, percebe-se bem que Lacan se refere ao luto, mas no analista, não no analisante no passe: a destituição subjetiva “faz (...) ser, singularmente e forte”¹¹, e traz para isso *Le Guerrier appliqué*, de Paulham, como um dos exemplos. Então, de forma alguma ser forte é compatível com um luto. Se no passe há algo de posição depressiva e luto, seria no analista.

Colette, em sua última sessão do Seminário, assinalou que há uma tendência a trazer o luto ao final, por parte do mundo analítico; a ver esse lado negativo do final como explicação. Creio que esse preconceito teve todo seu peso tentando sustentar uma frase de Lacan, pela via de justificar com ela o assunto da necessidade de um tempo de luto ao final. Inclusive esse apontamento de Colette se aplica à sua teorização de 1986. Para isso, quem sustenta essa tese, o que inclui Colette Soler naquele momento, utiliza um parágrafo do *Aturdido*:

*O analisante só termina quando faz do objeto (a) o representante da representação de seu analista. Portanto, é enquanto dura o seu luto pelo objeto (a), ao qual ele enfim o reduziu, que o psicanalista continua a causar seu desejo – sobretudo maníaco-depressivamente. (...) É esse o estado de exultação que Balint, tomando-o com otimismo, descreve não menos bem: mais de um ‘sucesso terapêutico’ encontra nisso sua razão, às vezes substancial. Depois, arremata-se o luto.*¹²

É de se estranhar, ou talvez seja um exemplo patente de negação, que se tenha pensado que Lacan havia terminado por construir uma teorização do final de análise compartilhando um ponto de vista de Balint, quando no texto mesmo da *Proposição* dizia, tomando clara distância, que:

*Com o fim da análise hipomaniaca, descrita por nosso Balint como a última moda, cabe dizê-lo, da identificação do psicanalista com o seu guia, estamos tocando na consequência da recusa anteriormente denunciada (recusa suspeita, Verleugnung?), que só deixa o refúgio da palavra de ordem, agora adotada nas sociedades existentes, da aliança com a parte sadia do eu [moi], a qual resolve a passagem a analista pela postulação, nele, dessa parte sadia, desde o começo. De que serve, portanto, sua passagem pela experiência?*¹³

Claramente vemos o assinalado por Colette, no último curso de seu Seminário deste ano: “é a complacência do mundo analítico por valorizar o fenômeno do luto o que poderia significar um apego à miragem da verdade sob a forma transformada de sua renúncia dolorosa”¹⁴.

A mesma frase anterior, do *Aturdido*, dizia claramente que o estado de exultação hipomaniaco explicava, ou dava razão de maneira substancial, a mais de um “sucesso terapêutico”. Então, “exultação” é muito diferente de “entusiasmo”, portanto “é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”¹⁵, como diz na *Nota Italiana*. Não é o luto que põe fim à miragem da verdade mentirosa, condição da satisfação do final, dado que por fim a essa miragem é, antes, o final do luto; estar em luto como ressaltava Colette “é não se haver desprendido e, como não ver isso, o luto é uma maneira particular de gozar de sua perda”¹⁶; é um luto que finalmente se termina assegurando o “sucesso terapêutico” do eu forte, o mesmo que se exigia como critério de analisabilidade, ou seja, não há nenhum progresso da Cura.

¹⁰ Lacan, J. (2003-1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p.260.

¹¹ Lacan, J. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 278-279.

¹² Lacan, J. (1972) O aturdido. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 489.

¹³ Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.259.

¹⁴ Tradução livre.

¹⁵ Lacan, J. (1973) Nota italiana. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.313.

¹⁶ Tradução livre.

Não é pela via do objeto perdido da posição depressiva, do luto kleiniano, que se resolve o enigma da frase: “O *analisante* só termina quando faz do objeto (a) o representante da representação de seu *analista*”. O representante da representação é o que faz as vezes da representação; é ao mesmo tempo o significante binário; as *vorstellung* falham em representar a Coisa, irrepresentável, não podendo representar mais que os atributos. No inconsciente não há representações, somente o que faz as vezes de representação, o objeto no lugar do semblante.

Somente umas poucas palavras sobre a satisfação. Colette, neste ano, fez todo um trabalho de desconstrução do que chamou “a consigna superegóica da satisfação”: ainda um esforço a mais para alcançar a satisfação. A satisfação não é uma emoção do final; como tal, pode representar uma *variété* do final, mas também há as variantes do humor fundamental de um em-si de dor como decisão insondável, que Colette se pergunta se, como a psiquiatria, poderíamos patologizá-la, melancolizá-la ou ainda perguntar-se o que fazer com isso. Foi algo que deixou muito em aberto, mas não é à fenomenologia que aponta a psicanálise.

Igualmente, nos deixa pensando sobre o tempo próprio da psicanálise, inclinando-se a que não é o tempo lógico dos prisioneiros o que nos ajudaria a pensar a urgência da satisfação do final, nem o tempo gramatical ao que recorreu Lacan em certos momentos de seu ensino; nos diz que somente o tempo modal, das modalidades lógicas, nos ajudaria a pensar esse assunto. Como em 2007, tenho apenas algumas intuições. É importante ter em conta algo a que Lacan nunca renunciou: ao passo do passe como “salto”, o que descarta que seja um processo, mas creio que a pressa [*la hâte*] e sua relação o “a” estão intimamente ligados com a criação, com o significante novo do *Seminário 24 L’insu*, com a poesia intimamente relacionada com a sublimação.

Como veem, um trabalho nos leva ao ponto onde temos que voltar a recomeçar...

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

VII ENCONTRO DA ESCOLA DOS FÓRUNS
DO CAMPO LACANIANO

02 MAIO 2024, PARIS

SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM A ANALISTA

ABERTURA

Dominique Fingermann
Nîmes, França

Esta VIII Jornada da Escola da EPFCL, remete uma vez mais à intensão da psicanálise em questão. Quer dizer que ela interrogará novamente isso que, em uma psicanálise, faz o psicanalista: a passagem do analisante ao analista. A intensão da psicanálise, que determina a extensão que a Escola e seus Fóruns, têm precisamente a intenção de sustentar aqui e lá, é a subversão do laço donde se produz “do psicanalista”.

Impredicável, digamos, não obstante Lacan, depois de ter especificado como o desejo do psicanalista para extrair ali o ato que depende disso, finalmente propôs um matema que escreve sua operação própria: o Discurso do Psicanalista. O produto contingente desse laço inédito pode ser “do psicanalista”, e assim sucessivamente...

“Para que a psicanálise... volte a ser... um ato por vir ainda” contamos com uma operação que sustente a lógica e com a chance que resultem uns operadores à altura da ética que exige desta lógica.

O Colégio Internacional da Garantia da EPFCL, o CIG 2023-2024, como todos os que o precederam sustenta o dispositivo do passe e a experiência viva que emana disso. Cada passe é recebido com a maior consideração com respeito ao que constitui as transformações da travessia das análises aqui e lá, porém o que orienta os Cartéis é desde já uma atenção particular ao que pode nos testemunhos denotar “o passo à analista”.

A questão tem sido incorporada ao trabalho nas últimas Jornadas da Escola em Buenos Aires pela iniciativa do CIG precedente. A retomamos e a propomos indicando de entrada no enunciado do título uma afirmação: a passagem à analista que pode procurar uma análise produz uma transformação radical na relação ao saber, quer dizer, ao inconsciente.

Portanto: SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA.

A psicanálise é uma experiência de saber, é o que a constitui como “didática”. Esta experiência de saber começa por “algo” que escapa completamente àquele que sofre, ele não sabe nada sobre isso, porém, por sorte, pode encontrar um bom escutador que *saberá fazer* questionamento dessa ignorância, e a fará falar. Esta experiência de palavra, “a prática do blábláblá” dirigida ao analista, transportará o “não quero saber nada disso” inicial no percurso inesgotável da suposição de um saber sobre esse sujeito à deriva, no que Freud nomeava “suas representações”, e que Lacan qualificará de elucubrações. A transferência, este “amor que se dirige ao saber”, incansável decifradora, é o vetor da “prática do sentido” que deverá encontrar seu fim: o insabido que sabe de uma equivocação¹. Em resposta ao impasse do Sujeito Suposto Saber pode produzir-se um passo ao analista.

Com a transferência como suporte, a douda ignorância analítica é uma tensão para o saber. Há por tanto um percurso, uma travessia, do que o que está posto em jogo é o fim da análise, ou seja uma profunda modificação da relação ao saber e ao gozo que ele cifra, pelo feito da operação “do analista”, quer dizer a posição do inconsciente: instauração do saber “no lugar da verdade”.

Esta travessia Lacan a nomeou “Passe”. Prestidigitação, passagem sutil do saber do psicanalisante ao saber do psicanalista. O saber do psicanalisante se orienta de entrada com o Sujeito Suposto Saber; o ato

¹ Aqui se fez uma tradução ao título do seminário 24: l'insu que sait de l'une bévue

do psicanalista, ao invés da neurose, favorecerá a topada sobre um impasse até que eventualmente possa sustentar este saber insabido sem o recurso das representações, das elucubrações, das ficções da verdade mentirosa que vetorizavam sua direção ao Outro.

Este saber causa horror porque ao invés do saber suposto não tem garantia no Outro. “Horror do saber” diz Lacan, para sublinhar o que está posto em jogo nesta passagem, porque o saber se revela conectado a um gozo que não faz proporção, e, no entanto, conduz à “afrontar-se ao impasse sexual”, seja à castração e ao gozo contíguo. Desmontando as teorias sexuais que a neurose elaborava minuciosamente e confinava nos limites do fantasma, esse saber não-sabido remete àquele que fez esse percurso em sua solidude, Troumatisme², que Lacan pode escrever: Há do Um.

O que cai então de nossos amores transferenciais e de seu desejo de saber? Um desejo de saber pode se desprender disso e transmitir os efeitos (afetos) de um saber insabido.

Com efeito se “os analistas são os sábios de um saber acerca do qual não podem conversar”, eles podem fazer uso disso, o colocar em ato e o fazer conhecer mais além.

Desejamos que os AMEs e os passadores que eles designam estejam atentos ao inesperado e ao inaudível dos efeitos desse saber não-sabido...

Do lado dos cartéis do passe... contemos com a sabedoria de sua ignorância.
A Escola, a Escola, sempre recomeçada ... para que haja chance de analista.

² Neologismo de furo-traumatismo.

O QUE SE PODE SABER NUMA ANÁLISE?¹

Elynes Barros Lima

AE

Fortaleza, Brasil

“Que cada um saiba um pouco será suficiente, e ele fará bem em ater-se a isso”²

Algumas pessoas – psicanalistas ou não - pensam que, no final de sua análise, o analisante enfim, saberia tudo, “conheceria o bem e o mal”³; e que seria esse conhecimento que o habilitaria a “ser psicanalista” - pura ilusão. Ilusão, porque na experiência de uma psicanálise, o que está em jogo não é da ordem do conhecimento, mas de um saber bem particular; e para se chegar a esse saber, se faz necessário, na verdade, é que o analisante conheça a ignorância.

Que saber particular seria esse?

Em 1968, Lacan diz em seu seminário que a ciência se unificou e reduziu todos os saberes a um único, atribuindo-lhe um mesmo valor, inaugurando, portanto, um “mercado do saber”. Porém ele insiste em dizer que o saber não é o trabalho e que não deveria estar ligado as leis de mercado. O saber é o valor, o valor que as vezes se encarna no dinheiro, mas o valor que nos interessa enquanto psicanalistas é o valor da renúncia ao gozo: “é pela renúncia ao gozo que começamos saber um pouquinho”⁴, diz Lacan. Esse saber seria então “aquilo que falta à verdade”, isto é, o objeto pequeno *a*.

“Estamos nisso sem saber”⁵, mas não somos tapeados, comenta Lacan. O saber extraído da experiência analítica serve justamente para não sermos tapeados nessa relação com o Outro. Trata-se de um saber sair disso, e mais precisamente de um saber entrar no que está em questão e que, segundo Lacan, é sempre sobre um fracasso necessário.

No meu caso, o passo em direção à saída foi dado justamente por topar com a ignorância: S(~~A~~). Mas até que chegasse aí nesse ponto, foi um longo percurso.

No início, a angústia diante do trauma; tendo como efeito uma inibição no saber. E como eu achava que já sabia demais aos sete anos, não poderia deixar transparecer isso para o Outro, que sabe tudo. Como consequência desse processo, eu só aprendi a ler aos 8 anos.

Então, havia um Outro que sabia tudo, que sabia “A verdade” e diante do qual eu deveria esconder o que sabia.

Como vocês podem observar, há uma relação entre verdade e saber, mas como esses termos se articulariam? Lacan, com seus “*sinaizinhos*”- S1, S2, \$, *a* - tenta esclarecer essa relação de uma maneira muito simples; ele diz que basta darmos ao traço unário, que ele chamou de S1, a companhia de outro traço, S2, para que possamos verificar duas coisas: primeiro que essa relação que se estabelece entre o S1 e o S2 é uma inserção no gozo, gozo do Outro; e segundo, que essa inserção no gozo produz um trabalho que caminha no “*sentido obscuro*” da busca pela verdade.

¹ Texto apresentado no VIII Encontro Internacional da Escola: Saber e ignorância na passagem a analista, Paris, maio de 2024.

² Lacan, Jacques. O Seminário livro XVII, o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1992, p. 176. Aula de 17 de junho de 1970

³ Alusão ao episódio da conversa entre a serpente e Eva no Jardim do Éden. Bíblia, livro de Genesis cap. 3, vers. 5.

⁴ Lacan, Jacques. O Seminário livro XVI, De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Aula de 20 de novembro de 1968, p. 39

⁵ Idem, aula de 5 de março de 1969, p.203.

Porém, o que a experiência analítica deve revelar é que, cito Lacan: “nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela, não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer”⁶.

No meu percurso, a busca pela verdade, que Lacan chamou de “amor à verdade” ou ainda “a paixão pelo significante”, produziu um sonho que impôs um limite a busca por esse saber totalizante:

Sonho que a Rede Globo (uma grande empresa de televisão no Brasil) está transmitindo uma denúncia: uma cena de abuso na rua sendo transmitida em tempo real na reportagem. No canto esquerdo da tela, um mendigo vestido de trapos se inclinava para trás de uma coluna onde havia alguém; então me pergunto: gente, será que dá para dizer que isso é um abuso?

Ao me deparar com a verdade vestida de trapos, isto é, com restos que não recobrem quase nada, pude passar da posição de “o Outro sabe” à questão: “o que eu posso saber?”

Essa passagem também marca o fim da busca por um Manual – se o Outro sabe, ele tem um manual, eu pensava – para o encontro com a poesia do Manuel. Os críticos dizem que em sua *Matéria de Poesia* - um livro revolucionário – Manuel de Barros se insurge contra o que é grandioso, atribuindo valor as coisas aparentemente sem importância. Ele nos diz então o que serve para poesia:

*“Todas as coisas cujos valores podem
ser disputados no cuspe
à distância servem para poesia.*

(...)

*Tudo aquilo que nossa civilização rejeita,
pisa e mijá em cima,
serve para poesia.*

*Os loucos de água e estandarte
servem demais! O traste é ótimo!
O pobre-diabo é colosso.*

(...)

*Tudo o que é bom para o lixo é bom para poesia
(...)”⁷*

Muito sabido esse Manuel; ele parece saber que em “matéria de poesia” (em se tratando de poesia), o que conta são os resíduos, resíduos do gozo.

Mas, para se chegar a essa redução que pode servir de ‘material de poesia’, se faz necessário, numa psicanálise, operar uma redução da ficção da novela familiar à fixação de gozo materializada no significante. Numa análise, essa redução pode ocorrer no giro dos discursos, como demonstra Lacan no seu seminário sobre o avesso da psicanálise.

No início, o querer saber tudo é o que está em jogo no discurso do mestre, que como disse anteriormente, nada mais é do que o amor A verdade. O que o analista institui é a histerização do discurso, que é a “introdução estrutural, mediante condições artificiais do discurso da histérica”⁸. Este discurso instala um campo propício a produção significante; essa redução significante possibilita cifrar o gozo, o que consequentemente envolve uma perda, perda de gozo.

Nesta redução então, trata-se da passagem da busca do “sentido obscuro da verdade” à verdade como saber. Encontramos a verdade como saber no discurso do analista; nessa estrutura, o S2 está do seu lado, sob a barra, evidenciando que neste caso não se trata da verdade, mas do limite da verdade: “o efeito de verdade decorre do que cai do saber, isto é, do que se produz dele”⁹

⁶ Lacan, Jacques. O Seminário livro XVII, o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1992, p. 176. Aula de 17 de junho de 1970, aula de 14 de janeiro de 1970, p. 49

⁷ Barros, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: LeYa, 2013, p. 133.

⁸ Lacan, Jacques. O seminário, livro 17, o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, aula de 17 de dezembro de 1969, p.31.

⁹ Lacan, Jacques. Radiofonia. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 443.

Há algo que se deve levar em consideração no que diz respeito ao saber que porta o psicanalista: o lugar onde ele está assentado: “para que haja chance de analista, é necessário que uma determinada operação, chamada experiência psicanalítica, tenha trazido o objeto *a* no lugar do semblante.”¹⁰ E que é por situar o objeto *a* no lugar do semblante que o analista pode interrogar como o saber se relaciona com a verdade.¹¹

Quando dizemos com Lacan, que há um real em jogo na formação do analista, é justamente saber, como ele mesmo afirma, que “da verdade, não temos que saber tudo. Basta um bocado”¹² pois Real e verdade não são para serem sabidos, eles são como um dique, uma represa, para nos convencer de qualquer tentativa de idealismo.

O que descobrimos na experiência de qualquer psicanálise é algo da ordem de um saber muito particular: trata-se da ligação entre o significante S1 e o significante S2; interrogar essa ligação, o que ligou S1 ao S2, está no cerne dessa experiência e isso é suficiente.

Encore, o que habilitaria tanto o poeta como o psicanalista em seu ofício?

(...)

Antes de partir de Paris, fui a uma loja comprar uma caneta para levar de lembrança para um amigo no Brasil. Para testá-la, o vendedor escreveu na embalagem: “Bon stylo!”

Então, como um clarão me dei conta¹³: se reconhece um psicanalista ou um poeta, por um estilo que lhe é próprio. Estilo de caligrafia no traçado do seu escrito. Não é isso que se transmite?!

Estilo, segundo um dicionário, é uma maneira particular de expressar-se; é também algo que aponta para um certo refinamento; distinção. A etimologia dessa palavra é do latim *stilus*, varinha ou objeto pontiagudo com o qual se escrevia nas tábuas enceradas¹⁴.

¹⁰ Idem, aula de 2 de dezembro de 1971, p.37.

¹¹ Lacan, Jacques. O Seminário, livro XX, *Encore*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010, aula de 20 de março de 1973, p. 190.

¹² Lacan, Jacques. Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 442.

¹³ Idem, aula de 2 de dezembro de 1971, p.

¹⁴ “Saber algo não é sempre algo que se produz como um clarão?” – Lacan, J. O Seminário livro XVI, *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Aula de 26 de fevereiro de 1969, p. 196.

¹⁴ In: <https://www.dicio.com.br/estilo/> consultado em 20 de maio de 2024.

O QUE RESSOA DE UMA EXPERIÊNCIA

Rebeca García
Madrid, Espanha

I. A escola: “Um bem comum”?

Trata-se de refletir partindo do que supôs a experiência de uma primeira participação nos cartéis do passe, constituídos no interior do CIG.

Neste caso, cartéis do passe, efêmeros, reunindo cinco colegas de dois continentes, que se encontram, em certos casos, pela primeira vez, navegando bem ou mal em duas línguas diferentes.

Num dado momento, a questão se coloca: Que Escola é essa que consagra tanto tempo, recursos financeiros e pessoais para reunir esses cinco colegas do cartel a fim de viver uma experiência **sem garantia** quanto aos seus resultados?

Sem “garantias” como em toda experiência verdadeira, como indica Lacan: “A experiência é o que tem seu preço porque é o que não é conhecida de antemão”.¹

Assim, o cartel do passe, tal como uma estranha colagem que evoca a falta, como Lacan indica em seu seminário X², reúne-se colocando em suspenso eventuais referências teóricas com o objetivo de permitir que, no testemunho do passante e dos passadores, ressoe a surpresa que permite deixar operar “*o não-sabido*”, e onde “*o não-sabido*”, ordena-se como quadro do saber”³.

O dispositivo do passe permite uma experiência que, partindo de testemunhos singulares, constrói a “comunidade”, no sentido mais profundo que a etimologia **communitas** nos dá: onde *munitas* faz referência a uma dívida, um dom, uma tarefa, uma obrigação ética que é sempre “**com**” o outro⁴. Uma comunidade sem essência, em construção, e portanto, aberta à contingência.

Se, em um dado momento de seu Sem. X⁵, Lacan evoca a conveniência de uma “dimensão comunitária” do ensino, o dispositivo do passe, com todos os participantes que ele implica (passante, passadores, AME, analistas, cartéis do passe), supõe uma aposta da Escola na possibilidade de um trabalho em comum daquilo que nós chamamos os dissociados dispersos que trabalham para fazer convergir seus recursos no momento do passe, que “exige o encontro do mais precioso de uma experiência pessoal com aqueles que o obrigarão a se confessar, porque considerado como um **bem comum**”⁶.

Um bem comum que, neste caso, tem por objetivo a manutenção de uma Escola aberta, em construção, como alguma coisa viva.

Paradoxalmente, a produção desse “bem comum” será possível a condição de “sustentar o não-sabido como quadro do saber”.

O que é surpreendente no cartel do passe é o desejo e a espera de alguma coisa, sem saber exatamente o quê, a elaboração de uma experiência que não pode ser antecipada a partir de referências teóricas ou de leituras de experiências passadas, mesmo se estas puderam servir de orientação.

II. Algumas surpresas

“Desejar e esperar alguma coisa sem saber o quê”, permitiu que nos cartéis nos quais eu tive a sorte de participar, as surpresas não se fizeram esperar: de uma parte, a verificação do trabalho rigoroso e determinado dos passantes, decididos a funcionar como “analistas de sua própria análise” e transmitindo em boa parte a

lógica da cura em seus percursos analíticos, assim que em todos os casos, os benefícios terapêuticos das análises.

Foi também uma surpresa constatar o precioso trabalho dos passadores, cada um partindo da singularidade da sua escuta do passante, de tal forma que os testemunhos de um passador puderam as vezes esclarecer os do outro.

Às vezes, a surpresa surgiu de momentos em que o inconsciente prevaleceu nos testemunhos dos passadores, sobre forma de lapsus, de equívocos, de neologismos, de sonhos, mais também de certos afetos implicando o corpo: afetos de angústia, de entusiasmo, de urgência, de perplexidade ou de surpresa diante dos efeitos da sua própria análise.

Do mesmo modo, as formas de contingências dos próprios encontros dos passadores como “placa sensível”, nos permitiram esclarecer as decisões relativas à eventual nomeação.

Outra grande surpresa: os momentos de elaboração e de escuta entre os membros do cartel, bem como a experiência de compartilhar a riqueza das diferentes línguas ao longo de todo o trabalho.

III. O matema e o poema⁷

O cartel do passe, através do relato da história do sujeito e do percurso da cura, procura articular uma lógica que lhe permita situar o trauma, o fantasma e o sintoma, mas, procura também situar o que faz limite para o sujeito, o que implica um real sem sentido, e põe fim a busca por uma verdade mentirosa.

No encontro com este limite do real, a resposta do sujeito é fundamental: de uma parte, a queda do sujeito suposto saber sobre a transferência e, por outra parte, a maneira em que se produz uma redistribuição na economia do gozo; a questão de saber se esse furo no saber produziu um desejo de analista, ou seja, uma passagem à analista, “pois o saber adquirido é o saber de uma barreira impenetrável à aspiração do saber, sinônimo de castração”⁸.

Eis aqui, portanto, uma encruzilhada para o cartel, pois trata-se de deduzir uma **episteme**, de extrair como se extrai uma pepita de ouro, da posição ética do passante diante do real, como enfatiza C. Soler: “somente o incalculável do sujeito ético torna necessário o dispositivo do passante com seu paradoxo”⁹.

O paradoxo que supõe querer saber qualquer coisa do indizível, através dos enunciados, lá onde Lacan propõe, nas suas últimas formulações sobre o passe, de abordá-lo através dos signos ou dos afetos. É, talvez, por isso que alguns carteis¹⁰ testemunham a dificuldade de “argumentar” o “sim” das nomeações e de tentar recobrir “essa sombra espessa que encobre este ponto de junção...onde o psicanalisante se torna psicanalista”¹¹.

O que poderia fazer revelar alguma coisa dessa passagem, já que esta é a aposta do cartel?

Eu evocaria, de certa forma, a “surpresa” que pôde esclarecer um dos testemunhos.

O passante, estando na iminência de finalizar suas entrevistas com um dos passadores, produziu um sonho.

Neste sonho aparece somente um fonema, uma interjeição (que transcrevemos em espanhol entre dois pontos de exclamação), de duas letras somente, que reproduz um som. Trata-se, portanto, de uma onomatopeia, que não tem sentido em si, mas que está aberta a muitas significações: ironia, riso, incredulidade, decisão, afirmação, interjeição servindo também para encerrar uma questão e que, seguramente, proporciona sempre uma satisfação.

Roman Jakobsom,¹² que se interessa à “camada emotiva” da linguagem, nos diz, em relação a interjeição, que ela “representa a camada puramente emotiva da linguagem”, uma função emotiva que “**tempera**” a locução, a nível fônico, gramatical e lexical, ainda que ela não mude o sentido da frase, que fica de fora, mostrando outra coisa além do sentido, a atitude do locutor.

Podemos considerar este sonho como um poema, como uma “afirmação menos tola”? “O poeta diz, o que tem a nos dizer, da forma menos tola”.¹³

O efeito dessa interjeição sobre o cartel, que cada um entendeu na sua língua de forma cômica, fez ressoar alguma coisa do que tinha sido dito nas entrelinhas dos testemunhos dos passantes, após a constatação de um percurso analítico onde a confrontação ao real permitiu não somente benefícios terapêuticos, mas também uma operação de esvaziamento e corte do sentido que favoreceu um fim de análise, teve efeitos sobre a vida deles e reforçou o desejo da Escola.

Em um outro momento do seu ensinamento, Lacan fará a relação entre os poetas e o saber: “...os poetas que não sabem o que dizem, dizem, no entanto, sempre, como sabido, as coisas antes que os outros”.

É assim que “o não-sabido” pôde ter uma ressonância em um dizer tendo consequências.

É assim que o cartel o entendeu.

Tradução: Claudia Rios

CICATRIZ DOS EFEITOS DO ACASO?

Nicolas Bendriben
Paris, França

Quando Lacan evoca a intersecção do sujeito com o corpo e o objeto *a* como a queda do corpo, no seminário dedicado à lógica do fantasma, ele apresenta essa fórmula na qual me detive, essa sobre a questão do saber e da ignorância na passagem à analista. Ele diz - em 7 de junho de 1967, alguns meses antes da proposição de outubro que visa recolher testemunhos sobre essa passagem - que “a psicanálise didática é, evidentemente, mais do que exigida dentre eles [ele se referia aos psicanalistas] para, digamos, cicatrizar os efeitos dos acasos”¹ - acasos no plural na versão da Seuil, no singular em todas as outras transcrições consultadas.

O que é um efeito do acaso? Lacan está em plena elaboração sobre o tema do ato sexual, aquele do corpo e do gozo (a lição foi intitulada “A questão do gozo”); ele evoca a prematuridade alguns momentos antes dessa saída sobre os efeitos do acaso...:

- Em primeiro lugar, podemos considerar que, de fato, a presença de cada ser vivo no mundo é um efeito do acaso, mesmo que tomado pela lógica do vivente. Cada um é um efeito do acaso...

- No nível que diz respeito à psicanálise, e no contexto dessa lição, um efeito do acaso me parece estar ligado aos encontros de cada sujeito com o gozo. Isso se aplica a todos (Lacan diz “cicatrizar os efeitos do acaso, tal como ocorre em cada um”). E como Lacan fala de prematuridade, talvez aqui se trate do encontro com o sexual, sempre cedo demais, sempre traumático, sempre irrompendo em uma parte do corpo lá onde não se foi pensado. Acaso no sentido do aleatório, mesmo que não seja em qualquer uma das zonas que Freud tenha qualificado como erógenas. Então, o acaso desses encontros de gozo, com os significantes para tentar dar conta deles – mesmo que nesse momento Lacan ainda não estivesse falando sobre a coalescência da linguagem e do gozo.

- Esses encontros ao acaso fazem parte da escrita do fantasma, de um gozo de um pedaço do corpo, um soco entre o sujeito e *a*, escrita sobre a qual a psicanálise poderá operar. O fato de que isso faça parte da realidade e, de certa forma, do destino (a fantasia como um axioma inconsciente, uma janela para o real) oculta a parte do acaso, do real, na origem desses encontros de gozo. A fantasia não poderia ser uma elucubração sobre um sem sentido arriscado?

- O problema do acaso é que os *parlêtres* não o apreciam porque estão demasiadamente ocupados em pensar na determinação e a ocultar qualquer contingência sob o disfarce de uma intenção mais ou menos terrena. É um efeito do acaso, o de negá-lo, tão intolerável que pode ser pensar que a vida e os encontros são aleatórios. E também ver a vida como um conto de som e fúria, contada por um idiota e que não significa nada, tal como diz Macbeth, e sobre a qual falaremos em Toulouse daqui a alguns meses². Isso está ligado à própria estrutura da fala, à articulação significativa que cria o sentido, a significação, e que faz crer na causalidade, na coerência, no encadeamento lógico. E a associação livre demonstra isso (é o B.A.B.A freudiano), determinada como é pelo enquadramento da realidade fantasmática, exceto por certas emergências, certos surtos de *lalangue* que quebram o rio tranquilo da fala.

- O principal efeito do acaso poderia ser, portanto, pensar que não há nenhum! Fazer dos encontros de gozo, encontros fortuitos, encontros reais, uma história, um destino, por meio da repetição e formatação significativa. Lacan diz isso de forma notável em sua conferência “Joyce, o sintoma”: “São os acasos que nos fazem ir a torto e direito, e dos quais fazemos assim nosso destino, pois somos nós que o trançamos como tal. Fazemos assim nosso destino porque falamos. (...) Nós somos falados e, por causa disso,

¹ J. Lacan, Le Séminaire, livre XIV, La logique du fantasme, Paris, Seuil, 2023, p. 372.

² Jornada Nacional de 2024 da EPFCL-França, em Toulouse.

fazemos dos acasos que nos levam, alguma coisa de tramado”³. Ligação muito clara do outro/Outro como suposto saber com o destino que cada um fabrica para si mesmo⁴.

O que uma psicanálise didática, como diz Lacan na passagem que dá meu título, pode sobre esses efeitos do acaso?

Lacan fala de cicatriz - seja a que vem depois da ferida, seja aquela depois do ato que curou a ferida. O bisturi analítico pode cicatrizar os efeitos do acaso? Ouvimos, é claro, a dimensão terapêutica da análise, que não deve ser ignorada, ou seja, sua ação sobre a angústia - falaremos disso amanhã⁵ -, sobre as inibições, os sintomas... Lacan evocava essa dimensão alguns anos antes no seminário sobre a Transferência, pouco antes de falar da cicatriz da castração: “Não é suficiente falar agora da *καθαρσις* [catarse], da purificação didática, se assim posso dizer, da parte mais espessa do inconsciente no analista, tudo isso permanece muito vago”.

Isso não é suficiente, de fato, nessa cicatrização. Cicatrizar os efeitos do acaso não implicaria uma nova operação sobre a cicatriz da fantasia, para dar ao acaso o lugar que lhe cabe? Um esgotar através das sucessivas voltas dos ditos da historieta fantasmática que cada um conta a si mesmo para dar conta dos encontros reais que marcam o sujeito, elevados ao destino, mas que não passam de mero acaso? Não se trataria de tomar nota disso que emerge, “o esp de um lapso”⁶, sem encobri-lo imediatamente com a trama do destino que os *par  tres* não cessam de tecer? Talvez seja esse um dos saberes do analista, e decisivo na passagem de analisante a analista, na travessia do horror de saber, o de não mais ignorar que há algo de acaso em cada trauma. Que há do acaso o qual nenhuma elaboração de saber dará cabo. Que cada narrativa nada mais   do que uma tentativa mais ou menos hábil de fabricar um destino e que o analisante, no passe, pode tomar a medida disso e fazer-se testemunho do mesmo. A destituição do Outro do destino, rasgo no saber, a queda do sujeito suposto saber que os cartéis tentam ouvir nos relatos que recebem, nem sempre na forma mais pura.

Será que recolhemos testemunhos desse tipo no passe? E   possível que um analista permaneça ao longo do tempo, tanto em sua função quanto na elaboração   posteriori de seu ato, um pouco desapegado desse retorno inevitável ao que faz sentido,   essa verdade mentirosa?

Nas novas conferências sobre psicanálise, Freud, que demonstrou como n gu m a sobredeterminação de nossos atos, pode dizer: “De fato, acreditar no acaso já   atestar um certo grau de cultura; aos olhos do primitivo, do ser inculto, da criança, tudo o que acontece é motivado”⁷.

Isto me parece ter a maior conexão com o que a psicanálise ensina e com a passagem   analista, da qual, apesar de todos os nossos esforços, não podemos - e felizmente não podemos - deduzir uma teoria definitiva. O que está em jogo nessa passagem é um saber de que há significantes que não são articulados, emergências reais que não fazem destino, que tocam a ignorância, o que não podemos saber que se produzir  e que é um dos nomes do acaso. A historização do passe, parece-me, poderia fornecer esse buraco na sombra espessa das histórias e romances familiares que podem habitar nosso dispositivo. Isso poderia envolver um passante que não velaria mais sistematicamente o acaso nisso que ele reduziu de sua história. Ele então apostaria em uma incrível contingência ao sortear dois passadores os quais, por sua vez, encontrariam alguns outros dispostos a fazer o melhor possível para abrir caminho   surpresa. E se eles ouvem isso que perfura a história, poderão nomear AE essa cicatriz de uma operação analítica, rastro de um pós “seguro de vida” do fantasma, saber paradoxal da certeza da precariedade, do provisório, do ef mero e do arriscado. E, talvez, um rastro da alegria desse mesmo saber.

Tradução: Leonardo Lopes Assis

³ Lacan, Jacques (1975). Joyce, o sintoma. In: *O Seminário, livro 23: o sintoma*. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 2007, p. 158-159.

⁴ Sobre a articulação do Outro e do acaso,   possível ler o texto de Cathy Barnier “A arte de perder”, publicada na Revue du Champ Lacanien número 27, EPFCL-France, 2023.

⁵ XII Encontro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, Paris, 2024.

⁶ Lacan, Jacques (1976). Prefácio   edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003, p. 567.

⁷ Freud, Sigmund (1933 [1932]). Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S.Freud. *Obras Completas, volume XXII: novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 2006, p. 157.

QUERER UM SABER FURADO¹

Constanza Lobos

AE

San Miguel de Tucumán, Argentine

Haver atravessado uma análise é a exigência mínima para um psicanalista, e este atravessamento pode conduzir a uma conclusão de impossibilidade. O saber da psicanálise se refere ao saber do inconsciente e é interessante recordar algumas expressões, tais como “saber sem sujeito” ou um “saber se virar”. As mesmas nos permitem apreciar que este saber se distingue de outros e do Saber Absoluto²; este último implica que há saber no real mas não fala, e é preciso falar para dizer o que quer que seja.

O saber sobre a verdade se articula a partir do que Lacan propõe sobre o Há-do-Um. O percurso de uma análise nos dá o reconhecimento de um inconsciente irreduzível.

Ao final da análise, somente pequenas migalhas, um saber sobre a falha da estrutura, o saber está furado pelo real do sexo, o reconhecimento do que não se pode saber. A ignorância se revela desde sua vertente positiva, que não é a negação de saber mas sua forma mais elaborada³. Então, na passagem de analisante a analista, o saber e a ignorância convergem? Não somente convergem como também é necessário reconhecê-los. Uma convergência necessária de saber e ignorância nessa passagem e uma forma de nomeá-la é através da expressão “saber furado”. Um saber que reconhece o não sabido, que se distancia da concepção de um saber fechado e implica sustentar a descompletude. Também o que foi exposto anteriormente nos permite separar-nos de uma concepção que suporia que, através da experiência da análise, se poderia aceder a um ponto a partir do qual se captaria tudo o que antes teria estado velado, o que se trata de um acesso ao sentido do que se sucedeu ao longo da vida.

Qual saber extraído do trajeto analítico? Destaco, em primeiro lugar, uma mudança de uma posição de “um saber de livros” a outra, a de “um saber furado”. Na primeira, uma posição distanciada da experiência, um não querer saber. Uma armadura de amor construída com pedaços do saber referencial, onde “livro” condensa o ilusório deste saber junto a uma posição de medo e silêncio enlaçada à fantasia. Livro também alude à fantasia de “curso de preparação para”, que poderia “completar-se” antes de dar cada passo da vida, com o efeito de ficar detida. Na outra, “um saber furado”, uma posição de fazer frente ao que se apresenta, reconhecendo as limitações e, claro, a distinção entre conhecimento e saber. Isso me possibilita um fazer a cada passo, sem modelo a seguir, sem elucubrações nem supor que poderia ser de outra maneira; sem garantias, sem esperar um efeito determinado, dando lugar ao inesperado.

No percurso analítico, uma contingência me coloca em um ponto de decisão onde respondo a partir de uma posição nova. Um acontecimento que provoca uma mudança de rumo. Então, um equívoco com um nome próprio. Uma operação que permite o esvaziamento de toda referência de sentido que alimentava a fantasia e o sintoma; operação onde ressoa o vazio ausente em toda palavra. Um equívoco que permite a abertura ao real fora de sentido. Deixar-me ensinar pelo saber que se alojava no sintoma. Vislumbro a falha do sujeito suposto saber, a falha da estrutura. Ter experimentado a saída do “engano necessário” do sujeito suposto saber é uma fibra extraída, inevitável, para a passagem de analisante a analista.

¹ Soler, Colette. Comentario de la Nota Italiana de Jacques Lacan. Curso en el Colegio Clínico de París 2007-2008. Primera edición. Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2018.

² Dillon, Ariel e outros. El fracaso del Un-desliz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan 1976-1977. México 2008, Ortega y Ortiz editores, S.A. de C.V. 15/2/ 1977, p. 126.

³ Lacan, J. Variantes do tratamento padrão, in: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 360.

Outro tempo. A expressão “querer escrever” surge, brota sem cálculo, tendo um efeito de surpresa. Uma mudança de satisfação, redução da satisfação de falar e abertura a uma escrita mínima. Então, na solidão e silêncio da noite, um sonho: escuto um “*ja*”⁴ que sai de minha orelha; é minha voz a que o pronuncia. O disruptivo de uma unidade mínima que sai do corpo, desse oco aberto ao exterior. Sai e entra ao mesmo tempo, um movimento onde não se distingue o dentro e o fora, um registro do não orientável. Somente um instante, mas como onda sonora estrondosa que parece vir do real, como um sopro de loucura. Busco tentar articulá-lo, mas não se deixa capturar pelo sentido; pertence a outra ordem, fora da articulação significativa.

Momento de um salto. Movimento para realizar o pedido de ingresso ao dispositivo do passe. Já sem a armadura de “conhecimentos de livros”, ingresso leve. Despojada de qualquer modelo ou ideia de como tem que ser a performance, dando lugar ao singular, a sustentar um texto vivo, que vibra, ou seja, ressoando em meu corpo, como via possível para que ressoe em outro.

Não é factível declarar que se localizou o real fora de sentido ou explicar que se encontrou o desejo; por isso, no dispositivo, a demonstração indireta. O dispositivo como dispositivo privilegiado onde desdobrar um saber furado a partir dessa posição de “convergência necessária de saber e ignorância”.

Ingressar reconhecendo um saber furado, com uma posição de fazer frente de forma decidida, mas limitada, ao mesmo tempo. Uma posição que implica a hystorização do atravessamento analítico, os momentos de passe no mesmo e o salto posterior. Ao mesmo tempo, implica o que as palavras não alcançam, reconhecendo o impossível de uma transmissão. O inconsciente é um saber fazer com lalíngua que ultrapassa o que é possível dar conta pela via da linguagem. A aposta a que algo desse furo tenha ressonância. A aposta a produzir um lugar oco que possa alojar, também, por que não, o novo a se produzir nesse dispositivo?

Infer-se que a transmissão no passe se separa de uma posição “assegurada do conhecimento” ou da consideração do dispositivo como lugar onde vai se “depositar” o recolhido no atravessamento analítico, ao modo de um “saber” acumulado da experiência. Estaríamos no âmbito de incumbência do imaginário. A partir disso, um caminho que se direcionaria ao sentido ficaria travado.

Retomo; com a expressão “um saber furado”, sublinho essa modificação na posição com relação ao saber, um saber sobre o impossível e o desejo que adveio.

Detenho-me na passagem de analisante a analista e no título dado a este texto. Reconhecer que há um saber que advém da experiência como analisante e a decisão de ocupar e operar a partir do lugar que o analista ocupou no percurso é fazê-lo ainda quando dessa operação não se sabe nada, salvo aquilo ao que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante⁵. Destaco esse último trecho, “somente se sabe ao que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante”. O próprio Lacan se surpreende que alguém que, por sua experiência de analisante, sabe o que é a psicanálise e, mesmo assim pode querer fazer essa passagem a analista⁶. Como, desse “saber”, pode advir um querer?

Querer, verbo infinitivo em sua forma impessoal, que usarei aqui em sua significação de “determinação, decisão”. Agrego este “querer” porque me parecia importante destacar a dimensão da decisão, de uma escolha que está tão em jogo: no final da análise, no ato conclusivo; na passagem de analisante a analista, com um salto disruptivo que se distingue do contínuo ou programado; e, claro, no dispositivo do passe, ao solicitar ingresso no mesmo sem que nada me obrigue.

Por outro lado, a este “saber furado” acrescento este “querer”. “Querer um saber furado” < permite diferenciá-lo de concepções que se enunciam como “querer curar” ou “querer o bem” ou qualquer outra forma similar. Está longe disto. Seria, antes, reconhecendo as consequências do saber inconsciente, desprender um querer que encaminha para a operação analítica e alude, de maneira implícita, a “querer ser desejo” dessa operação. Implica uma funçã, ocupar a posição de testafarro do sujeito suposto saber

⁴ A pedido da autora, mantivemos a grafia original em espanhol, “*ja*”, pois esse som traz uma particularidade que não é passível de tradução.

⁵ Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 282.

⁶ Lacan, J. O Seminário, livro 19: ...ou pior, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p.187.

deaté onde conduzir o analisante a esse ponto de vislumbrar a falha da estrutura, a estrutura do inconsciente, sua irredutibilidade.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

PONTO DE PASSAGEM?

Anne-Marie Combres
Cahors, França

Não sei se o equívoco de meu título poderá se traduzir nas diferentes línguas que iremos falar ou escutar ao longo desses dias, assim, eu lhes devo um esclarecimento: em francês, um “ponto de passagem” indica um lugar de onde passamos, ou a passagem de um estado a outro. Mas, “ponto” significa também “não há”.

A partir dos testemunhos dos AEs e do trabalho nos cartéis do passe sobre os testemunhos dos passadores, trata-se de precisar o que constitui ou não o ponto de passagem de analisante à analista... Se Lacan precisou que “o inconsciente é este saber que nos guia”¹, como saber que também a há ignorância que pode orientar e iluminar este ponto? Ele também insistiu que “o analista deve se dar conta do peso das palavras para o analisante que, sem dúvida, ele ignora”. Em *Un désirant nouveau*, Colette Soler nos lembra que “o peso das palavras, o que não é o sentido mas sua carga de gozo”, ou seja, *lalangue* privada de cada analisante”².

Se o analista ignora o peso das palavras para seu analisante, não é também uma forma de ignorância que atua no trabalho dos cartéis do passe? Assim como o analista recebe cada um que se endereça a ele pondo de lado o que ele já sabe, não deveriam, os cartelizantes dos cartéis do passe deixar de lado a doxa – para permanecerem abertos ao inesperado que possa surgir de um testemunho? Não estaremos, presos na doutrina teórica, esperando que seja identificado/ registrado/ revelado/ confirmado: travessia do fantasma, identificação com o sintoma, caída do Sujeito suposto Saber, como critérios que poderiam levar a uma nomeação? “O cartel pode, às vezes, por obstáculos a um testemunho de analista de escola, quando os díspares disparatados começam a fazer grupo esquecendo sua ignorância fundamental”³. Quando evoquei/ mencionei, na minha intervenção inicial na abertura dessas jornadas esta ideia de que era importante saber que há ignorância, eu não me recordava a intervenção de Sol Aparicio publicada na *Wunsch* 8 sobre a ignorância dos cartéis.

Frequentemente, se coloca a questão do que se espera pelos cartéis que recebem um testemunho, em especial dos passadores. De fato, os escutamos dizer sempre – os passadores – que, logo que recebem a chamada que atesta sua designação, eles se precipitam a ler os textos que relatam os testemunhos dos AEs ou de outros passadores, e também aos escritos que circulam na Escola sobre a experiência do passe.

Naquilo que concerne à ignorância, talvez justamente a dos passadores, não será ela necessária para não cair na tentação de se colocar na posição de analista quando ouvem um passante “Ser o passe” não apela para um saber sobre o que vai ser dito mas, sim, a um modo de ser. Uma “placa sensível”, dizemos muitas vezes – expressão que procurei mas, não encontrei nos textos de Lacan... É claro que acontece dos passadores serem tocados pela experiência do passante, que eles sejam sensíveis a isso. Mas, antes de tudo, “passadores brechtianos”, dizemos no CIG o qual participei faz alguns anos, o que significa também que eles estejam distanciados, não identificados e não façam um papel de analista. Mas, que possam transmitir. Lacan o formulou assim: “Os que se ocupam da posição de passador se metem, em alguns casos, à analistas. O que não é absolutamente o que nós esperamos deles. O que esperamos deles é um testemunho, a transmissão de uma experiência.”⁴

¹ J. Lacan – Séminaire *Le moment de conclure*, (Inédit) leçon du 15 novembre 1977

² C. Soler – *Un désirant nouveau*, Editions Nouvelles du champ lacanien, 2023, p. 91

³ D. Fingermann - Wunsch 12- p.62

⁴ - Lacan J. - Intervention dans la séance de travail « Sur la passe » du samedi 3 novembre 1973, in *Lettres de l'École freudienne*, 1975, nº 15, pp. 185-193.

Nos cartéis nos quais participei, notamos a dificuldade de localizar este ponto de passagem do desejo do analisante ao desejo de analista, que nós gostaríamos de captar, como dizia Lacan em 1967 “no tempo onde ele se produz”. Ele modificou suas expectativas ao final de seu ensino, para colocar, em primeiro lugar, relevo na marca que deve portar um analista? A marca que os semelhantes devem encontrar, ele diz na *Lettre aux italiens* – sem especificar se os semelhantes são os passadores ou os que ele chama *le jury*...

Mesmo que se trate mais, sem dúvida, de um reconhecimento que de um julgamento, no caso, posto que é a marca que deve portar um analista... é aos analistas que compõe o cartel que cabe extraí-la dos testemunhos dos passadores. Reconhecimento que Lacan precisa: “O passe do qual se trata, eu o encarei somente como uma forma de tatear, como algo que não quer dizer senão “reconhecer-se entre *si* (*soi*), se eu posso assim dizer, sob a condição de inserirmos aí um “*av*” depois da primeira letra: “reconhecer-se entre *s(av)oir*”⁶.

Reconhecer não é nomear: “Nomear algum analista, ninguém pode fazê-lo e Freud não nomeou nenhum”⁷. Não haverá, pois, um paradoxo naquilo que os cartéis do passe fazem, ou seja, uma nomeação que supostamente garante a existência de um analista para o passante que vão nomear? Mas,

Mas, de fato, dizer que há um analista não equivale a nomear... e nomear alguém como analista da Escola é uma aposta... uma aposta na sua capacidade de trazer elementos de conhecimento novos para a Escola.

A passagem à analista se deduz dos testemunhos dos passantes e vai par-e-passo com a destituição do sujeito. “Não é um desses pontos que os cartéis do passe têm para explorar? Como é que o passante vai dar testemunho da narrativa, não da sua vida, mas da narrativa exigida pelo seu sintoma - a que poderíamos chamar de investigação - e do que decifrou dela no seu tratamento analítico, até à própria forma que lhe deu? Esta lógica terá reduzido a vaidade da narrativa ao ponto de definir a sua orientação, onde a passagem ao analista é singularmente indicada”, disse Marie-José Latour⁸.

Lacan, em 1976, acrescenta o entusiasmo, entusiasmo de saber-se descartado, o que é preciso saber para ocupar este lugar para outros. Saber-se descartado, rebotalho “entulho decidido”, acrescento “sem valor”, para eco ao último livro fascinante de Gaëlle Obiegly⁹.

Então, a questão se encontra mais, para cada cartel do passe, de saber – a partir das consequências, se houve passagem – uma passagem da ignorância ao insabido – ou se não houve aí o ponto? Em lugar que de centralizar em seu momento?

Tradução: Maria Laura Cury Silvestr

⁵ No seminário 24, *L'insu*, Lacan joga com a sonoridade de “soi” (si) e “soir” (noite) acrescentando um “av” que em francês transforma a palavra “savoir” (saber). Se consideramos o “soi” é reconhecer-se entre si. Se considerarmos o “soir” dá a idéia de se reconhecer à noite/no escuro.

⁶ - Lacan J. *L'insu*, leçon du 15 février 1977, inédit, version Staferla

⁷ - Lacan J., « Préface à l'édition anglaise du *Séminaire XI* », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 572.

⁸ - Latour M-J. – *Les fronces du réel et le liseré du fantasme* – Toulouse 19 janvier 2024, Séminaire « Qu'enseigne la psychanalyse ? » saison III.

⁹ - Gaëlle Obiegly, *Sans valeur*, Montrouge, Bayard, coll. « Littérature intérieure », 2024

EFEITOS NO PASSO DA IGNORÂNCIA AO SABER NA EXPERIÊNCIA DO PASSE

Mikel Plazaola
Donostia-San Sebastián, Espanha

O passe é frequentemente concebido como um broche, um fecho final, o fechamento de um percurso analítico, em geral levado até o seu término. Ou seja, como algo posterior a seu ponto final.

No entanto, apresentar-se ao passe produz efeitos na própria análise e em seu final, chegando a repercutir na sua conclusão. A decisão de testemunhar os efeitos do percurso analítico no passante, na conclusão do mesmo e seus efeitos, supõe uma volta a mais, uma recapitulação de uma experiência que supõe uma diferença em comparação com uma análise concluída que não se dirige ao passe.

Evidentemente, análise e passe não são o mesmo. Estão conectados, mas possuem distinções substantivas. Contudo, para abordar e dar conta do que se opera no passe, é inevitável recorrer a parâmetros e conceitos da análise.

Assinalo isso porque, ao preparar este trabalho, me surgiu a questão sobre acaso uma experiência da qual se escuta de fora, e sobre a qual se elabora e se julga um testemunho de uma análise supostamente concluída, se esta experiência poderia fundar conceitos específicos do passe, distintos dos conceitos da análise.

Relacionando essa questão ao trabalho epistêmico do CIG 2020-2022, propôs-se como eixo a questão de “nossas referências, dos membros dos cartéis, no momento de escutar os testemunhos”. Essas referências prévias (ou preconceitos) supõe uma dificuldade potencial, pois podem mediatizar a escuta do relato de um testemunho de passe.

Uma dificuldade que advém de que a escuta, além do mais, não está isenta daquilo que se sabe ou se supõe saber previamente. Saber que se adquire no próprio percurso analítico e também fundado numa teoria que, em Lacan, foi se transformando.

Dessa forma, surge a pergunta de se pode ser de outra maneira, ou se, por meio do trabalho coletivo dentro do CIG, seria possível eliminar ou ao menos reduzir essas referências prévias de cada cartelizante¹.

Entre ignorância e saber

O passante sabe o que deseja transmitir e demanda ingressar no dispositivo. Pode testemunhar sobre os problemas cruciais... Mas será que sabe o que, de fato, transmite? Provavelmente, há ignorância sobre o saber que transmite.

O passador, em princípio sem sabê-lo previamente, quer dizer, sem cálculo prévio, se vê chamado a escutar e transmitir, não sem a surpresa por sua designação; e ele tampouco sabe o que escutará, nem o que transmitirá, ignorando o que faz transmissão.

O cartel do passe, por sua vez, posto que é fruto de uma eleição, pode saber para que está ali, porém seus membros ignoram o que irão encontrar naquilo que escutam, ou seja, naquilo que lhes é transmitido. E é a partir disso que farão um julgamento e um trabalho de doutrina (Lacan, 1967, p. 254)².

¹ Sidi Askofare Debates CIG 2020-22

² Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora.

Tomando o testemunho da referência de Lacan na Abertura 2 de Castanet, “O não saber se ordena como um marco de conhecimento”³, dá-se sentido a essa sucessão paradoxal entre ignorâncias e saberes. É uma constante em Lacan colocar em dialética “saber – não saber”. Ele faz do não saber, mais precisamente da “douta ignorância”, a condição da função do analista, pois aí o sabido obstrui o saber... por vir.

Fazer do não saber um marco significa outorgar-lhe uma função, um contexto de trabalho, similar ao do silêncio que permite escutar. Trata-se de um “não saber” que aloja a possibilidade de que algo emerja, embora isso não implique garantia. No que concerne à análise, Lacan dirá que “a análise só pode encontrar sua medida nas vias de uma douta ignorância”⁴.

Esse marco propicia e convida às palavras do analisante: “Diga o que lhe vier à mente”, esperando-se dessas palavras, desses ditos, um dizer do analisante. Dizer que transmitirá algo de uma verdade subjetiva enredada nos sintomas, nas repetições, na cadeia associativa, no discurso, em última instância. Mas Lacan adverte que, embora o analista se situe no “não saber”, isso não o autoriza a contentar-se em saber que nada sabe, pois está em jogo aquilo que precisa saber.

Essa lógica pode se aplicar ao procedimento do passe?

No passe, há ao menos uma diferença adicional, pois intervêm mais elementos:

- O passante, com seu desejo e sua intenção;
- Dois passadores, com seus respectivos desejos e pressões;
- E cinco cartelizantes, com seus desejos e suas referências prévias.

Todos estão mobilizados por um desejo, cada qual o seu, singular. Ou seja, há múltiplas subjetividades, nas quais se articulam desejo de transmitir e desejo de escutar, mas também intenções e expectativas, mais ou menos reconhecidas. No mínimo, espera-se algo novo, algum efeito, alguma contingência ou fenômeno que podemos situar no eixo ignorância e saber: impelido por um querer transmitir e um esperar escutar. Mas, simultaneamente, isso mesmo pode opor-se e mediatizar o que se desliza. E deslizam-se ditos nos quais pode emergir um dizer – talvez, um dizer novo do passante.

Ao se tratar da transmissão do testemunho de uma análise, provavelmente de um real, de algo inefável, que o passante vislumbrou em seu percurso e supõe-se que ele mesmo terá dificuldades em cernir e dar conta, ou mesmo em perceber que está fazendo isso, como saber se quem escuta está suficientemente depurado da própria experiência e das próprias referências?

Trata-se de uma dicotomia cotidiana na função do analista e descrita para o passador como uma placa sensível. Mas seria aplicável ao cartel? Deixar-se afetar pelo testemunho e, para isso, situar-se no não saber, ao mesmo tempo com a dificuldade de suportar a exigência ou necessidade de saber para emitir um julgamento e lidar com a inquietação de não o atingir.

Apoiar-se apenas na improvisação e na espontaneidade seria uma solução para evitar o efeito do já sabido? Não creio. É justamente aí que o analista é dois e que o cartel do passe serve: escutar, deixar-se impressionar, mas depois debater, elaborar e julgar, e, portanto, fundamentar.

Essa proposta já aparece em Freud numa indicação precoce sobre o analista. Não apenas ao postular o instrumento da atenção flutuante. Quando se refere ao dilema entre a investigação e o tratamento analítico. Freud aconselha subordinar a investigação ao tratamento, pois o sucesso clínico é ameaçado pela pesquisa e investigação. Cito: “Em contrapartida, obtemos os melhores resultados terapêuticos quando agimos como se não tivéssemos um objetivo determinado, deixando-nos SURPREENDER por cada nova orientação e atuando livremente, sem qualquer preconceito” (Freud, 1912, p. 1656).⁵

³ Ibidem

⁴ Lacan, J. (1966). Variantes do tratamento-padrão. In *Escritos* (pp. 325-364). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed (1998), p. 364.

⁵ Freud, S. (1912 b). Consejos al médico en el tratamiento psicoanalítico *Obras completas* (Vol. 5, pp. 1654-1660). Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.

Se pensarmos isso em relação ao cartel, a SURPRESA possível na escuta é uma experiência singular. Mas o trabalho em um cartel é, intencionalmente, coletivo. Ou seja, há várias singularidades em jogo. Isso coloca a questão de como se articula o singular e o coletivo: identificação? transmissão? ressonância?

Expor-se ao debate permite escapar da identificação do que foi escutado, do passante, com a experiência própria do cartelizante, o que evita a ilusão de ter captado algum ponto fundamental. Também o coletivo tem sua referência no chiste, de onde Lacan assinala que, enquanto o cômico se organiza entre dois, o chiste exige ao menos três⁶, para que este terceiro possa sancionar o acontecido. Dessa forma, creio que o que causa SURPRESA em um pode ser sancionado em sua proximidade à verdade pelos demais membros do cartel.

Portanto, a SURPRESA, por mais que se tente evitá-la ou antecipá-la, é uma reação que escapa tanto à vontade quanto ao saber prévio, e pode assim cumprir uma função de transmissão que ultrapasse as referências prévias e ser assim um elemento a mais a considerar no julgamento e na elaboração no cartel do passe.

Freud dirá que a SURPRESA é parte das condições das formações do inconsciente, um sinal de que um desejo passou ao inconsciente e que, em um instante, como um relâmpago, foi vislumbrado.

Pode ocorrer que não esteja claro o que surpreendeu. O inconsciente não se pode perceber senão pela surpresa, aponta Nominé⁷. A elaboração posterior permite construir um saber, dialetizando a partir do que causou a surpresa. Assim como na aporia dos prisioneiros, a reação que um dos membros experimenta, neste caso, do cartel, pode encontrar sua ressonância nos demais levando a uma conclusão coletiva.

Que não esteja claro, ou que não se saiba claramente o que se passa, não me parece ser o pior dos sinais. Convém aplicar aqui o que se refere ao ato analítico, que “acontece por um dizer, a partir do qual um sujeito muda...”, e nele, “... é por não pensar que ele [o analista] opera...”⁸

Isto, creio que se aplique também ao cartel do passe. O trabalho vem depois, como no conselho de Freud: primeiro deixar-se surpreender; depois, investigar. Começar por um instante de ver, um tempo para compreender elaborando um saber, até o momento de concluir num julgamento, argumentando e construindo uma doutrina. Assim como aponta Glaucia Nagem na Abertura 7, na referência de Lacan ao relâmpago, um lampejo pode ser um antídoto contra a acomodação na qual os analistas podem cair, quando seu modo de operar se torna burocrático, sabendo apenas apertar os botões adequados. Dispor-se à surpresa e deixar que ela advenha, enquanto fugaz, é um instante de ver que inquieta e que pode causar incômodo ou convocar à elaboração.

Não por acaso, creio, Lacan refere-se em algumas ocasiões a Th. Reik, quando este confere à SURPRESA (*Überraschung*) o estatuto de um sinal, “a iluminação, o brilho que, no analista, designa que ele apreende o inconsciente, que algo se revela como pertencente a essa ordem da experiência subjetiva, daquilo que irrompe repentinamente e que, por outro lado, sem que se saiba como se fez presente do outro lado do cenário. Isso é o *Überraschung*. É por esse caminho, por esse traço, que ele sabe de tudo, ou ao menos que está em sua própria trilha.”⁹

Mais adiante, Lacan confere à surpresa um peso ainda maior: signo de uma interpretação verdadeira “e essa surpresa que toda interpretação verdadeira faz surgir imediatamente tem por dimensão, por fundamento, a dimensão do ‘eu não sou’.”¹⁰

Que seja um signo de verdade, não o refiro aqui ao analisante, mas ao cartel, quando talvez o verdadeiro no testemunho do passante possa produzir um transbordamento dos referentes prévios, tanto ao escutar o relato dos passadores quanto em algum ponto do testemunho escutado, sempre em uma posição

⁶ Las formaciones del inconsciente - Clase 1 del 6 de noviembre

⁷ Nominé, B. La sorpresa. Ajaccio 2007

⁸ Lacan, J. (1967-68). O ato psicanalítico. In *Outros escritos* (pp. 371-379). Rio de Janeiro: Zahar.

⁹ Lacan, J. (1964-65). Libro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis *El seminario de Jacques Lacan*: No publicado. lección 4 del 6 enero.

¹⁰ Lacan, J. (1967). Libro 15 El acto psicanalítico *El Seminario de Jacques Lacan*: Inédito.

externa à experiência do passante. No entanto, aqui podemos parafrasear a mesma advertência feita por Lacan em referência ao saber: conferir à surpresa todo o seu valor não autoriza a complacência no “já virá...”, ou, parafraseando Picasso: “Quando a surpresa chegar, que me pegue trabalhando.”

Tradução: Sheila Skitnensky Finger

SURPRESAS DO FINAL

Dimitra Kolonia
AE
Paris, França

Ao final de uma análise a gente não se entedia. Eu me refiro às surpresas que são as descobertas do fim, que desestabilizam profundamente o que se sabe, o que se imaginou ou até se esperou saber no final do processo. Essas descobertas, que vão da fase final até o fim do processo, são um concentrado de ensinamentos para o sujeito. A análise: didática.

Por consequência, se cada analista pode falar do saber e da ignorância na passagem a analista, será que o fato de ter participado do dispositivo do passe muda alguma coisa nisso? E, se sim, o que? Eu penso que isso pode mudar algo justamente no nível do saber¹.

Então, o passe: didático? Embora equivoque, eu coloco aqui a questão do passe no dispositivo. Eu diria que sim. O passe pode ser didático, no sentido de que a passagem pelo dispositivo pode ensinar o passante.

O esforço de articulação que exige o dispositivo do passe, afim de que o passante ordene em um recito seu próprio tratamento, pode levar a um esclarecimento novo, que é um quinhão de saber.

Esse exercício de redução que é o testemunho, para além do estilo singular, implica para o passante uma triagem em função do que ele soube de seu processo de análise. Poder historicizar sua análise necessita certo descolamento dela. E esse descolamento também é necessário para poder pensar a própria experiência.

Certamente, nada impede de pensar a própria análise fora do dispositivo. Ao fim de uma análise, há um saber adquirido. Mas seria a mesma coisa pensá-la por si e pensá-la com o objetivo de transmitir algo, de testemunhar, de endereçar... a quem? À Escola? Seguindo essa lógica, tentar testemunhar aos outros isso que se sabe em si não inscreveria esse saber em um laço social?

No dispositivo, o passante experimenta de novo, como na análise, os limites do saber (falta em saber). O que dizer da passagem a analista? Como dizê-lo? O que dizer do desejo, já que ele é indizível (falta em dizer)? O dispositivo é, ao mesmo tempo, furo no saber e necessidade emanando do furo, ele contribui para manter aberta a questão do desejo do analista não somente para os que participam dele, mas para toda a comunidade.

O dispositivo do passe é um laço que convida o passante a transmitir o saber extraído de sua análise. O esforço de articulação necessário pode fazer surgir um esclarecimento a mais, ainda que parcial, sobre a própria experiência. É esse esclarecimento, esse quinhão de saber, que eu vejo como um ganho epistêmico. Ele não tem incidência sobre o tratamento, que já não está em curso, mas é um quinhão de saber sobre o tratamento como processo.

Esse esclarecimento reside na separação entre o que o passante sabe e o que ele sabe saber. Sol Aparicio diz "a gente talvez esqueça que o passante sabe mais do que ele sabe saber"². O passante está necessariamente confrontado com essa separação.

Nesse lugar que é o dispositivo, o tempo não é Um; ele me parece recortado. Além do mais, eu falaria tranquilamente de tempos lógicos. Através desses tempos, a elaboração do passante é um *saber in progress*.

1 O desenvolvimento a seguir emana de minha própria experiência no dispositivo, ela tem valor subjetivo.

2 Aparicio "A ignorância dos cartéis", Wunsch 8, Primeiro Encontro Internacional de Escola em Buenos Aires, março de 2010, p.24. "A gente talvez esqueça que o passante sabe mais do que ele sabe saber e é sobretudo sobre essa margem que o cartel deve se pronunciar".

O esforço de pensar sua análise e historicizá-la em vista dos testemunhos.

Receber sua própria mensagem ao se escutar falar aos passadores e apreender de outro modo isso que se escuta dizer. Uma vez terminados os testemunhos, uma distância para com sua história pode se produzir, o que acaba levando a pensar sua análise para além de sua história de sujeito.

E depois, esboços de esclarecimento de novo, no esforço de formalizar esse saber do tratamento no *a posteriori* do dispositivo, dessa vez ao se dirigir diretamente à Escola.

Desse modo, o dispositivo pode contribuir para esclarecer uma análise, não apenas como experiência (realizada), mas igualmente como uma experiência que ensina, ou seja, como uma operação que pode ser pensada para além da história do sujeito. É nesse sentido que penso que o passe pode ser didático. E pode sê-lo, uma vez que o saber não é "totalidade fechada".³

O saber obtido graças à passagem pelo dispositivo não é subversivo, como penso ser o de uma análise. O passante ganha um saber sobre o trabalho e o saber já adquirido em análise. Ele é instruído por esse esforço de articulação do que ele já obteve em análise.

Então, o que há de subversivo no saber obtido em uma análise?

Primeiramente, ele destrona a verdade como saber. A verdade do fantasma não diz a verdade. O analisante descobre uma verdade que mente enquanto ele a achava verdadeira. O fantasma não é mais portador de sentido. "Tudo isso pra isso!". Essa reação tão comum não é o sinal, no fundo, do avistamento da miragem da verdade, de uma queda do gozo tomado pelo sentido? Isso produz efeitos no espaço da transferência e a queda do sujeito suposto saber.

Esse momento, longe de ser conclusão, é corte. Ele abre uma passagem em direção a um saber, necessário para o prosseguimento e o fim de uma análise. A passagem a analista passa por aí. Esse saber diz repeito ao gozo do sujeito. Ao término do processo, o sujeito descobre que o gozo não é do Outro. Separação. Identificar-se a esse gozo é o sinal de uma aceitação daquilo de que o sujeito não queria saber, sua castração; destino do falasser, impossível de fazer desaparecer (saber do impossível).

Ao término de uma análise, a ignorância e o saber não estão nos mesmos lugares que antes. O saber extraído do tratamento não faz desaparecer a ignorância e esse é um outro aspecto subversivo desse saber. O sujeito não sabe tudo. A ignorância nunca será dissipada. O inconsciente não é elucidado até a última palavra. Sintomas, o sujeito os terá sempre. O dois nunca fará *Um*. Belo quadro de impossíveis! Então, por que fazer uma análise? O que é que isso muda?

Sair da impotência afirmando e aceitando o impossível, ter identificado seu gozo, isso traz mudanças o suficiente para que o sujeito não seja mais o mesmo antes e depois. A análise do analista está concernida nessa mudança. Se a passagem de uma ignorância em direção a um saber é necessária para se chegar ao término de uma análise, isso implica que isso se produza em cada análise finda. Mas nem toda análise finda produz obrigatoriamente um analista.

"O não analista não implica o não analisado"⁴. Então, o que distingue um analista de um analisado? Eu não penso que o que os distingue se situa nas passagens lógicas atravessadas no processo, no saber adquirido.

"O analista (...) deve ter cernido a causa de seu horror, de seu próprio, dele, destacado do dos outros, horror de saber (...). Se ele não é levado ao entusiasmo disso, ele pode certamente ter tido uma análise, mas não há nenhuma chance de analista aí. É isso que meu passe, ainda fresco, ilustra muitas vezes"⁵.

3 Lacan, "O avesso da psicanálise", Seuil, p.33.

4 Lacan

5 Lacan, *Nota Italiana. In: Outros Escritos*.

Essa questão do afeto, efeito do horror cernido, me leva a uma última questão, com a qual gostaria de terminar. Se o passe, no dispositivo, é didático, se encontramos nele tempos lógicos, haveria afetos específicos do dispositivo, didáticos, que poderiam ensinar algo e contribuir com a elaboração?

Uma vez terminados os testemunhos aos meus passadores, uma satisfação emergiu, já conhecida, experimentada após o descobrimento do fantasma e da verdade mentirosa. Mas, no dispositivo, seria o bem dizer de um saber que se articulou que satisfaz? De um saber que se reencontrou aí, no testemunho? Um afeto produzido pelo ganho epistêmico do dispositivo? Um desdobramento do afeto de satisfação do fim da análise ao final dos testemunhos pela via do dispositivo?

De todo modo, não foi essa satisfação, no tempo em que ela se produziu, que me intrigou, mas os afetos inesperados que emergiram após minha demanda de passe e minha entrada no dispositivo. Eles eram independentes, cronologicamente falando, de meu testemunho e da nomeação, e é nesse ponto que eles me interessam.

O que é que suscita em um passante que entra no dispositivo do passe um estado alegre, sereno e vivo, como a série de afetos que eu experimentei? Eles são signos de alguma coisa? Difícil não ver aí a mobilização da libido que estava muito voltada para dispositivo e o passe nesse momento.

É a alegria de dirigir suas descobertas ao parceiro que é a Escola? A alegria de demonstrar o caminho solitário das descobertas singulares? A alegria desse desejo que faz a alegria do nosso meio? A alegria do alívio em sair da impotência?

Sim. Mas, sobretudo, eu faço uma hipótese e ligo esses afetos à decisão tomada de entrar no dispositivo. Essa decisão, na qual o sujeito é o único a decidir, sem autorização Outra, é um ato. A separação do Outro, atuada ao final de sua análise, é reencenada, confirmada, duplicada, nessa decisão de fazer o passe. Eu faço a hipótese de que esses afetos estão ligados a essa separação e ao fato de autorizar-se por si mesmo.

Tanto na saída da análise quanto na entrada no dispositivo, uma decisão do sujeito é necessária. Em análise, uma decisão em relação ao real e ao gozo. No dispositivo, uma decisão de entrar nele e fazer o passe diante da abertura do inconsciente. O sujeito, em relação ao real, deve responder, tomando uma decisão ética. Ele quer ou não saber alguma coisa ao se arriscar?

Se, como diz Lacan, "o psicanalista tem uma relação com o saber complexo, o renega, o reprime, ele não vai querer saber nada dele"⁶, fazer o passe, penso, não pode ser um momento desses.

Tradução: Beatriz Chnaiderman

⁶ Lacan, *O saber do psicanalista*, lição de 01/06/1972.

TRABALHAR COM A INCERTEZA

Marie-José Latour
Tarbes, França

Eu agradeço o Colegiado Internacional de Garantia em funcionamento pela organização desse Encontro da Escola e por esse convite.

Então, aqui estamos nós, mais uma vez, tentando dissipar a espessa sombra que cobre "essa relação em que o psicanalisando passa a psicanalista", como Lacan nos convida a fazer em 1967, em sua "Proposição sobre o psicanalista da Escola"¹. Como temos dito desde o início de nosso Encontro, essa é uma tarefa que diz respeito não apenas ao passante, mas igualmente a todos aqueles que participam do dispositivo, membros dos cartéis do passe, passadores, AMEs que nomeiam os passadores.

“Dissipar a sombra espessa”... Eu devo à Anne-Marie Combres de ter chamado a minha atenção para esse significante “dissipar”. É certo que ele evoca a bruma que se eleva, mais igualmente a criança indisciplinada² que vem criar um pouco de desordem nas caixas, e cujo equívoco está presente nas 5 línguas da IF.

Nós sabemos, Lacan não se dá a vertigem das novas hipóteses e nós conhecemos o gosto dele por agitar os esperados, bem como a sua prática de uma elaboração que não deve muito ao retilíneo. Convite à indisciplinada?

1.

Em 1967, Lacan criou a revista da Escola Freudiana de Paris, *Scilicet*, um título que ele disse ter o significado de “você pode saber”. Notamos a intransitividade da fórmula indicada, me parece, um movimento bem mais que uma mirada. “Você pode saber” é bem o convite que preside a oferta do psicanalista, porém não prometendo qualquer completude do conhecimento, o inconsciente faz oposição a isso. Para o analisando passar a psicanalista, a questão que se coloca um pouco diferente pode ser formulada assim: você sabe... Mas o quê? E como?

Na introdução desse primeiro número da *Scilicet* e cujo primeiro texto é o da Proposição, Lacan não dá uma indicação?

Ele escreve: “Você pode saber agora que falhei”. Imagináramos os depoimentos dos passantes começando assim? Poderíamos pensar o Passe como uma “câmera de xadrez, campo de equívoco ou quarto de falha?”

Isto não é uma piada, se acreditarmos nos títulos dos textos que se seguem, na *Scilicet*, ao da Proposição, convocando entre outros auspícios, “o erro”, “o fracasso” e suas vizinhanças semânticas. Tudo isso foi levantado por Lacan bem antes da Conferência de Deauville em 1978, em que ele declarou, sem emoção porque logicamente, o completo fracasso desse Passe³. O fracasso é inscrito como o bilhete de entrada do Passe.

¹ J. LACAN, «Proposição sobre o psicanalista na escola». *Scilicet* Nº1, Paris, Seuil, 1968, p. 24.

² Atenção tradutores, segundo meus modestos conhecimentos, o equívoco acontece em inglês, espanhol, italiano e português.

³ J. LACAN, «Intervention aux Assises sur la Passe», Deauville, 1978, Letyras da Escola nº23, *A experiência do passe*, p 190

2.

De fato, Lacan tendo notado o seu fracasso em quebrar o encanto que se insinua em todo ensino, situa a sua revisão como a possibilidade de saber o que acontecerá desse fracasso. Hoje não temos mais essa revista, mas nosso uso do Passe na nossa escola não ganharia se não o colocássemos nessa perspectiva do fracasso na qual há um saber a advir?

Isto não nos impede, com Lacan, de enfatizar o paradoxo de se apresentar diante de uma assembleia a título de fracasso⁴.

Obviamente, não se trata de elogiar o fracasso nem de cultivar a paixão pela derrota. O discurso capitalista já fez isso. Ele até consegue fazer algo muito mercantilizado com isso. As proposições do tipo “como triunfar no fracasso” têm uma legião de motores de busca.

O fracasso, o qual é a questão do Passe, se agita em dar uma razão de estrutura a isso.

Esse fracasso não é da ordem de um passo em falso, nem da ordem de um acidente temporário e fortuito. Ele não é da ordem de um abandono culposos que nos faria “deixar o assunto de lado”. Esse fracasso não é nem essa renúncia atribuída falsamente ao cansaço, nem essa abstenção preguiçosa que se pode suscitar arrependimentos e remorsos. Nem é esta síndrome de incompletude que alguns pretendem identificar quando uma obra, assombrada pelo fragmento e pela lacuna, se opõe à Somme.

Pelo contrário, esse fracasso se inscreve na fluidez da lógica, da qual alguns deram fórmulas tão breves quanto relevantes. Seja “falhar melhor” (com Beckett) ou “por que isso rateia?” (com Giacometti), não encontramos lá o movimento do “você pode saber”?

3.

Não pode haver certificação QUALIOP⁵ da passagem à analista. Marcar todas as caixas do que pensávamos poder recortar com o cadastro que Lacan nos deixou não diz grande coisa sobre a certeza do ato analítico nem sobre a lacuna que constitui sua lei⁶.

Do que é governado pelo clarão da luz, como podemos ter uma visão definitiva? Um saber definitivo?

Um efeito de leitura comporta sempre, ao lado de sua parte de luz, a de sombra. Seria, portanto, também falso pensar que podemos dissipar de uma vez por todas o que não cabe nas caixas. Situa-lo, como temos que fazer por ignorância⁷, já é um resultado.

A ignorância não é o oposto do conhecimento nem mesmo o seu reverso. Sabendo que se o conhecimento aumenta, a ignorância o faz proporcionalmente, a sua relação seria inscrever-se numa estrutura moebiana.

Se estivermos dispostos a considerar a historização do psicanalista não como a história completa de uma carreira, mas antes como um mosaico do qual é certo que nem todas as tésseras podem ser exumadas, talvez seremos mais capazes de extrair a sua lógica da desordem e saudar o seu significado enigmático⁸. Não é isso que Lacan indica ao relembrar em seu seminário o estado de elucubração dos saberes decifrados? É certamente desafiante, mas satisfatório verificar que o que mantém unidos estes fragmentos desarticulados é mais forte do que a nossa necessidade de ordem.

4.

Há, portanto, entre o saber do sujeito, que se refere ao “você pode saber” e que pode estabelecer um certo número de certezas ligadas à estrutura, e o inconsciente como saber, que por si só não tem sujeito, e cujo único poder é aquele permitido pela certeza do ato, há, portanto, entre o saber do sujeito e o

⁴ J. LACAN, «De Rome 53 à Rome 67: a psicanálise. Razão de um fracasso». *Scilicet* nº1, *op.cit.* p 45

⁵ Na França, esse é o nome de uma marca de certificação de qualidade dos prestadores de formação atribuído pelo Ministério do Trabalho.

⁶ J. LACAN, «O mal-entendido do sujeito suposto saber» dans *Scilicet* nº1, *op.cit.* p 40

⁷ J. LACAN, *O Seminário Livro VI, O desejo e sua interpretação*, Paris, Seuil, 2013, p 326

⁸ J. LACAN, *O seminário Livro XX, Mais ainda*, Paris, Seuil, 1975, p 127

inconsciente como saber sem sujeito, uma lacuna irreduzível, que tentei circunscrever com este significante “incerto”.

Nessa passagem de fragmento a resto, que se recolhe no dispositivo do Passe, podemos notar uma diversidade de formas. Quer existam “fatias de conhecimento” (Michaux), “notícias em três linhas” (Fénéon), outros poemas de cinco versos que Edward Lear nomeou de limeriques, haicais ou epifanias e outros aforismos, esses tropos de subtração, em oposição ao slogan, atestam esta operação essencial na psicanálise.

Por muito tempo, o analisando deixa essa subtração a cargo do psicanalista. Porém, cabe a ele produzi-lo, sem poder ter certeza desses efeitos. Que lalangue singularmente articulada vai sempre muito mais longe do que o sujeito pode dizer⁹, testemunha uma incerteza que resta a cargo de quem não procura tanto o sucesso, mas sim de fazer todos os esforços, de produzir uma aceleração para evitar que isso desapareça completamente. Não poderíamos formular assim o que se percebeu, na evanescência do “espaço de um lapso”, nesta passagem inédita de psicanalisante a psicanalista?

Lacan referia-se frequentemente a Blaise Pascal e em particular ao fato de ele ter perdido tudo, por exemplo, o cálculo infinitesimal que estava a dois passos de descobrir. Esse fracasso, Lacan explica pelo fato de Pascal se interessar particularmente pelo desejo¹⁰.

É do magnífico livro de Marianne Alphant, *Pascal – tûmulo por uma ordem*¹¹ que devo meu título, extraído de um “pensamento” daquele cuja obra resistiu a toda tentativa de domesticação e que soube pedir ajuda apenas no trabalho:

“Trabalhar para o incerto, ir para o mar, subir a bordo.”¹²

Tradução: Lucília Maria Abrahão e Sousa

⁹ *Ibidem*

¹⁰ J. LACAN, *O seminário Livro X, A angústia*, Paris, Seuil, 2004, p 82

¹¹ M. ALPHANT, *Pascal. Tûmulo por uma ordem*, Paris, P.O.L., 2023

¹² B. PASCAL, «Pensamentos» em *Obras completas*, Paris, Gallimard, La Pléiade, 1954, p 1166

COM AS JANELAS ABERTAS PARA O PASSE 2

Ana Laura Prates Pacheco
São Paulo, Brasil

A escuta dos passes durante minha participação no CIG 2019/2020 produziu um interesse sobre os efeitos da doxa e como eles podem ser escutados em alguns testemunhos através de algo que, surpreendentemente, poderíamos chamar de certo “cálculo inconsciente” que aparece em sonhos e outras formações do inconsciente dos passantes. Mas estaria o cartel do passe isento desses efeitos de doxa em sua escuta? Na época, escrevi o trabalho intitulado “Com as janelas abertas para o passe”, que foi publicado na *Wunsch* 21, no qual eu dizia: “Estou trabalhando a escuta dos passes a partir do que chamei de “a ética do bem escutar”, parafraseando a “ética do bem dizer”.

Parti de um paradoxo apresentado por Primo Levi em “É isso um homem?”: “Porque o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente em nossos sonhos, em cenas sempre repetidas da narração que os outros não escutam?” Esse paradoxo é importante para os psicanalistas, pois aponta para o fato de que se há um impossível de dizer há, por outro lado, um obstáculo à escuta sustentado pela paixão da ignorância. Ora, esse obstáculo é desafiado pelo desejo do analista. Para que se entre em análise, é preciso que se produza um querer saber do lado analisante e um poder escutar as ressonâncias para além das narrativas, do lado do analista. O que não implica que a psicanálise ame o saber (não se trata de uma *philosophia*), assim como o psicanalista tampouco seja o noivo da verdade. Antes, o discurso do analista permite ao sujeito produzir um reviramento tal, de modo a que ele trate a paixão da ignorância a ponto de “ter circunscrito a causa de seu horror de saber”. Já recitamos de cor que para sustentar a marca que um analista porta isso não é o bastante. Exige-se algo a mais que Lacan nomeou em certo momento de entusiasmo. Eis o que permitiria, então, ao analista que daí adveio, operar com a douta ignorância, aquela que sustenta o paradoxal “saber de seu não saber”, segundo ensinou Nicolau de Cusa no século XV.

O passe clínico implica, portanto, a verificação do insucesso da relação entre o saber e a verdade. Assim como um amor mais digno nasce a partir da possibilidade de cingir o horror ao saber da não relação sexual, propomos que um “saber alegre” (gaio saber) nasça do tratamento analítico da paixão da ignorância. Lacan é preciso ao considerar o gaio saber como uma virtude que consiste em morder o sentido e raspá-lo o máximo possível, usá-lo até gastar. É claro que devemos isso a Nietzsche: “Talvez então o riso se tenha aliado à sabedoria”, ele propõe em sua obra “Gaia Ciência”. Alguns comentadores de Televisão propõem que Lacan estaria associando o saber alegre ao gozo do sentido promovido pela transferência. Talvez devido a essa passagem precisa: “gaia ciência: a expressão significa as saturnálias de um espírito que resistiu pacificamente a uma terrível e demorada pressão – paciente, severa, friamente, sem se submeter, mas sem esperança – e que agora, de repente, é assaltado pela esperança, pela esperança de sarar, pela embriaguez da cura”. Ocorre que as “saturnálias”, festival da Roma antiga em homenagem a Saturno, nada tem a ver com o sentido, mas sim com o corpo, como no carnaval – que nós brasileiros conhecemos muito bem. Tratava-se de uma suspensão temporária da ordem social e das convenções, e de um novo regime corporal, digamos, um novo gozo mais além do regime ordenado pelo gozo fálico.

Esse novo saber, portanto, é alegre. É evidente que o sujeito não precisa do analista, nem de uma análise para experimentar os diversos afetos ou paixões: alegria, raiva, tristeza, esperança, etc. Mas a alegria aqui, não é trivial. Como ensina Adam Potkay no prefácio de sua “História da alegria”, ela é uma paixão que sentimos quando “algo ocorre que satisfaz um desejo que nós não sabíamos ter”. Ela é, assim, “nossa vingança contra a linguagem comunicativa”. A alegria, ele acrescenta, “figura como a transição daquilo que é apresentável para aquilo que não o é, revelando o fosso entre significante e significado”. O saber

alegre é, portanto, da ordem do ato: “Como vou escalar melhor a montanha? Sobe e não penses nisso” – versão menos religiosa e mais lacaniana da aposta de Pascal.

Joy em inglês, gioia em italiano, joie em francês, alegria em português e espanhol e freude em alemão. A alegria freudiana, em minha experiência com a escuta dos passes é o que se recolhe dos testemunhos, sobretudo quando há nomeação. É preciso, entretanto, abrir as janelas para sermos tocado por ela. Retomo o poema de Alberto Caeiro (pseudônimo de Fernando Pessoa) citado em meu texto da *Wunsch*:

*Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela*

Nosso desafio, portanto, não é apenas o de suspender nosso amor ao saber e nossa ortodoxia (opinião verdadeira) que às vezes nos impede de escutar o estigma radicalmente estrangeiro de cada uma e cada um, mas também o de nos despirmos dos preconceitos linguísticos, doxas (opiniões) culturais, paroquiais e coloniais – o que, devo dizer é algo extremamente difícil e desafiador. Acredito que seja preciso reconhecer essa dificuldade se não quisermos sustentar a ideia de uma Escola transcendental e isolada das cidades dos discursos e das idiossincrasias da nossa época, ou pior, se não quisermos transformar o passe em uma experiência purificada e idealizada a partir da repetição dos nossos jargões e clichês.

Que a aposta no passe sustente uma Escola topológica e, portanto, fundada em RSI, a heresia. O que quer dizer, assim interpreto, uma trilogia não teologal: um amor mais digno que o amor cristão, uma relação ao saber que não estabeleça uma univocidade com a verdade, como na fé e uma esperança que não se sustente na garantia da salvação. Que o passe possa, portanto, sustentar uma esperança lacaniana, uma aposta no futuro da psicanálise.

DA ELUCUBRAÇÃO AO IMPENSADO: ALGO NOVO?

Christelle Suc
AE
Albi, França

A ignorância é a condição de entrada, esclarece Lacan.

Só podemos querer saber o que não sabemos ainda. Falar, portanto, para produzir sentido onde não há, obter um saber que responda, que responda à falta para preenchê-la. Busca de completude. Pedido dirigido a um outro a quem se atribui um saber, saber sobre o quê? Um saber sobre si mesmo.

Entrada em análise com um desejo de saber. Esse saber, acredito que o analista o detenha. Ter um saber para fazer consistir meu ser e o do Outro. (S)aber para (s)er. Então buscamos, pesquisadores incansáveis. E melhor assim, porque só buscando é que encontramos, mesmo se o que encontramos não seja necessariamente o que procurávamos! O empuxo ao saber enraizado na ignorância como motor da cura, não sem o gozo (*jouissance*).

Na entrada, portanto, a ignorância, mas não sem a crença: acreditar que o Outro sabe, que ele tem a chave, aquela de sua verdade, acreditar que aquilo de que se sofre significa algo, acreditar que a montagem fantasmática é a realidade. Corrida para decifrar com um certo gosto ou um gosto certo por compreender. S1 procura seu S2. Voltas dos ditos. Roda de palavras que giram em círculos, mas que ao girar, cavam. Estreitamento do círculo. Desmontar dos significantes.

O problema com as palavras é que sempre há uma depois da outra. Uma chama a outra, mas às vezes a outra não é a que esperávamos ou, o eco, faz soar algo diferente do que foi dito: chance então de fazer ressoar o estrangeiro, aquele que não foi convidado, mas que se convida. Corte.

Ao mesmo tempo, há construção de um saber textual e uma redução do saber, redução a quase nada. À pergunta “o que posso saber?”, Lacan responde “de onde posso saber”. Saber articulado em enunciados a partir do lugar do “eu” (*je*), do “eu penso” (*je pense*). Mas o não-convidado, o clandestino que se aloja nos ditos, não é do “eu penso”, justamente não foi pensado. Hiato.

Não há apenas um único status da ignorância e do saber. Roda de conceitos. A ignorância protege da ignorância, o saber de saber. Então vamos especificar um pouco.

Lacan diz paixão, paixão da ignorância que ele qualifica como paixão do ser junto com o amor e o ódio, ternário.

Por que paixão do ser? Porque a ignorância e o saber trabalham para fazer artificialmente consistir um ser que não há, encobrendo a falta originária.

A ignorância, aquela a que nos apegamos, protege da ignorância fundamental, estrutural, aquela que está no coração do saber. Ignorar para ignorar que se é ignorante.

Saber para não saber que não se pode saber. Ignorância e saber, frente e verso moebiano? Onde não há nada, isso permite que haja algo. Muro da ignorância que faz tela ao furo, vemos o muro e não o que está por trás. A ignorância permite ignorar a divisão, aquela que nos constitui. Ignorância, outro nome da recusa da castração. A ignorância seria irmã do fantasma?

Essa ignorância-defesa será fissurada por um lapsus: Repito uma cantiga da minha infância em que há a palavra saber e, lapsus, digo-a ao contrário. Capturada, ouço o que acabei de dizer: há, portanto, um saber que sei, mas que ignoro. Golpe do trovão. Virada.

A partir desse lapsus, o nada querer saber se deixa entrever. Mas à própria ignorância a gente se apegar, posso testemunhar. Apesar de todos os meus esforços e ao contrário do que acredito, conscientemente, poderia-se dizer, vejo bem que não quero saber de nada. Luta entre eu e eu, sem Outro nessa questão. Resistência que faz enigma, o que é que eu não quero saber? Esgotamento dos significantes, as sessões se arrastam.

E então um sonho, mais um pesadelo. Despertar! Surgimento de um ponto de horror.

Com o levantamento parcial do recalçamento, a recusa de saber é iniciada. O horror de “ver isso” (homofonia entre *ça-voir/savoir* – *ver isso e saber*). Corte do fluxo das palavras, pane seca, pavor, nada pode vir cobrir a visão desse ponto de horror. Ao ver isso (*ça-voir/savoir*), a verdade cala (*ver-tait*). Eu teria preferido não saber, digo. Travessia afetada. Depois, a partir de um equívoco que faz ressoar o sexual, aquele do infantil, a significação à qual me agarrava se desfaz, minha pequena música fantasmática se torna dissonante. Ela soa falsa. Um deslocamento ocorre, despregam as aderências imaginárias e com elas a crença a que estava associada, a verdade aparece apenas como fictícia, a verdade na medida em que não a considero mais verdadeira. A in-timidade do fantasma abre para a ex-timidade do Real, sem tampão. Queda do sujeito suposto saber, não há outro que responda. Sem complemento de saber ou de ser. Sem objeto brilhante. Solidão radical.

A descrença desmascara a ignorância. Fissura no muro, mas para que ele caia será necessário a contingência. A contingência não se decide, ela acontece. É assim.

Se a tarefa analítica leva anos e é feita em palavras, adição significativa, a passagem, ponto de virada instantâneo, subtração, só acontece em hacto (*ato/acte* e *pressa/hâte*). Circuito da análise que só advém em curto-circuito, saída lógica tão imprevisível quanto impensável, portanto, impensada. Instante fulgurante, fora da cadeia significativa, impressão sonora, vibrações da língua, momento em que eu não sou, eu não penso, suspensão. Retorno do “onde”. Lá, não há eu, há “não-eu”.

A conclusão da cura em um estalar de dedos, um “bater de pálpebras”, parafraseando Lacan, se faz sem o saber (*ça-voir*) (equívoco). Com o surgimento de uma palavra, não um significante da série, mas um fora de série, não aprendido (*appris*), mas que prendeu (*pris*), isso se reverte. Estampilha do gozo (*jouissance*) que ao dar-lhe um nome o reduz e o marca como irredutível. O gozo não se trata pelo saber, ele não se resolve, não se dissolve no simbólico, não há zero de gozo. Há o que se escreve sem que o sujeito queira, saiba.

Nesse momento, um evento de corpo, um furo no peito com um leve sopro. É uma questão de corpo, não de palavras. Não uma razão de ser, mas uma ressonância de ser, um quase nada, um pequeno sopro. Mais a questão, a vida.

Passagem do ser à ex-istência, do que não há (o ser) ao que há (o gozo porque temos um corpo).

Durante minha análise, eu tinha uma imagem, a do quebra-cabeça, eu procurava peças que posicionava, agora posso dizer, no quadro do fantasma. Por muito tempo eu disse, falta-me uma última peça para terminar minha análise. Claro, eu queria fazer o quebra-cabeça inteiro. O todo, isso insiste! Busca da última peça de um saber que não faria mais que encobrir, ainda... E então, esse momento inédito, quando essa última peça não é de mais, mas de menos. Última, então, não do lado de um complemento, mas última porque produz a parada-corte. Peça suplementar e não complementar. Não-todo do saber.

É aquela que descobre -abertura e vislumbre- a casa vazia, aquilo com que se lidava sem saber. Casa vazia do quebra-cabeça. A casa vazia está vazia, é uma casa para o “não-ser”. Exílio do sujeito.

Fim do saber adquirido na cura passada ao corpo que faz borda à casa vazia. O vislumbre se converte em saber, não um não-sabido, mas insabido, fora-eu (*je*), mas não fora-jogo (*jeu*).

Da demanda do tolo, o analisando não sabe que sabe, ao salto do desejo, o analista sabe que não sabe, não sem (*pas-sans/ passant*) o saber.

Termino com uma citação de Lacan, pois *não ser/nascer*¹ apenas poema, não se é poeta em sua morada, há na citação que vou ler do poeta. Com as palavras, seus fluxos, sussurros, sopro sonoro:

“Sonha-se em confundir-se com o que se extrapola em nome do fato de habitar-se a linguagem (...) imagina-se que do real, há um saber absoluto. No fim das contas, no nirvana, é afogar-se nesse saber absoluto, do qual não há vestígio, que se aspira. Acredita-se que se será confundido com esse saber suposto sustentar o mundo, que mundo não é mais que um sonho de cada corpo.”²

Tradução: Beatriz Oliveira

¹ Homofonia em francês entre *n'être* (não ser) e *naître* (nascer).

² Texto encontrado na internet em francês no link: <file:///C:/Users/User/Downloads/improvisation-desir-de-mort-reve-et-reveilnp-pagenum009.pdf>

O ELOGIO DO NÃO-SABER E SUA RELAÇÃO COM A VERDADE

Armando Cote
Paris, França

Desde seu retorno a Freud, Lacan elogia o não-saber. Na própria definição de transferência, Lacan fala do não-saber do analista, ele é o sujeito que se supõe que sabe, mas não sabe nada desse suposto saber, o que o permite abordar cada novo caso com um olhar novo. O que se espera do cartel do passe, me parece, não é o que já sabemos, mas o que é a verdade individual e que fazem escola.

Não há iniciação para participar do cartel do passe, porque não há verdades acumuladas a partir dessa experiência, mas um saber por vir. Saber que não tem valor de uso, pelo contrário, saber que faz furo e que deve se transformar em uma verdade singular. Ou seja, saber real que, portanto, é impossível de possuir e acumular, como na universidade. Lacan relaciona a verdade e o real, a primeira engana e o segundo não.

No passe não há *tempo de compreender*, a experiência do passe nos coloca cara a cara com os efeitos da verdade, que não têm nada a ver com o ensino, mas com o desejo de saber. O *momento de concluir* é precipitado por um ganho no saber, não mais hesitação, não mais flutuação, mas uma certeza. Esta característica marca a diferença com outros discursos e práticas, especialmente com as psicoterapias que produzem efeitos terapêuticos sem ganho de saber. O passe é uma *experiência de verdade*, a cada um sua própria verdade, não é comparável à *experiência de análise* na qual a questão é o *saber*.

A demanda de passe se dirige a um coletivo, não a um sujeito, a demanda se dirige à Escola. Passamos do individual, da biografia, da lógica de uma vida, a uma lógica coletiva que implica diferentes efeitos de cálculo em relação aos efeitos da fala, da associação livre. Para o passe, Lacan tomou o modelo do *Witz* para Freud.

Esta é minha primeira experiência em um cartel do passe.¹ Na minha primeira experiência o resultado foi uma nomeação como AE e uma não nomeação. Darei as razões que me levaram a dizer sim para um e não ao outro. Vários elementos diferentes confirmaram a nomeação.

A *primeira* é de ordem da leveza, sem drama, no testemunho dos passadores, Lacan alude ao peso das palavras, às palavras cheias e às palavras vazias, mas nas palavras dos passadores, já não havia elementos flutuantes, a leveza se fixava estranhamente em um ponto de certeza que organizava não só o discurso, como também a própria vida do sujeito. Indica dessa maneira claramente uma nova direção, um giro e, portanto, um antes e um depois.

Um *segundo* elemento foi a queda do analista como *sujeito suposto saber* e suas consequências que mostravam claramente um momento de urgência, de pressa que marca uma encruzilhada e uma mudança de lugar, do lugar do saber. Um saber que estava em todas as partes e em nenhuma. O desejo de saber estava claramente ligado nesse momento ao desejo de Escola.

Um *terceiro* elemento era a peculiaridade do sintoma do passante, que estava claramente capturado pelo discurso médico e científico. A experiência analítica o permitiu posicionar-se diante das falhas desse discurso. A tensão entre o discurso médico e a experiência analítica foi central no testemunho. Uma nova relação com os significantes e com o uso da palavra também teve efeitos no corpo do passante. Um efeito de silenciamento do corpo que o impulsionou à urgência de testemunhar. Uma tensão entre o silêncio, não falar mais em análise, e a pressa do testemunho para a escola confirmam uma mudança.

Mas, foi um *quarto* elemento que complementou e ordenou os demais. Lacan insiste no efeito do *mot d'esprit*, que toca a raiz das palavras a partir de um deslocamento do lado dramático do sintoma para uma outra coisa, uma abertura em direção à comédia, a mentira das verdades. Isto é o que eu gostaria de ressaltar. No caso da nomeação, a formação do inconsciente que se nos apresentava já não era uma formação para ler, mas sim uma escritura.² Não sobra nada para interpretar, não há resto. É precisamente uma formação do inconsciente que marcou a passagem de sua posição de analisante a analista.

1 Meus colegas no cartel eram: Ricardo Rojas, Didier Castañuela, Rebeca Garcia e Glaucia Nagem como mais-um.

2 Michel Bousseyroux marca essa diferença em seu livro: *Psychoanalyse le pas-comme tout le monde*. Paris, ENCL, 2002, p.26.

Em 1974 na “Nota italiana”³, Lacan aborda o saber como algo que há de se extrair ou inventar. O saber de que fala nessa nota é um saber no real do qual se pode deduzir a ausência de relação sexual. Trata-se, portanto, do final de análise na escória da *ignorância doucta*. Sobre esse saber sem sujeito, a análise levará o sujeito a desprender-se do mais de gozar com o que estava compondo até então. Com respeito a este ponto Lacan nos dá uma indicação valiosa para ver, diz, a verdade oculta, fala de estilo⁴. *O estilo como forma de transmissão*. Por trás de cada nomeação de AE, há um estilo, no sentido barroco da palavra, ou seja, é elegante, único e moderado.

Como se comprova o passe? No cartel é a partir de um assombro que se produz não só nos passadores, mas também no cartel, um assombro diante da produção do inconsciente: em um sonho emerge algo da ordem do som puro, mas em forma de escrita, portanto para não ser lido. Uma imagem, uma orelha da qual emergem três letras que produzem efeito de verdade, a orelha de uma pessoa, uma orelha que fala, assim se inverte. Orifício que ocorre estar aí para que entrem as palavras, dali sai uma palavra: surpresa! Surpresa! Porque nada mais, nada que peça ser interpretado, mas interpreta.

Este elemento, que passou do passante aos passadores e ao cartel do passe é um efeito poético. Uma polifonia dos sentidos. Nenhuma das línguas do cartel pode capturá-lo. Este efeito de três tempos dá uma indicação de algo possui na forma em que se diz. Semelhante ao estilo barroco, a ilusão da vida se revela com um simples detalhe que transforma o drama em uma comédia humana. Anamorfose. Encontramos estes estreitos vínculos de um novo desejo, mais além do final de análise, de encontrar algo mais, talvez inédito. Lacan faz uma distinção entre a “*Jaculation*” e o significante, que deve ser visto na relação com o modo em que *Lalangue* foi impregnada para um sujeito dado, com o modo de cristalização, a “*materialidade*” de *lalangue*. Estas três letras não eram significantes, como elemento simbólico, mas sim da ordem real de sua *jaculation*. Esta distinção coloca o analista na posição de voltar à marca sonora, de encontrar a cifra que o sintoma escreve selvagememente, converte-se em resto.

Estas poucas considerações talvez nos permitam nos aproximar do que Lacan chama de “nomeação real”⁵ porque é a “verdade”. Portanto, os “efeitos da verdade”.⁶ As razões para dizer não ao segundo passante derivam-se da ausência destes elementos que aparecem no primeiro testemunho. Existem dois tipos de conclusão: uma conclusão conclusiva e uma conclusão suspensiva.

Para Lacan o analista de reinventar-se em cada nomeação por seu ato, oferecendo-se como um objeto do qual a escola carece. A verdade só pode ser encontrada como ausente e, portanto, impossível de dizer toda. Um AE vem a dar um pouco de “condimento (qu'on dit-ment)” para a Escola. A nomeação do AE não tem nada a ver com um não-saber que Lacan elogiou no princípio, mas sim com um saber desconhecido. A força de um testemunho reside em seu caráter incompleto, o real se encontra apenas quando falta.

Tradução: Guilherme Mola

3 Lacan, “Note Italienne”, in *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p.308-309.

4 Lacan, J. “El psicoanálisis es su enseñanza”, 1957, *Ecrits*, Paris, Le seuil, 1966, p.458.

5 Lacan, J. El seminário, “RSI”, inédito, conferência de 13 de maio de 1975.

6 Lacan, J. *Écrits*, Paris, Seuil, p. 365-366, 724.

O QUE HÁ DE DIDÁTICO NA PASSAGEM A ANALISTA?

Carolina Zaffore
Buenos Aires, Argentina

“Da análise tira-se uma experiência,
que se qualifica muito erroneamente de didática. A experiência não é
didática”¹

O questionamento de Lacan a respeito da análise didática da IPA é indissociável das conotações institucionais daquela época. Sua Escola aponta a uma distribuição do saber de acordo com uma formação que não desminta o radicalmente inapreensível de nossa práxis.

Se Lacan buscou apagar o termo *didático* foi para destacar que, a rigor, toda análise é didática, não somente a do analista. E que a experiência enquanto tal é necessária, mas requer sua elaboração e teorização para qualificá-la de didática.

Penso que o procedimento do Passe é a maneira que Lacan escolhe para recuperar e conceder certa especificidade à análise do analista, com a finalidade de produzir uma didática mais de acordo ao discurso analítico. Pois bem, tal especificidade concerne principalmente ao desenlace da análise, “*expressão ambígua ‘término de uma análise’*”² que Freud avistou e que Lacan explorou e desenvolveu. Há algum ganho didático que advenha desse momento de passagem de analisante a analista? É a partir dessa perspectiva que abordarei hoje o assunto que nos convoca.

O que pode advir didático não tanto da tarefa analisante, e sim de seu desenlace? O que disso se pode transmitir e até que ponto formalizar?

Para desenvolver essas perguntas, proponho ao debate três coordenadas dessa “passagem a analista” que o procedimento do Passe pode ajudar a destrinchar e que decanto da elaboração em curso nos cartéis do passe: 1) o que alguém consegue apreender da dependência ao significante 2) as consequências ligadas à sua autorização na prática efetiva 3) a potencial capacidade de narrar como sua análise incidiu em sua autorização.

Parto da escolha do termo “passagem”, e não “passe”, já que acredito conotar melhor a tensão temporal própria à destituição subjetiva da fase final de uma análise. O termo “passagem” permite calibrar os diversos registros do tempo em jogo, sem cair na exclusividade nem do instante nem da sucessão. Fase final de uma análise na qual aponto tanto à passagem ativa de analisante a analista quanto ao trajeto necessário até um término efetivo. Fase então que desembaraça os distintos registros da temporalidade que nos concernem: a do significante em sua antecipação e retroação, o a-cronológico do inconsciente (mais do que o *atemporal*) e especialmente o que concerne ao fator contingente que está em jogo nos *momentos decisivos* ou irreversíveis para cada um.

Proponho para o debate, sob as três coordenadas propostas, o giro didático que supõe essa *passagem de analisante a analista* em que se imbricam o saber e a ignorância e cujos indícios se dão a ler sempre de modo parcial, consentindo o radicalmente insondável que implica.

¹ Lacan (1973), *Sobre a experiência do passe*.

² FREUD, S (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXIII, p. 283.

1. Saber-se objeto:

A primeira coordenada corresponde aos aspectos estruturais que localizam não tanto o que se aprende, e sim o que se revela da dependência ao saber de que somos efeito. Se desde o início de uma análise se vislumbra a subordinação do sujeito ao significante, é a destituição subjetiva da fase final que impõe um saber específico: saber-se objeto.

Assinalo aí um efeito didático elementar que advém do encontro com um fato de estrutura, esse objeto que na verdade é um saber furado, que já não será representado pelos *artifícios* que aporta a fantasia e as *verdades histórico-vivenciais* que dissimulam o efeito aleatório e primário do significante no corpo.

Esta primeira coordenada localiza o que ensina o fato de captar o império da linguagem em seus diferentes níveis. Logo virão as traduções clínicas que poderemos recolher e, eventualmente, autenticar nos cartéis do passe.

2. Saber ignorar:

Uma via de tal autenticação seria sondar, a partir dos testemunhos dos passadores, o que da passagem de analisante a analista se expressa, mesmo que seja sempre de modo indireto, na prática concreta do passante.

Ignorar o que se sabe da ficção do sujeito suposto saber, e saber introduzir o que realmente se ignora do sintoma do outro, isso pode ir sendo ensaiado. Porém, somente a genuína autorização, correlativa a um sujeito deposto, habilita, sem forçamentos, esse nó operativo entre o saber e a ignorância.

Do mesmo modo, passar da posição de sujeito a objeto, e vice-versa, é algo que se pode cultivar, mas a destituição subjetiva imprime a esse passe cotidiano uma flexibilidade e autenticidade novas. Então, como se conecta a destituição da fase final com o ato analítico para com outros? Lacan sugeria que o modo como cada um se oferece à regra fundamental é índice do ponto em que chegou na própria análise.

Porém, se interrogamos a temporalidade que imprime a passagem de analisante a analista, talvez seja a contingência sua mais clara expressão, como antecipa Freud em seu texto sobre o uso da interpretação dos sonhos: “*sei que é pedir muito, não apenas do paciente, mas também do médico, esperar que abandonem seus propósitos conscientes durante o tratamento e entreguem-se a uma orientação que, apesar de tudo, ainda nos parece ‘acidental’.*”³ Penso que abraçar a contingência como guia e dar-lhe seu justo lugar nas análises que conduzimos é algo que se apreende no desenlace da posição analisante, mais do que em seu trajeto.

Nesse mesmo texto, Freud assinala a importância decisiva do *tempo* de uma análise, em linha com a ideia de Lacan de que a “*transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e a seu manejo.*”⁴ Destaco que a passagem de analisante a analista entrega um a mais didático na chave temporal. Como se traduz concretamente tal *figuração da finitude*? Talvez sua tradução mais nítida esteja no manejo do tempo e na importância dada ao ritmo de cada análise com vista a um final.

Creio que tanto o sujeito deposto quanto o consentimento com o sintoma na própria análise modificam o modo de intervenção nas análises que conduzimos. E, se isso não pode enunciar-se diretamente, pode, sim, se aproximar no âmbito da palavra tal qual propõe um procedimento como o Passe. Definitivamente, o desenho fundamental da operação de destituição subjetiva é o que reencontramos no núcleo da técnica. Quão transmissíveis são essas vinculações? São encontradas nos testemunhos?

³ FREUD, S (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 104.

⁴ LACAN, J (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 858

3. Saber historicizar

Penso que há um giro didático mais na passagem de analisante a analista que nos concerne especialmente e nos interpela: o potencial uso da retroação para historicizar a própria análise, suas fases, sua lógica e seus movimentos fundamentais.

Em outras palavras, captar como se produziu a conquista de um saber inconsciente que, em algum sentido, já estava ali, localizar as escansões temporais, a lógica significante e os sucessivos giros que levam alguém ao umbral de sua autorização como analista.

Como incidiu a *análise pessoal* para chegar à autorização que, por definição, é intransferível? O que disso se pode ordenar e transmitir a outros no procedimento do Passe? Relato que cursa entre vários atores (passante, secretariado, membros do cartel), pulsando uma palavra em tempo presente que recupera a retroação e se atreve à contingência programada.

Finalmente, passados alguns anos da proposta de Lacan, estamos edificando alguma didática do Passe? Como sustenta a Escola o trabalho do AE no tempo finito de sua função para ampliar seus efeitos didáticos ao coletivo?

Tradução: Maria Claudia Formigoni

PONTUAÇÕES

O QUE O RELÂMPAGO DEIXA NA SOMBRA

Anastasia Tzavidopoulou
Paris, França

Juntamente com Colette Soler, vamos pontuar este tema, de que os colegas falaram ao longo do dia. Poder-se-ia afirmar com certeza que saber e ignorância atravessam toda a experiência analítica. O tema que o CIG (Colégio Internacional de Garantia) propôs, "Saber e ignorância na passagem a analista", foi uma aposta, em todo caso para mim, porque ele nos obrigava a convocar o que Lacan chamou o "quadro do saber": o que é que um analista, ou seja, alguém que foi até o final de sua análise, nos faria ouvir convocando o quadro de saber da teoria analítica e do ensino de Lacan sobre o passe, mas *também* o da singularidade da sua experiência? Este é o desafio do dia, tal como a mim se apresentou.

Nesse quadro do saber deparamo-nos com o "eu não sei nada"¹ do início do tratamento, passando pelo passe, o passe clínico que é um ponto de viragem, uma curva, até o passe como dispositivo, aquele que poderia eventualmente conduzir a uma nomeação. E hoje fomos chamados, de certa forma, a articular algo em torno desse "eu não sei nada", que inaugura e encerra o tratamento, e que implica, em si mesmo, saber e ignorância.

Abordar este tema implica, como ouvimos durante as várias intervenções, numa dialética entre saber e ignorância: os tratar um com o outro e não separadamente. Esta dialética comportará um terceiro termo que, mesmo que não apareça no tema, o atravessa. Já o ouvimos. Esse termo, que faria a ligação entre os dois, porta os nomes do não-saber, do não-sabido, do saber insabido. Recordo uma expressão de Lacan, a análise progride essencialmente no não-saber. Eu começo com essa expressão para sublinhar, principalmente, o verbo "progredir", "a análise progride". Ela progride em qual direção?

"Saber e ignorância na passagem a analista". O termo "passagem" testemunha do fato de que há um antes e um depois. Trata-se de *uma* progressão? É *durante* este tempo que o "eu não sei nada" do início se modifica no final. O sujeito ignora o que o seu inconsciente porta como saber; o que a sua fala vai lhe revelar é um "um saber insabido para si próprio".

Haveria uma cronologia a ser seguida: começamos uma análise na ignorância, é mesmo a condição, pois, como sublinha Lacan, o sujeito que vem à análise se encontra na posição daquele quem ignora. E essa posição, a de "eu não sei nada", é mesmo fundamental para a sua entrada em análise. Mas esta posição do início não exclui uma relação com o saber. E chegamos ao fim, ainda seguindo Lacan, a uma revelação, a do não-saber que não é uma negação do saber, mas a sua forma mais elaborada; sem, no entanto, cair numa "mistagogia" (a palavra é de Lacan). E aqui encontramos um "eu não sei nada" que desloca o sujeito analisado, e a sua relação com o saber, daquele do início, que o desloca do "eu não sei nada" do sujeito em transferência. Pois se o sujeito ignora, ele atribui, no entanto, um saber ao Outro. O "eu não sei nada" do final, resultado da experiência, já não é o mesmo: é aquele que vai sustentar a posição analítica e operar no ato e nos limites do dizível. O "eu não sei nada" do final, embora esteja intimamente ligado ao do

¹ Esta frase pode ser traduzida como : Eu não sei, no entanto, com sentido um pouco mais potente, tal como: eu não tenho idéia disso. Desta maneira, opto por deixar nada na tradução para enfatizar a dupla negação;

início, é *um nada de saber* que "cicatrizava os efeitos de acasos", para usar a bela expressão de Lacan que Nicolas Bendrihen nos fez uma leitura.

Este saber como produto da cura, os AEs, os analistas da Escola, devem transmiti-lo à comunidade analítica. Ele viria confirmar e solidificar o quadro do saber tal como ensinado por Freud e Lacan. E, ao mesmo tempo, é o não-saber, esta forma elaborada de ignorância que seria a garantia do seu ato. Haveria algo de paradoxal a ser compreendido, paradoxo que convoca justamente a lógica, por um lado, a lógica que opera porque se ordena na articulação de "uma cadeia de letras rigorosas", e, por outro lado, algo de incalculável, o não como prefixo do saber de um sujeito "não marcado pela ingenuidade", é uma expressão de Lacan. O "não marcado pela ingenuidade": seria aquela que se emancipa sem militância, sem obstinação, mas com uma certa ingenuidade, da doxa e dos predicados do discurso, que se emancipa do "eu não sei nada" da transferência para assumir seu ato e sobretudo *aceitar* o seu destino e o fim do jogo? Aí está, sem dúvida, a revolução que o discurso analítico porta precisamente sobre a função e a estrutura do saber.

Ingenuidade", termo surpreendente que aparece na "Proposição" em diálogo com "incompetência". Enquanto a ingenuidade tem um certo frescor, uma espontaneidade e quase uma emoção, se é que tem mesmo algo de cômico, a incompetência, pelo contrário, remete-nos mais para a nulidade, para uma ignorância que impede todo saber. "Assim [cito Lacan], o fim da psicanálise conserva em si uma ingenuidade, cuja questão é saber se ela deve ser considerada como uma garantia na passagem ao desejo de ser psicanalista".

A questão se coloca. E deveríamos colocá-la na Escola, nos cartéis do passe, dos quais faço parte pela primeira vez, quando a *sombra espessa* parece se dissipar para revelar um saber, *condição* para a passagem a analista e ao seu desejo. A questão que se coloca quanto à ingenuidade quando, ao mesmo tempo, o sujeito analisado termina a sua análise menos tolo. O sujeito ingênuo é sem experiência, o sujeito analisado é o produto de uma progressão e de uma experiência de saber que não acumulativo. É talvez aqui que a questão deveria ser colocada. Como Martine Menès sublinhou durante as nossas discussões, também se deve colocar o desafio de lidar com a parte desempenhada pela ignorância, e também de lidar com a parte desempenhada por aquilo que o relâmpago deixa na sombra. Há uma certa dissimetria com que temos de lidar, que quase poderia ser interpretada segundo Matthieu: "Que a mão esquerda ignore o que a mão direita está a fazer". Como ouvimos hoje, os cartéis do passe seriam tentados a capturar a certeza de um saber insabido, a certeza de uma incompletude. Seriam tentados, como escreveu Armando Cote na sua intervenção inicial, a ouvir a passagem do *tacere ao silere*. Eu diria mesmo, antes de passar a Colette Soler, que nos cartéis do passe, deveríamos também apostar que o futuro Analista da Escola poderia tornar-se um objeto-causa para a Escola - falamos disso durante uma tarde no Espaço AE em Paris - doando o seu saber, o seu saber insabido, à comunidade analítica e, por que não, a contaminando.

Tradução: Tatiana Assadi

PONTO DE VISTA

Colette Soler
Paris. França

Intitulei a minha pontuação de “Um ponto de vista”, porque nada se exprime sem ser a partir de um ponto de vista, ou talvez de um ponto de dizer. Por conseguinte, acrescento o meu aos que já ouvimos hoje.

É evidente que Lacan, ao defender que o Inconsciente é um saber e que há, além disso, o saber do analista, nos confronta com questões que não poderiam ser feitas a Freud, que, no geral, se contentava com a sua expressão “crer no inconsciente” após a experiência feita de associação livre interpretada. Que bela simplicidade!

Quanto a mim, só posso partir de algo que sei: onde quer que haja o saber que se elabora, tanto nas ciências duras como nas chamadas ciências humanas e ainda nas grandes correntes filosóficas, em toda parte, sabemos que o saber e a ignorância são irmãos gêmeos, quase siameses, e quanto mais um cresce, o saber, mais o outro, a ignorância, ganha terreno. Os saberes estão, portanto, furados, não somente a lógica o demonstra, mas o exercício dos saberes o verifica.

Daí uma pergunta. Se assim é, como é que a ignorância pode ser ignorada a tal ponto que o analisante precise de uma longa jornada para chegar enfim, e nem sempre, a medir a sua ignorância e a tomar nota do não saber ao qual a sua experiência do saber Inconsciente o havia conduzido? Deve-se supor que o analisante chega a uma posição que não é a da douda ignorância, mas o que Lacan chama de ignorância crassa, ou seja, não aparentada com um saber. Não é agradável ouvir esta expressão “ignorância crassa”, mas podemos dizê-lo de forma mais agradável, com o termo suave [*soff*] que Anastasia pôs em relevo, ele [o analisante no início] está numa posição de ingenuidade [*naïveté*]. E sim, o ingénuo é aquele que não sabe, ainda não sabe que as suas esperanças irão confrontar-se com um real. Ele precisará de uma análise, uma análise didática, para ter alguma chance de progredir na ignorância, de passar do crasso para o doudo à medida que aprende de sua análise.

Assim, no final, ele terá se tornado o oposto de ingénuo. Em francês, a linguagem popular o chama por vezes de reticente [*déssalé*], um advertido em todo o caso, porque em uma psicanálise, a ignorância douda só pode aparecer no final. Ele sabe então que, do saber Inconsciente no qual havia acreditado, nunca terá mais do que um fragmento, e que isso se deve à palavra articulada na linguagem, a única via analítica, que nunca atinge o todo. Fim da miragem, a sua elucubração de saber é furada.

Nos orgulhamos desse resultado, mas de que vale, de fato? Se é só isso, chegar à mesma conclusão que todos os artífices da linguagem já fizeram antes, o ganho é assim tão considerável? Poderíamos dizer, sim, claro, pois a diferença em relação aos outros é que o saber do Inconsciente é próprio a cada um, não universal, singular, e que cada um aí está, portanto, profundamente preocupado, ao contrário do saber da ciência.

No entanto, se Lacan¹ denunciou a “mistagogia do não-saber” era para indicar que o fascínio pelo não saber, mesmo o mais doudo, tem um sentido, o da evitação de um real. Digo do real que está em jogo na psicanálise. Ora, este real não pode ser reduzido ao da linguagem, do qual a lógica nos permite aproximar, e onde ela estabelece, de fato, que saber e ignorância são gêmeos. E, na verdade, lhes digo, como dizem outros textos, que o saber e a ignorância não impedem, de fato, ninguém de dormir, nem no início nem

¹ « Les psychanalystes sont les savants d'un savoir dont ils ne peuvent s'entretenir. C'est une autre affaire que la mystagogie du non-savoir ». Lacan, J. Conferência proferida no Instituto Francês de Milão, 18 de dezembro de 1967, às 18h30. Publicado em: Scilicet nº 1 pp. 51-59, Paris, Seuil, 1968. [Os psicanalistas são os sábios de uma saber que não podem conversar. Esta é uma questão diferente da mistagogia do não-saber”]

Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-12-18.pdf>

no fim da análise, - a não ser que os transformemos em saberes rentáveis [*savoirs monnayables*], como o são todos os saberes do mestre fora da psicanálise.

O que nos impede de dormir, falo aqui de modo figurativo, é o nosso corpo de gozo, mais precisamente o que o real da linguagem faz aos nossos corpos de gozo. E sucede, de fato, que nos acorda, menos no momento final do que no início, é verdade. As palavras para dizer deste real, na psicanálise, são desejo, pulsões, sintomas. Este é o registro que Freud chamou de econômico, e é nesse nível que há a passagem ao ato do analista, se o desejo do analista for de fato um desejo novo, como me expressei. Com a pergunta, certamente, neste caso, de qual é seu saber de analista, mas isso é secundário.

Portanto, deixarei a vocês uma afirmação que deveria nos interpelar, creio eu, vindo de quem inventou o passe, assim como Freud inventou o Inconsciente. A afirmação diz qual é o não saber que conta no final – e não é o do Inconsciente. Digo-a diretamente: na passagem à análise o sujeito muda de lugar “para operar como quem operava para ele”, seu analista, portanto, - até agora tudo bem, a frase é apenas descritiva - mas acrescenta, cito, “enquanto que da operação, ele não sabe nada”². E talvez seja esta a ignorância ou a nova ingenuidade do final que importa: não é o não saber do Inconsciente, mas o não saber da “operação” para quem acaba de realizar o ato analítico. É sem dúvida a isso que ele também se referia quando qualificou os analistas, recém-saídos de sua análise, que vinham falar com ele, como “rinocerontes numa loja de porcelana”. Ignorância provisória, esperamos, e que seja, portanto, reduzida como a quebra do rinoceronte.

Tradução: Miriam Pinho-Fuse

² « La passe est ce point où d'être venu à bout de sa psychanalyse, la place que le psychanalyste a tenue dans son parcours, quelqu'un fait ce pas de la prendre. Entendez bien, pour y opérer comme qui l'occupe, alors que de cette opération il ne sait rien, sinon à quoi dans son expérience elle a réduit l'occupant » [O passe é esse ponto em que, tendo chegado ao fim da própria análise, alguém dá o passo de assumir o lugar que o psicanalista ocupou em sua jornada. Entenda bem, operar ali como alguém que o ocupa, enquanto dessa operação ele nada sabe, exceto ao que em sua experiência reduziu o ocupante.]. Lacan, J. « Discours à l'EFP », proferido em 6 de dezembro de 1967 e publicado em *Scilicet*, nº 2/3, 1970, p. 25.

Disponível em : [https://www.cartels-constituants.fr/images/documents/4123%20\(1\).pdf](https://www.cartels-constituants.fr/images/documents/4123%20(1).pdf)

PRÓXIMOS EVENTOS



**VIo Simpósio Interamericano dos O Fóruns do Campo
5-6 de julho de 2025 - Buenos Aires**

"O analista e o clínico"

**Jornada de Escola
4 de julho de 2025**

**"Reinventar a psicanálise:
Uma escola para ativar, através da repetição, o novo"**

Jornada Interamericano de Escola

REINVENTAR A PSICANÁLISE:

Uma escola para ativar, através da repetição, o novo

APRESENTAÇÃO

“Reinventar a psicanálise” foi o que Lacan¹ afirmou em 1978, para dizer o que todo psicanalista está “forçado” a fazer, devido ao fato extremamente “fastidioso” de que a psicanálise é “intransmissível”. Ele o faz no contexto da pergunta sobre qual a transmissão possível, a partir de um testemunho sobre “o modo como alguém se torna analista”, isto é: o que faz com que, depois de ter sido analisante, alguém se torne analista. Ou seja, a questão que tentou responder pela *Proposição*² de 1967 que instaurava o dispositivo do passe.

O fastidioso, para Lacan, é tanto a intransmissibilidade da psicanálise quanto seu efeito, que ele sublinha ser algo que “faz falta”: essa reinvenção a que, cada analista será forçado. E é justamente a essa questão que ele atribui sua declaração anterior de que o passe o havia “decepcionado”.

Mas o que será necessário que cada um de nós, psicanalistas, reinvente? Eis a indicação de Lacan: é preciso reinventar “o modo como a psicanálise pode perdurar”; algo que cada analista deve fazer “de acordo com o que tenha alcançado extrair, pelo fato de ter sido psicanalisante, por um tempo”. Esses são temas os quais Lacan assinala que havia tentado dar “um pouco mais de corpo”, com suas escrituras, como as do Outro.

Podemos usar a expressão de Lacan para destacar o que propusemos ao organizar a **VI Jornada Interamericano de nossa Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano**: alentar, animar, avivar, produzindo “um pouco mais de corpo” ao trabalho de Escola em torno daquilo que Lacan nos convida a reinventar. Algo poderá se tornar fastidioso, mas o que segue e seguirá fazendo falta é estarmos dispostos; certamente não desde o fastio, mas através do entusiasmo em colocar em perspectiva o que está em jogo: “ativar, na repetição, o novo”.

Dyhalma Ávila

Tradução: Ida Freitas

¹ Lacan, J. (1978). Clôture du congrès de l'école freudienne de parissur la transmission de la psychanalyse. Texto não publicado.

² Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola.

In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



IV Convenção Europeia da EPFCL
13-15 de julho de 2025 – Veneza, Italia

“o sintoma na psicanálise”

Jornada de Escola

“O passe: experiência e testemunhos”

12 de julho de 2025 – veneza

Experiência:

A filosofia, desde tempos imemoráveis, se preocupou em determinar a articulação entre experiência e saber: aquilo que a precede, ou mesmo a condiciona, aquilo que está depositado nela e o que pode ser transmitido a partir dela. Os debates e as polêmicas têm-se sucedido de século em século, sem, no entanto, concluir a precedência de um sobre o outro. Qualquer mediação que permitiria aceder ao vivo da experiência permanecerá do lado do semblante, e nada esgotará seu real.

A ciência, ao instaurar a experimentação como medida possível da verdade, não pode, no entanto, instaurar um discurso que não seria do semblante.

“Experiência” é um termo polissêmico, sua tradução para o alemão reflete seus diferentes valores: *Erlebnis* refere-se à experiência vivida e sua contingência, *Erfahrung*, “travessia” indica seu valor de processo e, finalmente, *Experiment* denota experimentação.

A experiência psicanalítica envolve estas diferentes dimensões.

O acontecimento Freud instalou no mundo um novo saber, o inconsciente, a partir de uma experiência, concebida por ele como experiência de fala. Ele elaborou um dispositivo “experimental” ordenado pelo processo que Lacan sublinhará como o “processo freudiano” que envolve os efeitos estruturais descobertos na transferência. A operação “do analista” pode conduzir a uma subversão em relação ao saber e ao gozo que se desloca na transferência.

O ensino de Lacan, que aplica a testemunhar disso que ele chama insistentemente de “a experiência da análise”, precisando as condições, formalizando sua estrutura, implica seus efeitos e dela deduz o matema do Discurso que a instaura. Ele vai delinear o que a experiência pode produzir como fim, do qual ele distingue a “experiência do passe”, passagem do psicanalisante a psicanalista, condição para advir o ato analítico. A proposta do dispositivo do passe aposta que esta experiência não seja inefável e que a Escola pode recolher os testemunhos eventuais.

Testemunho:

“testimonium” em latim deu origem a *testamento, atestar, contestar, protestar...* todas estas derivações indicam claramente um impacto performativo que se encontra no Dizer do testemunho, como um ato de enunciação que teria valor de prova. Testemunhar é transmitir um “saber da experiência” de um vivido por um totalmente só, convocada a falar para afirmar essa experiência única perante um outro suposto validar este real ou não.

A justiça e a história colocaram a função do testemunho no coração dos seus processos, sublinhando o seu aspeto paradoxal: como o vivido de um pode instituir uma certeza?

As guerras, o holocausto e os traumatismos em geral, precipitam o testemunho num outro dilema: entre a impossibilidade e a urgência de dizer.

Passe:

Propondo o passe como um acontecimento clínico e como dispositivo de “garantia” de analista, Lacan propõe um enodamento entre a experiência e o testemunho, a provação e a prova. A experiência inédita do passante se apresenta de repente como urgência de um testemunho que toma a Escola como testemunha. Os passadores são também surpreendidos por esse enodamento entre testemunho e experiência. O cartel por sua vez, embora nomeado como júri por Lacan, não sai ileso da experiência da qual ele é testemunha e pela qual ele deve se responsabilizar.

A Convenção Europeia do EPFCL em Veneza oferece-nos uma nova oportunidade de colocar nossa comunidade de experiência à prova de nossos testemunhos.

Membros europeus do CIG 2023-2024

Tradução: Elynes Barros Lima
Revisão: Gláucia Nagem de Souza

WUNSCH 25 foi editada pelo CIG (2023-2024), graças à comissão de Wunsch composta por Carolina Zaffore, Dominique Fingermann, Glaucia Nagem e Pedro Pablo Arévalo, que organizou a recepção e distribuição dos textos.

As equipes de traduções foram coordenadas por Anne-Marie Combres, Rebeva García, Diego Mautino, Glaucia Nagem, Pedro Pablo Arévalo e Susan Schwartz.

Agradecemos a Nicolas Bendrihen, Lucile Cognard, e Mikel Plazola, que se encarregaram da revisão, edição ou publicação.

AGRADECIMENTOS

O CIG 2023-2024 agradece afetosamente a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

Tradutores em língua francesa

Anne-Marie Combres, Lina Puig, Magali Raynaud, Martina Blatché, Sophie Rolland-Manas.

Tradutores em língua espanhola

Alejandro Rostagnotto, Ana Alonso, Francisco Santos, Mikel Plazaola, Pedro Pablo Arévalo, Pepa Cabrillas, Rebeca García.

Tradutores em língua portuguesa

Andrea Hortélio Fernandes, Beatriz Chnaiderman, Beatriz Oliveira, Daniele Guilhermino Salfatis, Elynes Barros Lima, Glaucia Nagem de Souza, Lia Silveira, Leonardo Assis, Luciana Guareschi, Luis Guilherme Coelho Mola, Maria Cláudia Formigoni, Míriam Ximenes Pinho-Fuse, Sheila Skitnevsky Finger, Tatiana Carvvalho Assadi, Viviana Senra Venosa

Tradutores em língua italiana

Susanna Ascarelli, Alessandra Aversano, Maria Luisa Carfora, Nathalie Dollez, Luna Franconi, Isabella Grande, Mélanie Jorba, Diego Mautino, Laura Milanese, Maria Rosaria Ospite, Maria Domenica Padula, Dayanna Solis, Cristina Tamburini, Sofia Tomei, Maria Teresa Maiocchi

Tradutores em língua inglesa

Chantal Degril, Daniela Avalos, Deborah McIntyre, Devra Simiu, Diana Correa, Elisa Querejeta Casares, Esther Faye, Gabriela Costardi, Nathaly Ponce, Márcia Carolina Macêdo, Pedro Pablo Arévalo, Sebastián Báquiro Guerrero, Susan Schwartz.

SUMÁRIO

Dominique Touchon Fingermann (França), <i>Editorial</i>	3
---	---

CONTRIBUIÇÕES DOS MEMBROS DO CIG 2023-2024

Carolina Zaffore (Argentina): <i>A prática analítica do passante</i>	7
Dominique Touchon Fingermann (França) <i>A posterior: a provação do testemunho</i>	10
Anastasia Tzavidopoulou (França): <i>Cartel do passe, experiência de um compartilhamento</i>	13
Anne-Marie Combres (França): <i>Da ignorância ao insabido?</i>	15
Didier Castanet (França): <i>O testemunho, entre verdade e ato</i>	17
Glaucia Nagem (Brasil): <i>O passe na Escola de Lacan e na nossa</i>	20
Martine Menès (França): <i>Saber e ignorância nos cartéis do passe</i>	23
Mireille Scemama (França): <i>Não há amor feliz, não há passe perfeito</i>	25
Pedro Pablo Arévalo (Espanha): <i>Por que o passe?</i>	27
Radu Turcanu (França): <i>Breves considerações sobre o Simpósio do Passe realizado em 2024</i>	29
Rebeca Garcia (Espanha): <i>Um estilo diferente: “a falha pela qual tentei fazer passar meu passe”</i>	31
Teresa Trias (Espanha): <i>Urgências subjetivas e finais de análise?</i>	33

HOMENAGEM

Agradecemos à nossa colega Beatriz Maya, que nos cedeu um texto de Ricardo Rojas, falecido em 27 de setembro de 2024. O CIG 2023-2024 honra com uma seu compromisso e trabalho compartilhado:

<i>“Luto e satisfação no final?”</i>	37
--	----

“SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA”

VIII ° ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA, 2 DE MAI DE 2024, PARIS

Abertura : Dominique Touchon Fingermann (França)	45
Elynes Barros AE (Brasil) : <i>O que se pode saber numa análise?</i>	47
Rebeca Garcia (Espanha) : <i>O que ressoa de uma experiência</i>	50
Nicolas Bendrihen (França) : <i>Cicatriz dos efeitos do acaso?</i>	53
Constanza Lobos AE (Argentina) : <i>Querer um saber furado</i>	55
Anne Marie Combres (França) : <i>Ponto de passagem?</i>	58
Mikel Plazaola (Espanha) : <i>Efeitos da passagem da ignorância ao saber sobre a experiência do passe</i>	60
Dimitra Kolonia AE (França) : <i>Surpresas do fim</i>	64
Marie-José Latour (França) : <i>Trabalhar para a incerteza</i>	67
Ana Laura Prates Pacheco (Brasil) : <i>Para uma janela aberta sobre o passe</i>	70
Christelle Suc AE (França) : <i>Da elocubração ao impensado: de novo?</i>	72
Armando Cote (França) : <i>O elogio do não saber e suas relações com a verdade</i>	73
Carolina Zaffore (Argentina) : <i>Qual o efeito didático na passagem à analista?</i>	77

Pontuações

Anastasia Tzavidopoulou (França) <i>O que o relâmpago deixa na sombra</i>	80
Colette Soler (France) <i>Ponto de vista</i>	82

PRÓXIMOS EVENTOS	84
-------------------------------	----

AGRADECIMENTOS	89
-----------------------------	----

